

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
1.1 História da América Latina.....	4
1.2 História de Portugal	10
1.3 História Política.....	17
1.4. A função da Universidade Brasileira.....	21
2. AS RAZÕES PARA A ESCOLHA DA AMÉRICA LATINA	26
2.1 A Teologia da Libertação.....	27
2.2 O ingresso na UFSC	32
2.3 O Mestrado no México.....	33
2.4 Criação do Núcleo de Estudos de História da América Latina (NEHAL).....	39
2.4.1 Breve relatório sobre as atividades do NEHAL	41
2.5 A criação do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA)	45
2.5.1 Os objetivos do IELA.....	45
2.5.2 A presidência do IELA	46
3. ATIVIDADES DE ENSINO NA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO	47
3.1 Disciplinas ministradas na Graduação	48
3.1.1 Estudos de Problemas Brasileiros I e II	48
3.1.2 História Econômica e Social da Região Andina – O militarismo na década de 1970.....	48
3.1.3 História Política, Econômica e Geral do Brasil	48
3.1.4 História Econômica Geral.....	49
3.1.5 História da América Independente.....	49
3.1.6 História Contemporânea II	50
3.1.7 As Relações dos Estados Unidos com a América Latina: história, política, economia e estratégia – período: 1945-1990.	50
3.1.8 História do México Contemporâneo: da Revolução Mexicana ao ano 2000	50
3.2 Disciplinas ministradas na Pós-Graduação.....	51
3.2.1 América Latina: pensamento político e literário.....	51

3.2.2 Seminário de Dissertação	51
3.2.3 Imperialismo e democracia na América Latina	51
3.2.4 Imperialismo, democracia e cultura na América Latina.....	52
3.2.4 Seminário da linha de pesquisa: <i>Políticas da escrita, da imagem e da memória</i>	52
3.2.5 Seminário da linha de pesquisa: <i>Política, sociedade e cultura no mundo contemporâneo</i>	52
4. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA GRADUAÇÃO - ORIENTAÇÕES DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)	53
5. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO – NÍVEL DE MESTRADO	56
6. ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO – NÍVEL MESTRADO.....	57
7. ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO – NÍVEL DOUTORADO	58
8. ATIVIDADES DE PRODUÇÃO INTELECTUAL	58
8.1 Artigos publicados em periódicos indexados	58
8.2 Capítulos de livros	62
8.3 Organização de livros e revistas	63
8.4 Autoria de livros	66
8.5 Prefácios e apresentações de livros.....	66
8.6 Publicação em anais de eventos	68
8.7 Publicações em revistas não indexadas, jornais e boletins do Brasil e do exterior.	70
9 ATIVIDADES DE EXTENSÃO	79
9.1 Organização e participação em eventos.....	79
9.2 Organização de cursos para a Pós-Graduação	84
9.3 Organização de curso para a Graduação.....	85
10. COORDENAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA	85
11. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE CONCURSOS PÚBLICOS, DE MESTRADO E DE DOUTORADO	92
11.1. Participação em bancas de concursos públicos.....	92
11.2. Participação em bancas de mestrado	92

11.3.	Participação em bancas de doutorado.....	94
12.	ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO	94
13.	APRESENTAÇÃO DE CONFERÊNCIAS, PALESTRAS E CURSOS.....	95
13.1.	Conferências e palestras.....	95
14.	ASSISTÊNCIA A EVENTOS.....	98
15.	CURSOS DE CURTA DURAÇÃO.....	102
16.	PRÊMIOS POR ATIVIDADES ACADÊMICAS	102
17.	PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES EDITORIAIS	103
18.	EXERCÍCIO DE CARGOS EM COLEGIADOS CENTRAIS	106
19.	ATUAÇÃO NA MÍDIA.....	106
13.	ATUAÇÃO NO SINDICATO DOS PROFESSORES DA UFSC.....	112
21.	À GUISA DE CONCLUSÃO.....	116
22.	BIBLIOGRAFIA	118

ANEXOS – em CD

Memorial de Atividades Acadêmicas

1. APRESENTAÇÃO

Apresento, neste Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA), minha atuação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ao longo de trinta e cinco anos (1980-2015), durante os quais trabalhei como professor, atuando nos campos da pesquisa, do ensino, da extensão e da administração, preponderantemente em quatro linhas gerais da história: História da América Latina, História de Portugal e suas relações com o Brasil (ambas, nas suas contemporaneidades), História Política e a função social da Universidade Brasileira.

Procurei desenvolver, a par da carreira profissional, o papel do intelectual, levando à sociedade uma visão crítica sobre os acontecimentos locais, regionais e internacionais. Para tanto, utilizei-me da mídia, sempre que possível, para chegar a um público maior, tentando, no dizer de Edward Said, “desafiar e derrotar tanto um silêncio imposto quanto a quietude normalizada do poder invisível onde quer e sempre que possível”.

O fato de atuar em uma universidade pública, com liberdade de cátedra e estabilidade no emprego, faz com que nada arrisquemos e apenas devolvamos à sociedade o “novo”, que agora toma conta, também, da América Latina.

1.1 História da América Latina

No tocante à América Latina, dediquei-me ao estudo das relações internacionais entre seus países, tendo como ponto de partida a ditadura militar brasileira. Sob o título *Análisis de la política exterior brasileña hacia América Latina*

(Período: 1964-1985), defendi, em 1991, minha dissertação de mestrado no curso de Estudos Latino-Americanos – História –, da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais (FCPyS), da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), sendo aprovado com a menção honorífica e condecorado com a medalha Gabino Barreda, por ter sido avaliado com a qualificação máxima em todas as disciplinas, bem como na apresentação final do trabalho. Para tanto, tive a orientação do prof. John Saxe-Fernández, autor de uma importante obra sobre as relações dos Estados Unidos com a América Latina, principalmente no que diz respeito ao uso do estratégico petróleo do México para os interesses militares do Pentágono.

Na referida dissertação, busquei, desde uma perspectiva dos arquivos mexicanos, entender as relações entre os países latino-americanos, dando-me conta de um componente importante nas tomadas de posições entre os mesmos: a forte presença do Departamento de Estado, de Washington. O afastamento ou a aproximação do Brasil da América Latina está diretamente ligada às suas relações com os Estados Unidos, já que na medida em que Brasília se distancia de Washington, ela se acerca das nações latino-americanos e, em contra partida, quando se coloca perto dos Estados Unidos, ela se afasta dos hispano-americanos.

Sob o ponto de vista teórico, trabalhei com a tese do subimperialismo brasileiro regional, apresentada por Ruy Mauro Marini em seu livro *Subdesarrollo y revolución*. O subimperialismo tem sua explicação na nova divisão internacional do trabalho que atribuiu a alguns países periféricos a participação na produção de bens de consumo duráveis e inclusive bens de capital. Porém, sem fazê-lo nas etapas superiores, que requerem grandes recursos financeiros e tecnologia de ponta. Ao mesmo tempo, os países capitalistas avançados aperfeiçoaram os mecanismos de controle financeiro e tecnológico sobre o conjunto do sistema, propiciando tendências à concentração e à centralização da acumulação capitalista, ainda que agora também em benefício de nações de composição orgânica intermediária.

As manifestações do subimperialismo brasileiro aparecem, por exemplo, na participação ideológica e logística do país na derrubada de Torres na Bolívia, assumindo uma atitude mais contra revolucionária que os próprios Estados Unidos; no assalto às reservas de ferro de Mutun e ao gás boliviano, antes que a Argentina o fizesse, não obstante todo o existente em nosso território; nos créditos investidos e concedidos pelo Banco do Brasil ao novo ditador boliviano, Hugo Bánzer; nos preparativos militares e estratégicos para invadir o Uruguai, caso o governo daquele país não controlasse o grupo guerrilheiro Tupamaro, bem como na pretensão da Petrobrás de tornar-se dona de seu subsolo; na exportação de capitais brasileiros, principalmente através do Estado, em alguns casos associado a grupos financeiros estrangeiros, com o objetivo de explorar as riquezas de outros países; na participação, antes, durante e depois da queda de Salvador Allende e, por último, na criação de uma zona de segurança pelos países do Cone Sul – sendo o Brasil o seu principal líder – com o fim de liquidar todo e qualquer movimento organizado, indicando que a política externa brasileira trabalhava em conexão com os interesses estadunidenses, objetivando ampliar os mercados para seus produtos manufaturados, controlar fontes de matérias primas, exportar capitais e repartir zonas de influência na região.

Concluo a dissertação, analisando a política externa do governo Collor de Mello, embora estivesse há pouco tempo no poder, mas que já esboçara seus rumos na primeira entrevista nacional e internacional, no final de dezembro de 1989, quando destacou dois pontos: um explícito, que fora a quase irretocabilidade da política externa brasileira; outro implícito, que logo se tornaria claro, que fora a primazia do Primeiro Mundo sobre o Terceiro.

Sobre a América Latina, aponte algumas características do governo Collor de Melo que se resumiam nos seguintes pontos:

1. Alinhamento automático com os Estados Unidos no continente, com possibilidade de alguma fricção relacionada ao comércio exterior ou à dívida externa.

2. Posição ambígua, ao participar e apoiar organismos regionais e internacionais de integração, e ao mesmo tempo buscar soluções bilaterais com os países da América Latina e outras regiões do mundo, para tirar maior proveito.
3. Continuação de seu projeto hegemônico implícito para com a América Latina, dando especial atenção aos mercados internos desses países, face à necessidade de venda de produtos manufaturados do parque industrial brasileiro.
4. Aproximação aos países da Comunidade Econômica Européia em prejuízo da integração regional.
5. Defesa dos princípios de não intervenção e autodeterminação dos povos, com respeito aos conflitos centro-americanos e caribenhos, evitando qualquer exigência mais contundente de respeito à soberania desses povos e Estados, já que reconhece tacitamente essa região como de absoluta influência estadunidense.
6. Manutenção de relações mais formais que reais com Cuba, já que o motivo da ruptura entre ambos, em parte, persistia: o da suposta intromissão de Havana nos assuntos internos do país por meio da exportação de sua revolução.

A dissertação foi publicada, em vários artigos, em revistas de história e suplemento específico de jornal (Vide anexo 1)¹.

Posteriormente, passei a estudar a história do México e, de modo especial, a sua Revolução de 1910. Ocorre que a historiografia mexicana sempre dedicou um grande espaço à sua Revolução, mas a partir das décadas de 1960 e 1970 começam a surgir novas interpretações deste evento, assim como o resgate de alguns de seus personagens, até então marginalizados e tratados de forma preconceituosa. O livro do historiador Adolfo Gilly, *La revolución interrumpida*, por exemplo, mostra não apenas como o processo revolucionário é o resultado de um extraordinário avanço de um

¹¹Informo que alguns comprovantes dos anexos, por força do tempo e por conta de perdas de documentos nos departamentos da universidade, não puderam ser agregados.

capitalismo primário-exportador que aprofundou a dependência do país em relação aos centros desenvolvidos incentivando uma guerra de classes, mas também a periodização completa do ciclo revolucionário de 1910 a 1920 e sua correlação com a conjuntura mundial. Para Gilly, a *curva da revolução* ocorreu em dezembro de 1914, quando as forças camponesas tomam a capital do país. Se para a história oficial a Revolução Mexicana termina em 1917, para outros ela vai até 1920, com a retirada de Villa e o assassinato de Zapata um ano antes.

Com a Revolução de 1910, inicia a Idade Contemporânea para a América Latina. Isto porque, como demonstra o historiador austríaco Friedrich Katz, em sua monumental obra *La guerra secreta en México*, esta revolução teve um alcance nacional, continental e mundial. Se a Revolução Francesa conseguiu abolir o sistema feudal, abrindo caminho para uma sociedade burguesa moderna, e criou um *modelo universal* (como apontou Marx) de sistema político, ou seja, a forma clássica e paradigmática do moderno Estado democrático burguês; se a Revolução Russa logrou eliminar o regime político czarista e, sobretudo, superou uma realidade de servidão camponesa, criando, pela primeira vez na história da humanidade, um sistema social não capitalista; a Revolução Mexicana – *interrompida* ou *traída* – derrotou a hegemonia de uma oligarquia, substituindo-a por uma burguesia agrária, desencadeando mudanças significativas na economia, na política, na diplomacia, no campo sócio cultural e nas relações entre Estado e Igreja. Tanto que a Constituição Mexicana de 1917, considerada a mais avançada do mundo até então no que toca às conquistas sociais e à afirmação do Estado laico, influenciou a maioria das constituições latino-americanas elaboradas posteriormente. Assim, é fato que o alcance da Revolução Mexicana ultrapassa, de longe, as suas fronteiras físicas.

A Revolução Mexicana também chamou a atenção das principais potências mundiais da época pelas dimensões do processo revolucionário e por ocorrer em um país subdesenvolvido ao lado de um país desenvolvido. As pressões internacionais sobre os programas e as políticas da Revolução Mexicana por parte da Alemanha, da

Inglaterra, da França e do Japão tinham como finalidade disputar com os Estados Unidos a hegemonia sobre a América Latina. Por isso, nada mais oportuno e histórico que se utilizar desse evento para auferir vantagens nas relações internacionais. Por outro lado, o México era um país rico, principalmente em *commodities*, destacando-se na produção de minerais e de petróleo.

As disputas e as rivalidades entre as potências mundiais já se davam no México mesmo antes do início da Revolução. A ditadura de Porfirio Diaz, querendo sair do predomínio dos investimentos estadunidenses, procura acercar-se dos europeus, convidando-os a aplicar seus capitais no país. Essa atitude irrita profundamente o governo de Washington que, baseado em seu “destino manifesto”, considerava o México como território de sua esfera de influência. A elite governante mexicana tomou a atitude de se distanciar dos investimentos dos Estados Unidos – segundo Friedrich Katz – pelos seguintes motivos: a) porque tinha um envolvimento maior com os europeus que com os estadunidenses; b) porque as companhias européias, menos solidamente estabelecidas, costumavam aceitar mais facilmente as propostas dos “científicos” de participação como sócios das mesmas; c) porque o predomínio de Washington era incompatível com o conceito de desenvolvimento econômico que tinham os próprios “científicos”. Por isso, a sua estratégia de afastamento e, concomitantemente, a inevitabilidade da vizinhança que se levou a atribuir a Porfirio Diaz a frase tão conhecida: “O México está tão longe de Deus e, ao mesmo tempo, tão perto dos Estados Unidos.”

No livro *América Latina no limiar do século XXI*, escrevo o capítulo “O centenário da Revolução Mexicana”, na qual abordo, com mais profundidade os temas acima citados, mostrando, inclusive, como a Revolução adotou, em relação aos povos originários, uma verdadeira estratégia de desindianização, ou seja, uma negação da civilização mesoamericana. É um projeto substitutivo que não propõe o desenvolvimento da cultura real das maiorias, mas tão somente seu desaparecimento

como único caminho para que se generalize a cultura do México *Imaginário*. É um projeto no qual se afirma ideologicamente a mestiçagem, afiliando-se totalmente a uma só das vertentes da civilização: a ocidental. Antes que derrotar a Porfírio Díaz, a Revolução Mexicana pretendeu vencer a Emiliano Zapata, ou seja, aquele que representou de modo mais genuíno as reivindicações indígenas (Vide anexo 2).

Tenho oferecido, no curso de história, o tópico especial *História do México Contemporâneo: da Revolução Mexicana ao ano 2000*. Muitos alunos têm se matriculado nesta disciplina e a mesma tem estimulado alguns a pesquisar sobre temas referentes ao México. Oriente, neste momento, um estudante que trabalha a política externa do governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940).

1.2 História de Portugal

A motivação que me levou a estudar Portugal foram as comemorações dos 500 anos do “encontro de dois mundos”, propostas por Lisboa e prontamente aceitas por Brasília. Para isso se criou uma comissão luso-brasileira que dispunha de um significativo orçamento, destinado a marcar com pompa e gala o “grande feito histórico”. Enquanto por parte do Brasil coube ao vice-presidente da República Marco Maciel coordenar a comissão, em Portugal foi escolhido o ex-presidente Mário Soares.

Maciel fez um chamamento ao povo brasileiro para que se preparasse para “comemorar os cinco séculos do encontro de duas civilizações”. E resgatava o pensamento conservador de Gilberto Freyre sobre o “êxito do grandioso processo de miscigenação e crescimento de que nasceu a mais bem sucedida civilização dos trópicos”. Em seguida, Maciel apresentava o Brasil como um país que tem um grande destino histórico e falava da significativa contribuição à convivência harmônica “de tantas raças, de muitas origens e de várias culturas”.

Como já havia acompanhado de perto as críticas dos intelectuais mexicanos ao Estado e ao governo daquele país, quando aceitaram o convite da Espanha para realizar festa semelhante, em 1992, sugeri ao prof. Nildo Ouriques, do Departamento de Economia da UFSC, com doutorado pela UNAM, a criação de um grupo de pesquisa para a elaboração de um livro crítico sobre tais festejos para que com ele fizéssemos um trabalho militante de conscientização em todo o Brasil. Convidamos, para participar do livro, a D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, região altamente conflituosa no que toca à questão agrária; a Egon Dionísio Heck, missionário que trabalhava na área indígena Raposa/Serra do Sol, em Roraima; a Heinz Dieterich Steffan, professor da Universidade Autônoma Metropolitana do México e presidente do “Foro para a Emancipação e Identidade da América Latina”; a Luis Javier Garrido, docente da UNAM e assessor do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) nos Diálogos de Paz de San Andrés; a Marcos Rodrigues da Silva, professor e militante do movimento afro-brasileiro.

O livro, *Os 500 anos – uma conquista interminável* (6ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2001, 120 páginas), lançado em 1999, chegou à sexta edição logo em 2001. Os organizadores transformaram o trabalho em um instrumento de militância acadêmica e política, realizando debates de norte a sul e de leste a oeste, atendendo convites, desde uma simples escola primária do interior do Brasil à Bienal do Livro em São Paulo. A mesa redonda que a Vozes promoveu na Bienal foi bastante concorrida, participando dela três autores cujas obras tratavam das “comemorações”. Entre eles, Leonardo Boff (*Depois de 500 anos, que Brasil queremos?*), Waldir Rampinelli (*Os 500 anos – a conquista interminável*) e Oscar Beozzo (*500 anos de evangelização na América Latina*). Nosso trabalho não apenas foi o que mais atraiu o interesse do público em questão de debate e de vendas, como também o mais elogiado pelos dois integrantes da mesa, já que este era o livro que adotava uma visão crítica do tema.

Os *500 anos* teve, também, uma boa aceitação entre o público português, pois a filial da Editora Vozes em Lisboa fez a distribuição por todo o país. Ao comemorar seu primeiro ano em Portugal, Vozes fez divulgação de sua editora expondo três livros importantes à seu juízo, sendo um deles *Os 500 Anos* (Vide anexo 3).

A partir desta experiência acadêmica e política, resolvi trabalhar as relações diplomáticas do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961) com a ditadura salazarista, assim como todo o apoio político brasileiro dado na manutenção do império colonial português ultramarino. Embora JK adotasse uma política externa progressista para com a América Latina, consubstanciada na estratégica Operação Pan-Americana (OPA), no tocante a Lisboa, ele respaldou integralmente o colonialismo lusitano, por conta de razões de ordem ideológica, afetivo-histórica, eleitoral e religiosa.

O Brasil chegou a apoiar a posição portuguesa dentro da ONU, principalmente na Quarta Comissão, onde se travava o debate referente à colonização, chegando o nosso representante – Donatello Grieco² – a afirmar taxativamente que “tocar em Portugal era tocar no Brasil”. E endossava a tese de Salazar de que o país não possuía colônias, mas províncias ultramarinas, recorrendo inclusive à história dos dois países ao lembrar que quando D. João VI se estabelecera no Rio de Janeiro, em 1808, nenhum decreto fora expedido para que se fizesse tal transferência, já que “na lei portuguesa o Brasil era Portugal”, assim como hoje é Portugal qualquer território português na África ou na Ásia³. “Essa posição brasileira foi mantida na sessão seguinte da Assembléia Geral das Nações Unidas (XII), e na sessão de 1958 (XIII) o Brasil votou contra a prestação de informações relativas aos territórios ultramarinos portugueses. Na sessão da Assembléia Geral de 1960 (XV) o embaixador brasileiro

² Calvet de Magalhães avalia que essa defesa apaixonada de Grieco tivesse como objetivo conseguir do governo português a condecoração da *Ordem Militar de Sant'Iago da Espada*, destinada às pessoas que se destacassem por seu trabalho literário, científico ou artístico. MAGALHÃES, José Calvet de. Entrevista concedida ao autor. Lisboa, 29 mar. 2001.

³Vigorosa intervenção de Donatello Grieco em nome da delegação brasileira na ONU proclamando a missão civilizadora de Portugal. **Diário de Notícias**, p. 1-2, Lisboa, 3 jan. 1957.

nas Nações Unidas, Freitas Vale, atacou a proposta soviética para a imediata independência de todos os territórios não-autônomos, qualquer que fosse o grau da sua preparação.

As primeiras mudanças do Brasil em relação ao colonialismo lusitano começam com o governo de Jânio Quadros. Depois de Portugal recusar uma proposta brasileira de examinar a possibilidade de um calendário, quando em um espaço mais ou menos longo fossem analisadas e apresentadas soluções para a questão colonial, o Brasil votou favoravelmente (estando na Presidência João Goulart, que mantivera o princípio da descolonização) a uma resolução apresentada no Conselho de Segurança da ONU que solicitava que Portugal reconhecesse imediatamente o direito à autodeterminação e à independência de suas colônias. Terminava, desse modo, para Lisboa o apoio tão valioso que o Brasil lhe havia prestado durante todo o governo de Juscelino Kubitschek.

Com o título *A política externa de Juscelino Kubitschek: as relações perigosas entre o nacional-desenvolvimentismo e o colonialismo português*, defendi minha tese de doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), em 2003. Trabalhei, sob o ponto de vista teórico, com o conceito de Estado nação para explicar as políticas do governo de JK.

As pesquisas nos arquivos portugueses me levaram a entender, também, a importância da teoria luso-tropicalista de Gilberto Freyre na afirmação do colonialismo lusitano no pós segunda guerra mundial, quando os ventos da mudança sopravam com mais força e repercutiam na ONU. As teses de Freyre caíram como uma luva para o Estado Novo português – principalmente a partir de 1950 –, chegando-se a introduzir o estudo das mesmas no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU), a escola criada por Adriano Moreira com a finalidade de formar uma elite para administrar as colônias. Desse modo, a doutrina do sociólogo brasileiro passa a ser sistematicamente ministrada em um estabelecimento de ensino superior

português, gerando numerosos trabalhos teóricos e de campo. Com base em tais conceitos, legitima-se historicamente a ação colonizadora portuguesa, contrapondo ao discurso da racionalidade econômica outro, calcado nos valores culturais, civilizacionais e cristãos. “Não fossem os seus livros e a nova concepção que eles me deram de ‘cultura portuguesa’ ou ‘cultura tropical’ – diz um luso-indiano a Freyre – e eu seria hoje o mais feroz dos separatistas, dos anti-lusitanos e dos nacionalistas pró União Indiana”.

Freyre, convidado pelo ministro do Ultramar Sarmiento Rodrigues – não sem antes consultar a Salazar – fez uma longa viagem a Portugal e às *províncias ultramarinas*. O périplo começa em agosto de 1951 e se prolonga até fevereiro do ano seguinte. Freyre visita todas as colônias portuguesas, à exceção de Timor e Macau. Embora as razões apresentadas para não conhecê-las fossem o problema da distância, na verdade tratava-se de questões meramente políticas. Em o Timor vivia-se uma fase de reconstrução seguida de uma forte repressão por parte da administração lusitana, o idioma português era apenas falado por grupos minoritários e a mestiçagem não ocorrera em escala ascendente. Tampouco interessaria mostrar Macau, já que ali o poder real se concentrava nas mãos dos comunistas chineses e não nas dos portugueses. A República Popular da China permitia a manutenção do *status quo* de Macau porque lhe interessava como porta de entrada dos produtos ocidentais.

Tão dirigido e controlado foi o itinerário que, à medida que Freyre se deslocava de um ponto a outro, a diplomacia portuguesa e o Ministério Ultramarino enviavam orientações de como proceder com o *ilustre visitante*, desde o cuidado na escolha das pessoas que deveriam acompanhá-lo, passando pela seleção dos lugares nos quais se hospedaria, chegando até a programação das conferências.

Essa vinculação teórico-política de Freyre com a ditadura salazarista suscitou duras críticas dentro do Brasil. Raquel de Queirós comenta que o *brasileiro ilustre*, ao passar por Angola, pouco ou nada viu da realidade dessa terra africana. Afinal, “tão bem entretido com cantorias e discursos, que os ouvidos lhe cerraram também, não

deixando escutar os gemidos e os ais dos que padecem oprimidos”. E continua Raquel a explicar que o visitante provavelmente não foi enganado, pois é “homem muito agudo, muito acostumado a enxergar longe, através de vários obstáculos; o que houve, talvez, é que ele tinha as vistas voltadas para o passado, e só o passado cuidado de examinar”. E faz uma crítica muito pertinente e atual ao dizer que, “com o vezo do historiador de desprezar tudo que não é de ontem, cerrou o entendimento para a hora presente, sabendo, como sabemos todos, quanto é ela transitória”⁴.

Raquel chama a atenção dos intelectuais para essas “viagens de estudos entremeadas de cortesias oficiais”, já que elas se destinam a legitimar a autoridade que recepciona. E pergunta: “Numa terra onde só se pode ser contra ou a favor, como há de ele se manter neutro, se por toda parte se mostra de mãos dadas com uma das parcialidades – e logo a pior, a que está de cima?”⁵.

Como resultado dessa viagem, Freyre escreveu dois livros no ano de 1953: *Aventura e rotina* e *Um brasileiro em terras portuguesas*. Nessas obras usa pela primeira vez o conceito luso-tropicalista e legitima a política colonial portuguesa, comprometendo-se com o salazarismo.

Para realizar esta pesquisa nos arquivos de Lisboa, tive a preciosa ajuda de dois professores orientadores portugueses, Almerindo Janela Afonso, da Universidade do Minho, e António José Telo, do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, de Lisboa. No Brasil, fui orientado pelo prof. Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, da PUC/SP, que fez sua livre docência sobre nacionalismo e dependência na segunda metade da década de 1950.

Também entrevistei três importantes conhecedores da história contemporânea portuguesa que muito ajudaram em clarear pontos um tanto obscuros da pesquisa. Um deles foi o professor Fernando Rosas, autor de diversos trabalhos sobre o *Estado Novo* lusitano; o outro, Otelo Saraiva de Carvalho, um dos capitães do Movimento das

⁴ QUEIRÓS, Raquel. Por terras de além-mar, **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 130, 5 abr. 1952.

⁵ Idem.

Forças Armadas de Abril de 1974 e que teve uma participação proeminente na queda de seu regime ditatorial fascista; o terceiro, José Calvet de Magalhães, diplomata de carreira e autor da principal obra sobre a política externa de Lisboa para com Brasília. As duas primeiras entrevistas foram publicadas pelas revistas *Lutas Sociais* (PUC/SP) e *Universidade e Sociedade* (ANDES/Brasília).

Minha tese, transformada em livro sob o título *As duas faces da moeda – as contribuições de JK e Gilberto Freyre ao colonialismo português* (Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, 160 p.), suscitou vários debates, inclusive considerações elogiosas de professores brasileiros, portugueses e franceses por meio de resenhas em revistas especializadas e em artigos de jornais.

Roberto Romano, professor de Ética e Filosofia Política da Unicamp, afirmou sobre o livro: “Dois mitos são analisados com maestria por Rampinelli: o de Juscelino e o de Freyre. O autor mostra o quanto nosso amável e simpático “presidente bossa nova”, a quem se atribuíram tantos milagres econômicos e sociais, como o de concentrar 50 anos em 5, colaborou com um dos mais lamentáveis regimes coloniais recentes, o português. Em páginas muito bem documentadas, o autor evidencia os males do colonialismo e como a política externa brasileira deu alento a um doente terminal, morto em abjeção merecida. E não se tratou de um episódio apenas. O presidente JK, recém eleito, proclamou para quem desejasse ouvir: “o meu governo vai aumentar a solidariedade com Portugal no caso de Goa e em todos os terrenos” (citado na página 42) – (*Correio Popular de Campinas*, 22/02/2005).

Por sua vez, Luiz Felipe de Alencastro, titular da cátedra de História do Brasil na Sorbonne, Paris, afirma que *As duas faces da moeda* é “um livro bem documentado [...] demonstra como JK promoveu na ONU e alhures, o colonialismo obtuso e sangrento do ditador Salazar na África e na Ásia. Ignorado, o episódio demonstra incoerência e a irrelevância da diplomacia no debate político brasileiro”. (*O Estado de S. Paulo*, 18/06/2006- Caderno *Aliás*, p. J 3).

René Pélissier, na *Revista Relações Internacionais*, de Lisboa, comenta que *As duas faces da moeda* “parece situar-se na descoberta cruzada da riqueza da documentação existente sobre este episódio nos dois países. É evidente que tem razão para insistir sobre a contradição aparente entre os dogmas proclamados de um lado e de outro do Atlântico Sul. Mas explica-nos porquê e é aí que se torna mais inovador, pois as motivações dos brasileiros na época não eram simples”. (*Relações Internacionais*, set./2009, nº 23).

O livro *As duas faces da moeda* integra o primeiro volume da coleção *Relações Internacionais e Estado Nacional (RIEN)* da Editora da UFSC (Vide anexo 4).

1.3 História Política

A *Escola dos Annales* revolucionou os estudos da história ao abri-la para as ciências humanas em geral, abordando, no dizer profético de Michelet, “a história daqueles que sofreram, trabalharam, definharam e morreram sem ter a possibilidade de descrever seus sofrimentos” (Michelet, 1842, p.8). Mas, por outro lado, a mesma escola cometeu excessos ao desprezar determinados eventos que foram causa de mudanças significativas e profundas, no tempo. Apesar da crítica ao empirismo e da defesa da necessidade da teoria, na prática os *Annales* subestimaram a própria teoria e privilegiaram os métodos e as técnicas de investigação. As teses defendidas pelos *Annales* como uma visão interdisciplinar descambou, em muitos momentos, para o tecnicismo estatístico, demográfico, quantitativista, obscurecendo um panorama global e integrado do todo social e tendendo à especialização; a valorização de uma história naturalizada e do processo de longa duração, desprezando o acontecimento, aproximou os *Annales* do determinismo geográfico; a reivindicação de uma história total evoluiu para uma visão de totalidade de mero somatório; a crítica a uma história puramente política e biográfica mostrou-se inconsistente já que a consequência foi a ausência de qualquer teoria de mudança social. Enfim, a *Escola dos Annales* teve um

papel importante na renovação dos métodos históricos, no enfrentamento ao positivismo e ao teoricismo idealista, mas ao desconsiderar o marxismo não tomou em devida conta que “a história de todas as sociedades, até os dias de hoje, é a história das lutas de classes”.

A nova história política, segundo René Rémond, ao se ocupar do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, inclusive os mais modestos, perdendo, deste modo, seu caráter elitista e individualista e escolhendo as massas como seu objeto central. Ela não está focada na curta duração, mas sim em uma pluralidade de ritmos, nos quais se conectam o instantâneo e o extremamente lento. “É na longa duração”, continua Rémond, “que se irá buscar a história das formações políticas e das ideologias, ou seja, a cultura política, que por sua vez servirá à reflexão sobre os fenômenos políticos, permitindo detectar as continuidades no tempo” A história política dispõe, igualmente, de grandes massas documentais, passíveis de quantificação, tais como dados eleitorais, partidários, decretos de privatizações e outros.

Jacques Le Goff mostra, também, a volta da história política, dizendo que a Escola dos *Annales* tinha razão em combatê-la, pois era superficial, fatural e de visão curta. No entanto, ele afirma que “é preciso construir uma história *do* político que seja uma história do *poder* sob todos os seus aspectos, nem todos os políticos, uma história que inclua notadamente o simbólico e o imaginário.” (Le Goff, 2001, p. 8)

Portanto, a história política tem, também, como objetivo compreender plenamente as condutas políticas e sociais dos grupos superiores que se esmeram em ocultar a presença ativa dos subalternos; iluminar uma profunda e extensa parte do passado que permaneceu escondida por determinação de uma classe dominante; clarear o presente e ajudar a construir um novo futuro.

Na história política, que é multidisciplinar, dediquei-me a entender as razões da implantação das políticas neoliberais no governo de Fernando Henrique Cardoso; a analisar a reprodução das elites na memória do povo e a monumentalização das ruas,

praças e prédios públicos, com seus respectivos nomes, no Estado de Santa Catarina; a estudar a trajetória da APUFSC (Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina), sua luta contra a ditadura militar brasileira e em favor de uma educação libertadora em todos os níveis; e a analisar e denunciar os processos eleitorais no interior da UFSC.

No que toca aos processos eleitorais dentro da UFSC, penso ter dado uma grande contribuição para torná-los mais democráticos, mais representativos e mais legítimos. Ocorre que as eleições na UFSC, da reitoria a uma chefia de departamento, estavam contaminadas pelo clientelismo. Falar em eleições na Universidade Federal de Santa Catarina, para a maioria da sociedade catarinense, significava tratar de um processo transparente, igualitário e democrático. Afinal não se conceberiam que as artimanhas e as jogadas praticadas pelos velhos matreiros políticos se repetissem dentro da Máxima Casa do Saber.

No entanto, os mecanismos de escolha de reitores na UFSC foram o reflexo das eleições que a sociedade fazia, e não o contrário. A Universidade não tem se portado como um laboratório da *res publica* e muito menos como um protótipo de democracia. Isso porque, as oligarquias catarinenses também se reproduziam nos grupos que estavam no poder na UFSC, há quatro décadas. Ambos foram defensores de privilégios e sempre estiveram juntos ao longo da ditadura militar brasileira, defendendo a tal da governabilidade, tanto lá fora como aqui dentro.

Para ser reitor ou reitora da UFSC, o pretendente deveria ser um integrante da classe dominante ou um preposto dela, e não alguém que fosse possuidor de uma autoridade ética e científica, isto é, um intelectual conhecido, respeitado e ouvido. Reitores prepostos não são chamados a opinar sobre política internacional, soberania nacional e desenvolvimento regional. A própria elite que apóia um administrador com tais características, o quer muito mais como síndico do que como uma liderança político-acadêmico-científica.

Roberto Romano que fez o prefácio do *Preço do Voto*, afirmou que “se um reitor mostra-se alheio à produção do saber e do ensino e se age tendo em vista os ditames do poder de Estado, ele representa apenas e tão somente aquele poder no *campus*. Ele é um corpo estranho na comunidade. Se não possui autoridade ética e científica, seu governo é uma intromissão permanente do poder na pesquisa, em prejuízo da mencionada autoridade ética e científica. Se, além disso, o reitor traz para o interior da instituição universitária os interesses dos comprometidos de modo imediato com o poder (como no caso das oligarquias, do mercado, das grandes forças econômicas) ele é nocivo à universidade” (*Preço do voto – os bastidores de uma eleição para reitor*. 1ª edição, Florianópolis: Editora Insular, 2004, p. 15).

Pablo Neruda se dava por satisfeito porque, de uma forma ou outra, fizera por respeitar em sua pátria o ofício do poeta e a função da poesia. “De tal serviço prestado à cidadania estou consciente”, dizia ele, “e este galardão não permito que ninguém o arrebate, pois gosto de carregá-lo como uma condecoração”. Nossos reitores precisariam valorizar o ofício de reitor e a função da reitoria. Para tanto, precisam estar carregados de legitimidade, sempre que tenham passado por um processo eleitoral limpo, ético e irretocável.

Organizei e escrevi três livros sobre os processos eleitorais na UFSC (*O preço do voto - os bastidores de uma eleição para reitor* 1ª edição, 2004 e 2ª edição ampliada e revista, 2008; e *Universidade: a democracia ameaçada*, 1ª edição, 2005 e 2ª edição, 2007). Neles analisamos a reprodução das elites catarinenses dentro da UFSC, a prática do clientelismo e da coação, os limites da democracia e, por outro lado, as verdadeiras funções de um reitor e de um diretor de Centro em uma universidade pública. Ao fazer esta história política, logramos um grande êxito que foi o de tornar mais limpas e mais éticas as eleições em todos os níveis da universidade. Depois de tantas análises e denúncias, já não é mais possível cometer as mesmas artimanhas para vencer os pleitos. Tanto que em 2012, uma candidata não pertencente a classe dominante de Santa Catarina se tornaria reitora.

Desenvolvi, dentro da concepção de história política, os seguintes projetos de pesquisa que resultaram na publicação de livros organizados por mim ou com minha participação, nos quais sempre há uma apresentação e um capítulo de minha autoria.

1. Luta e resistência: a história da APUFSC (Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina) em seus vinte anos (1995-1996)

Luta e resistência: APUFSC 20 Anos

Florianópolis: Editora da UFSC, 1996, 230 páginas.

(autor *et alii*)

2. Estudo e análise do governo de Fernando Henrique Cardoso

No fio da navalha – crítica das reformas neoliberais de FHC

2ª edição, São Paulo: Editora Xamã, 1998, 280 páginas.

(organizador *et alii* e autor)

3. Estudo sobre a privatização do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC)

A trama da privatização – a reestruturação neoliberal do Estado

Florianópolis: Editora Insular, 2001, 224 páginas

(co-autoria)

4. Os monumentos e o poder em Santa Catarina (2003-2004)

História e poder – a reprodução das elites em Santa Catarina

Florianópolis: Editora Insular, 2003, 224 páginas.

(organizador e autor)

5. A representatividade na Universidade (2003)

O preço do voto – os bastidores de uma eleição para Reitor

2ª edição (revista e ampliada), Florianópolis: Editora Insular, 2008, 351 páginas.

(organizador e autor). (Vide anexo 5)

1.4. A função da Universidade Brasileira

A UFSC cumpriu 50 anos de existência em 2010. Este acontecimento motivou uma reflexão sobre a universidade brasileira a partir de nossa pequena experiência em cinco décadas. Por isso, o prof. Nildo Ouriques e eu organizamos o livro *Crítica à*

Razão Acadêmica – reflexão sobre a universidade contemporânea que resultou no primeiro volume de uma coletânea que se chama, também, “Crítica à Razão Acadêmica”. Na verdade, a existência da universidade no Brasil é breve mesmo quando comparada com outros países latino-americanos como o Peru ou o México, que possuem instituições com mais de quatro séculos de história. Para nós, configura-se algo semelhante ao que Trotsky chamou para outro propósito de “o privilégio do atraso”, ou seja, nós podemos observar como a UFSC tenta seguir na senda aberta pela experiência paulista sem dar-se conta dos graves problemas do projeto “nacional” em curso. Em consequência, podemos observar todas as virtudes e vícios da expansão da universidade brasileira a partir de nossa própria e breve experiência. Este livro é, portanto, uma reflexão sobre a universidade brasileira a partir de nossa juventude comum, mas trata-se de uma reflexão sobre história que faremos “a contrapelo”, remando contra a maré.

O objetivo desta coletânea é também analisar a função social da universidade pública na sociedade brasileira. Para compreender a universidade do presente nada melhor do que entender a do passado, abrindo uma perspectiva para o futuro, tal como preconizou Marc Bloch. A realidade brasileira, marcada pelo desenvolvimento de um capitalismo dependente, não tem recebido das universidades públicas grandes aportes teóricos para superar essa terrível condição. O Estado brasileiro e o pacto de classe que o sustenta aceitaram, sem reparos, a política do Banco Internacional para Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD) – mais conhecido como Banco Mundial - ao adotar, a partir da década de 1980, a estratégia de estabelecer políticas educacionais no ensino superior. Esta política nada mais fez que passar para os economistas a tarefa de estabelecer para a educação nacional o seu enquadramento conceitual e metodológico, necessários para concretizar as reformas neoliberais na direção de reproduzir de maneira ampliada a dependência e o subdesenvolvimento. A universidade, em vez de se tornar um centro de criação do pensamento crítico, uma arma importante para promover a revolução nacional, estabeleceu prioridades no

terreno da produção da ciência, do conhecimento e da tecnologia que terminaram por fortalecer ainda mais nossa condição periférica. E nossos alunos – da graduação ao doutorado – limitaram-se, na maioria dos casos, em funcionar como reserva de mão de obra para as empresas nacionais e multinacionais. Enfim, embora a luta para manter seu caráter público e gratuito sempre foi e, tudo indica, seguirá sendo necessária, devemos advertir para o fato de que a despeito de seu caráter público ou privado, a verdade é que a universidade brasileira esta longe de cumprir as funções que uma instituição como esta requer nas sociedades dependentes, marcadas pela imensa desigualdade e submissão ao imperialismo.

Nem sempre foi assim, é preciso dizer. Sem intenção de idealizar o passado recente, não podemos negar o contraste entre os dias que vivemos e as décadas de 1950, 1960 e 1970 que elucidam de maneira clara o avanço sem precedentes das ciências sociais na América Latina. O resultado foi uma produção de obras significativas no campo da literatura econômica, sociológica, historiográfica e política. Segundo Ruy Mauro Marini, vários fatores motivaram esse auge das ciências sociais, entre eles a instabilidade que caracterizava a vida política regional por conta das ditaduras de segurança nacional; a expansão econômica regional com a destinação de recursos significativos para as universidades públicas e os centros de pesquisa; e o crescimento de ordem quantitativa e qualitativa das ciências humanas, com o predomínio da temática do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. Além desses fatores, surgiram temáticas cruciais: quais as causas de nosso subdesenvolvimento, que obstáculos superar para nos desenvolver e que tipo de desenvolvimento seria viável e desejável para o Brasil e a América Latina? O resultado de todo esse debate foi o surgimento de uma intelectualidade brasileira e latino-americana que discutia intensamente suas ideias, trabalhava em conjunto e travava polêmicas acaloradas. Vários deles ocuparam altos postos na burocracia do Estado e posições de poder, como Darcy Ribeiro e Celso Furtado no governo nacional-popular de João Goulart.

Para Marini, “a comparação desse extraordinário florescimento intelectual com a pobreza teórica e o formalismo acadêmico que marcam hoje a reflexão científica sobre a nossa realidade provoca perplexidade. Como perplexos ficamos também quando confrontamos a originalidade e a liberdade de criação próprias daquela época com a subordinação atual do nosso pensamento aos padrões estadunidenses e europeus. Essa reversão de tendências, essa anemia da capacidade criadora, essa volta ao colonialismo cultural refletem, de certo modo, em boa medida, a estagnação econômica e a desagregação social que a última década [refere-se aos anos 1980] representou para a América Latina.

O diagnóstico certo, não impediu que à Marini lhe escapasse um dado relevante: se a regressão colonial marcou a vida universitária em períodos de estagnação econômica e desagregação social, como de fato ocorreu em décadas passadas, ela não foi menor em períodos de prosperidade econômica e certa “bonança financeira” do estado latino-americano. Agora, um período em que as greves de professores universitários desapareceram – estamos, de fato, há sete anos sem uma delas – prosperou no campus o colonialismo cultural de maneira sem precedentes. Desta forma, verifica-se mesmo aos olhos do analista pouco atento, que grande parte de nossas misérias intelectuais não são produto exclusivamente das limitações econômicas típicas de um país dependente; ao contrário, nossa miséria econômica é um produto necessário de nossa dependência e do colonialismo cultural consolidado em 500 anos de domínio e exploração. Da mesma forma, foi precisamente neste período recente de “bonança econômica”, momento em que a “política de austeridade fiscal” arrefeceu, e que alguns tostões adicionais foram destinados às universidades, que a vida intelectual não melhorou no interior de nossas universidades. Há, inclusive, fundadas razões para afirmar que regrediu. Um dos fatores preponderantes que impediram o surgimento de melhor clima intelectual foi a consolidação de uma “mentalidade e comportamento acadêmico”, que terminou por dominar a cena universitária. Mistura de auto-complacência, esnobismo de classe e

indiferença aos problemas da grande maioria de nosso povo, o mundo acadêmico parece viver em Paris ou Los Angeles. Sem os conhecidos distúrbios que também lá se manifestam, claro está. Enfim, os acadêmicos venceram? Impõe-se a crítica ao academicismo!

Nossa sociedade se ressentida de intelectuais que tornem públicos e elucidem de maneira dialética e crítica os conflitos impostos pelo sistema capitalista. Para Edward Said, um dos intelectuais que se ocupou do tema, é preciso desafiar e derrotar tanto um silêncio quanto uma quietude normalizada do poder invisível. Superar o *estado de medo* que toma conta das pessoas, principalmente dentro dos *campi* universitários. Aqui nos trópicos foi Milton Santos que alertou para o fato de que “a universidade é talvez a única instituição que pode sobreviver apenas se aceitar críticas, de dentro dela própria, de uma ou outra forma. Se a universidade pede aos seus participantes que se calem, ela está se condenando ao silêncio, isto é, à morte, pois seu destino é falar”.

Medo? Afinal, o que temem nossos professores? Acaso estamos diante de uma ameaça ao pensamento livre e crítico? Alguém solicitou ou recomendou como norma de comportamento intelectual e político, a prudência? Há registro de que a conduta orientada pela crítica e pelo rigor conceitual levaria à demissão de algum professor nos tempos recentes? Ninguém hoje poderia afirmar que tal ameaça existe e muito menos que há determinações superiores para a cautela, o silêncio e mesmo o temor que orienta a conduta de muitos professores! Ao contrário, é notório, diante da erupção da crise capitalista mundial, que a sociedade brasileira está solicitando um novo tipo de comportamento do professor universitário, pois as respostas “acadêmicas” aos grandes problemas da sociedade contemporânea são evidentemente insuficientes; ademais, surgiram as condições políticas, econômicas, culturais e psico-sociais para a crítica social. A propósito, é bom lembrar que não existe a menor possibilidade de legitimação social da universidade brasileira se a

instituição não se abrir para este tempo novo, cultivado nas ondas da crise contemporânea que uma parte ainda insiste em ignorar.

Neste contexto, se o projeto acadêmico em curso permanecer sem a necessária crítica, que deve começar por nós mesmos, a cada dia que passa a “universidade necessária”, reclamada por Darcy Ribeiro, se afastará como possibilidade histórica. A renúncia voluntária à crítica social, ao Estado e suas instituições deve, portanto, começar pela crítica a universidade que atualmente temos. A atitude complacente que atualmente domina o campus e que marca a carreira da grande maioria dos professores é nociva para a construção de uma universidade vital para o Brasil e a América Latina. É verdade que ainda estamos distantes de um novo horizonte em nosso país, mas não poderemos mais ignorar que grandes transformações se aproximam e que nosso país não poderá evitá-las. Esta coletânea, *Crítica à Razão Acadêmica*, pretende ser uma contribuição para que as possibilidades abertas pela crise global não se frustrem e que possibilitem um despertar no campus universitário, este mesmo despertar cujas vozes vindas das ruas já se podem ouvir.

Dois livros integram, por ora, a “Coletânea Crítica à Razão Acadêmica”: *Crítica à razão acadêmica I* – reflexão sobre a universidade contemporânea (3ª edição revisada e ampliada, Florianópolis: Editora Insular, 2015, 228 páginas) e *Crítica à razão acadêmica II* - reflexão sobre a universidade contemporânea (Florianópolis: Editora Insular, 2015, 210 páginas, ainda no prelo) (Vide anexo 6).

2. AS RAZÕES PARA A ESCOLHA DA AMÉRICA LATINA

Embora eu tenha trabalhado, ao longo de minha vida acadêmica, com História de Portugal, com História Política e com a função social da Universidade, foi, no entanto, com História da América Latina com a qual mais me identifiquei, mais pesquisei e mais publiquei. Por conta disso, sou professor de *História da América*

Independente (dos processos de independência no início do século XIX às ditaduras de segurança nacional, na segunda metade do século XX) no Departamento de História desde 1994, como também já o fiz para outros cursos, como museologia, geografia e serviço social.

2.1 A Teologia da Libertação

Meus primeiros contatos com a América Latina se deram por meio da Teologia da Libertação, em meados dos anos 1960, quando a Igreja Católica, então saída do Concílio Vaticano II, começava a fazer sua opção preferencial pelos pobres. No dizer de Saramago, de tanto fixar o céu, a Igreja foi deixando nele a própria luz. Daí que o Encontro de Medellín, promovido pelo Conselho Episcopal Latino-Americano, em 1968, radicalizou a urgente necessidade da vivência de um Deus transformador e libertador, da pessoa e da sociedade. Os livros dos teólogos Leonardo e Clodovis Boff, assim como a atuação político pastoral dos bispos D. Pedro Casaldáliga e de D. Evaristo Arns, estimularam uma geração de jovens a estudar, compreender e lutar pela mudança da realidade latino-americana. Apontavam eles, então, para além dos Andes. Quando a disjuntiva histórica era “reforma ou revolução”, houve sacerdotes que optaram pela segunda, como o colombiano Camilo Torres, morto em combate em 1966. “Por isso”, afirmava ele, “a revolução não somente é permitida como obrigatória para os cristãos que vêem nela a única maneira eficaz e ampla de realizar o amor por todos”.

O estudo da liturgia, na faculdade de teologia do Instituto Teológico de Curitiba (ITC), convidava para a celebração da vida, tendo ela que ser plena, isto é, livre da pobreza e de todas as mazelas que caracterizavam o sistema capitalista, tais como o fetichismo, a exploração, a alienação e a acumulação; o conhecimento da Bíblia mostrava a saga de um povo na luta contra a dominação e a escravidão, experiência que deveria ser feita pelos latino-americanos dependentes dos países industrializados;

as leituras sobre História da Igreja descreviam a vida das comunidades nas catacumbas romanas e como lá tudo era de todos em uma verdadeira comunhão de corpo e de espírito; as aulas sobre Sacramento estimulavam os estudantes a uma transformação da vida e da realidade para se viver plenamente a experiência de Deus. Deste modo, ia se formando uma consciência social e coletiva, na qual o teólogo era antes de tudo um intelectual que deveria atuar dialeticamente na sociedade.

O padre Francisco Vandervather, tradutor do famoso *Catecismo Holandês*, que era uma adaptação das ideias renovadoras do Concílio Vaticano II aos tempos modernos e que tivera o *placet* dos bispos daquele país, ministrava aulas de Bíblia, tendo como subsídio as pesquisas arqueológicas feitas na Palestina. Deste modo, este velho professor, com sua sabedoria e sua experiência, adepto da teologia da libertação, criticava aqueles que acreditavam demais em determinadas verdades, lembrando que a racionalidade deveria acompanhar a fé. E o seu primeiro alvo era o próprio Papa.

Na condição de estudante de filosofia e teologia, participava durante os meses de janeiro e fevereiro – período de férias – da organização e da realização de cursos sobre a realidade social e como transformá-la, na região do sudoeste do Estado do Paraná, região marcada pela grilagem de terras acontecida durante o governo de Moisés Lupion. A tais encontros, que duravam uma semana em cada cidade, assistiam lideranças locais que iam do vereador à catequista. O objetivo era criar uma consciência que levassem as pessoas a uma práxis política que consistia em lutar pelo fim da ditadura militar, pelo retorno da democracia e por uma distribuição justa da riqueza. Eram, então, os anos do terror de Estado comandado pelo general Médici. Mais de uma vez, as apostilas com as aulas a serem dadas e discutidas tiveram que ter suas frases borradas com tinta preta ou folhas suprimidas para evitar denúncias ao Serviço Nacional de Informação (SNI) e em conseqüência, prisões. Acontece que por lá trabalhava um grupo de padres belgas, seguidores da teologia da libertação, que

promoviam os tais cursos e convidavam para ministrá-los os jovens seminaristas universitários de Curitiba. Vivia-se a experiência de um Deus feito homem que pretendia revolucionar a vida para que as pessoas a experimentassem em plenitude.

Em 1973, como estudante universitário, tive meu primeiro registro na carteira de trabalho: professor no Patronato Santo Antônio, em São José dos Pinhais, Paraná. Era um internato que acolhia meninos de rua ou abandonados. Toda sorte de frustração se juntava naquele local, administrado por freiras. Mais aprendi do que ensinei, pois os dramas humanos me deixam pequeno diante da grandeza da superação dos rejeitados. Eram vidas despedaçadas que o professor de português e ciências com elas mais se embaralhava do que resolvia.

Posteriormente, já na condição de presbítero na cidade de Imaruí (SC), em 1974, deparei-me com uma oligarquia que governava o município desde 1930, quando Getúlio Vargas nomeara como interventor local o capitão Pedro Bittencourt. Situado às margens de uma linda lagoa, o povoado serviu de pouso e passagem para as tropas gaúchas que se haviam levantado contra a Velha República, no episódio que se chamou Revolução de 30. Esta dinastia dispunha, não apenas de um controle dos três poderes, como também de todos os demais órgãos públicos. Os opositores eram duramente perseguidos, sendo que alguns deles foram assassinados, como revelam os relatos do *Livro Tombo*, da Paróquia de São João Batista. Todo este poder local se alimentava do regional – o governador na capital do Estado – que em troca recebia uma quantidade desproporcionada de votos dadas a seus candidatos, tendo-se em vista a pobreza do município e sua diminuta população. Acontece que a oligarquia é também uma peça da construção do Estado e é favorecida pelo poder central.

Diante desta realidade injusta, e aos olhos de um cristão, pecaminosa, trabalhei com lideranças comunitárias a estratégia de formação de uma consciência crítica e de uma atuação política libertadora. Criei uma escola para dirigentes e lideranças de vinte e sete povoados que se reuniam regularmente para aulas de

história, sociologia, antropologia e religião. A EFAPI (Escola de Formação de Agentes Pastorais de Imaruí) começa um processo de conscientização da população, pois cada líder que a frequenta repercute no trabalho local a necessidade da mudança social para que se possa vivenciar um Deus Libertador. Toda esta visão é reforçada por um programa diário na rádio “26 de Abril” que cobre todo o município, pelos catequistas comprometidos com a mudança político religiosa, pelas administrações das Igrejas das Comunidades que entenderam a necessidade de novos tempos, pelos sindicatos rurais que lutavam por conquistas sociais e pelos dois presbíteros da Paróquia de Imaruí que faziam do uso da palavra nos cultos celebrados uma retro alimentação para a mudança radical. Diria, com Pablo Neruda que “nunca tive medo de contagiar-me penetrando na mesma massa de meus inimigos, por que os únicos que os tenho são os inimigos do povo” (Neruda, 1989, p. 67).

Mais de uma vez, membros da oligarquia retiraram-se sorratamente das missas celebradas por conta dos sermões incômodos, nos quais se defendiam o pagamento de um salário mínimo (pelo menos) aos trabalhadores, o respeito aos direitos fundamentais das pessoas, a liberdade para se votar em qualquer candidato e a livre organização sindical.

Nesta dura realidade de embate político, já tendo os olhos postos na América Latina, passei, então, a exercer um papel de intelectual na sociedade. Enquanto o intelectual segue a teoria como um guia, tem o sujeito e o objeto conectados em uma relação dialética e olha as instituições como uma base de atuação na comunidade, o analista se preocupa com a metodologia, marca uma distinção pontual entre o sujeito e o objeto de estudo (a tão propalada neutralidade, isto é, a pessoa sem vínculos e vê as instituições como um meio de se buscar financiamentos). A pesquisa feita pelo intelectual tem um compromisso com a política e com o avanço da sociedade; a do analista não apresenta definição valorativa, sendo cada um inteiramente livre para interpretá-la.

O resultado deste trabalho passou a ser percebido, imediatamente, pela população que inclusive sugeria o nome do padre como um candidato viável para derrotar o representante imbatível da oligarquia. Como nossa função era a de organizar o povo, mostramos que lideranças leigas deveriam surgir dentre eles, o que aconteceu, quando em 1988 a dinastia dos Bittencourt perdia as eleições municipais e, por conseqüência, o poder. Embora estivesse ausente de Imaruí, desde 1977, muitas pessoas atribuíram a este trabalho de evangelização libertadora um peso muito significativo na derrota eleitoral e no começo do fim da oligarquia.

Pela primeira vez, os povoados de pescadores que se esparramavam pelos vai e vens dos contornos da bela Lagoa de Imaruí experimentavam os ventos da liberdade que sopravam, passando a vencer o medo. Derrotar este temor e esta opressão não significava apenas escolher livremente o seu candidato a prefeito, mas também vender o seu produto da pesca a quem melhor lhe pagasse, desvencilhando-se do atravessador opressor. Perguntava Augusto Roa Bastos: “Podes chamar de memorioso ao gato escaldado que foge da água fria? Não, apenas que é um gato medroso. A quentura entrou em sua memória. A memória já não recorda o medo. Transformou-se ela mesma no próprio medo” (Roa Bastos, 1988, p. 9). Isso fora vencido pelo pescador que margeia a Lagoa Formosa.

Manoel Alves Ribeiro – o seu Mimo – saído da pobreza de Imaruí (tomava vagem de fedegoso, como se fosse café), na década de 1920, carregando nas pernas o peso do amarelão e no corpo as cicatrizes da fome, ganhou o mundo, tornando-se um comunista militante que, de vereador em Florianópolis a cursos em Moscou, vai se sentir livre, leve e solto vendo sua terra liberta. A memória estampada nos monumentos que reflete a luta de classes em Imaruí ergueu um busto ao oligarca Pedro e esqueceu totalmente o lutador Mimo, que finalizou o seu livro de memórias *Caminho*, dizendo: “Possuo apenas as vestes que me cobrem a pele, mas tenho a certeza e a honra de ter lutado por uma idéia”. (Ribeiro, s.d., p. 223).

2.2 O ingresso na UFSC

Ao entrar na UFSC, em 1980, na condição de professor colaborador VI, comecei a ministrar aula de Estudos de Problemas Brasileiro I e II (EPB). De imediato, ampliei a disciplina para temas latino-americanos, adotando como leitura obrigatória para os alunos *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano. Para ampliar os conhecimentos políticos e entender os novos conflitos mundiais, liam-se os *Cadernos do Terceiro Mundo*. Um estudante do curso de medicina me dizia que aguardava com ansiedade a chegada da revista, a cada mês, tamanho o interesse que havia adquirido por seus assuntos. Ainda eram tempos de ditadura militar e o livro de Galeano havia sido proibido por alguns regimes de segurança nacional do Cone Sul.

Em seguida entrei para o grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos Latino-Americano” (NELA), criado pelos estudantes do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e que promovera “A Conferência Simón Bolívar”, proferida pela prof^a Maria Lígia Prado, da Universidade de São Paulo, em 1983, alcançando um grande sucesso, já que possivelmente, pela primeira vez as paredes da UFSC ouviam o nome do líder do processo de emancipação das colônias hispano-americanas. A partir de 1985, fui eleito coordenador do NELA e passamos a atuar de maneira interdisciplinar na UFSC, logrando um grande êxito quando colocamos duas questões sobre América Latina, logo ampliadas para cinco, nas provas de vestibular da entidade. Esta estratégia obrigou a todas as escolas do segundo grau do Estado de Santa Catarina a refazer seus programas, incluindo o estudo do continente. As repercussões de tais questões latino-americanas ultrapassaram Santa Catarina e o jornal *O Estado de S. Paulo* repercutiu negativamente esta conquista.

Aproveitei para fazer, por meio do NELA, um debate público sobre EPB dentro de uma perspectiva latino-americana, do qual participou a maioria dos professores da referida disciplina. Cabe lembrar que EPB havia sido criada pela ditadura militar, por meio do Decreto-Lei de nº 869, de 12/09/1969, com o objetivo de reeducar os

estudantes brasileiros dentro da concepção da ideologia de segurança nacional. Para tanto, bastava ver seus programas que tratavam essencialmente dos objetivos nacionais, do poder nacional, da segurança nacional e da estratégia nacional, princípios conceituais da Escola Superior de Guerra (ESG), que por sua vez importara das escolas estadunidenses *National War College* e *Industrial College of the Armed Forces*, criadas em 1945, com a finalidade de se contrapor ao “comunismo internacional”. A palestra sobre EPB no contexto latino-americano foi escrita, passando por duras críticas dos meus pares da Coordenadoria e, portanto, merecedora de ser anexada, já que fora a primeira de minha trajetória acadêmica (Vide anexo 7).

A junta militar que se arvorara do poder impedindo que o vice presidente civil Pedro Aleixo assumisse, como prescrevia a Constituição, por certo não criaria o ensino obrigatório de EPB nos cursos superiores para democratizar a universidade brasileira e sim para tentar doutriná-la, já que ela era um lugar onde o pensamento de esquerda mais avançava. A disciplina obrigatória de EPB vai acabar em 1992, mas na UFSC conseguimos retirá-la dos currículos em 1991, por conta de um movimento que encabeçamos entre alguns professores da própria Coordenadoria de EPB, com o apoio da direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Transferi-me, então, para o Departamento de História.

2.3 O Mestrado no México

Em 1988, me afastei da UFSC para fazer mestrado no México. Era, então, o país da América Latina onde mais se estudava o continente americano, desde uma perspectiva crítica, por conta das seguintes razões:

1. O México havia feito a primeira revolução social da América Latina, no século XX, contra o Estado oligárquico mais avançado da região. Este levante armado assumira, no decorrer de suas lutas, um caráter agrarista, nacionalista,

antiimperialista, anticapitalista e finalmente o vencedor, burguês agrário. A presença desta revolução, ainda que palidamente, influenciava os estudos latino-americanos no país;

2. O México mantinha uma política externa avançada dentro do contexto latino-americano, baseada na “Doutrina Estrada”, que entre outros princípios, não reconhecia nenhum governo na região que fora imposto por forças estrangeiras. O México ainda sofria influência da política internacional progressista do governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), que concedera apoio à guerra nacional de Sandino, na Nicarágua; que reconheceu o governo nacionalista de Ramón Grau San Martín e de Antonio Guiteras, em Cuba; que manifestara simpatia à efêmera República Socialista do coronel Marmaduke Grove, no Chile e a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), no Peru; enfim, que acolhera os exilados do Caribe e da América Latina e ao mais notório deles, León Trotsky. Por isso, fiquei impressionado quando recém chegado no país e, assistindo a uma conferência de Pablo González Casanova, ex-reitor da UNAM, vi, por parte dele, uma contundente defesa da Revolução Cubana e de sua soberania, algo pouco provável de se escutar no Brasil.
3. O México abriu as portas para muitos exilados latino-americanos e caribenhos que fugiam das ditaduras de segurança nacional, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, ampliando enormemente o quadro de intelectuais críticos em suas universidades;
4. O México sediou um Congresso de Sociologia, em 1979, que marcou positivamente o pensamento crítico latino-americano;
5. O México dispõe de uma universidade – a UNAM –, fundada em 1551 pela Igreja Católica e recriada em 1910 pelas forças revolucionárias, dentro de uma concepção autônoma, nacional e voltada para a América Latina.
6. O México abriga grandes casas editoriais, tanto que a maioria dos intelectuais de renome mundial prefere lançar seus livros por lá, já que sua grande capital é uma porta aberta para o continente, cujo público hispano parlante é numeroso.
7. No México, embora houvesse uma presidência imperial e o PRI (Partido Revolucionário Institucional) fosse um partido de Estado, tinha-se liberdade para o estudo das mais diversas teorias, como por exemplo, o marxismo. Assim que entrei no curso de Estudos Latino-Americanos e me apresentei como brasileiro,

todos se reportaram a Ruy Mauro Marini, por ser brasileiro também, estando os seus livros já pela vigésima edição, enquanto que nenhum deles havia sido publicado no Brasil. Ele fora censurado pelo Estado de segurança nacional e posteriormente pelas editoras universitárias de seu país.

Todas estas razões fizeram do México um lugar de capital importância para se realizar estudos latino-americanos. Não por acaso, no mestrado, tive dois professores de renome mundial, sendo um deles – Agustín Cueva, equatoriano – autor do conhecido livro *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. Escreveu, também, sobre teoria social, teoria marxista e os novos tempos conservadores do continente, entre outros. Era um mestre, de gestos simples e afáveis, recebendo os estudantes em sua casa e servindo chá, enquanto discutíamos os problemas da América Latina. Ao passo que o outro – Gregório Selser, argentino – fora um jornalista que havia entrevistado as pessoas mais proeminentes no campo do pensamento de esquerda, começando por Che Guevara, passando por Omar Torrijos e chegando a Fidel Castro. Escreveu 45 livros sobre temas latino-americanos, sendo autor da *Enciclopédia das intervenções estrangeiras na América Latina*. Tais professores, juntamente com outros do mestrado, vão marcar profundamente meus estudos e pesquisas.

As revistas semanais e os jornais mexicanos traziam matérias relacionadas com a América Central, que vivia processos revolucionários na Nicarágua, em El Salvador, na Guatemala e em Honduras. Tratavam, igualmente, de temas relacionados com todos os países sul-americanos. Os diários *La Jornada* e o *El Día*, este com seu complemento dominical “Gallo Ilustrado”, continham, além de reportagens, a análise dos mais reconhecidos intelectuais estadunidenses e latino-americanos sobre nosso continente; as revistas vendidas em bancas, como *Nexos*, *Siempre* e *Proceso* apresentavam análises acuradas sobre a região; por sua vez, as publicações da Universidade Nacional Autônoma do México, do Colégio do México e

do Centro de Investigação e Docência Econômica (CIDE) tinham sistematicamente repercussão regional, tamanha a sua importância.

No México, também aconteciam muitos cursos de curta duração, lançamentos de livros com palestra de seus autores, passagem de intelectuais importantes com conferências magistrais e organização de grupos de exilados que lutavam pela redemocratização de seus países. Em uma festa popular, por exemplo, encontrei Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas do Brasil, com quem conversei sobre nossa realidade; em um evento do Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA), pude estar com Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, discutindo a problemática centro-americana; em um curso na UNAM, almocei com Dom Mendes Arceu, bispo de Cuernavaca, o primeiro a vivenciar a teologia da libertação no México pós-revolucionário, como também em denunciar a fundação da Congregação *Legionários de Cristo* como uma entidade contra revolucionária; em um evento na universidade, tive o privilégio de assistir a André Gunder Frank, criador da teoria marxista da dependência. Todos estes contatos estimulavam novas leituras e novos conhecimentos.

Particpei do VIII Congresso Centro-Americano de Sociologia que aconteceu na cidade da Guatemala, em outubro de 1988. Esta oportunidade consubstanciou-se em uma viagem de estudos muito importante para conhecer uma realidade na qual imperava o terror de Estado e em consequência incrementavam-se as lutas de grupos armados. Até aquela data já haviam sido assassinados cerca de 220.000 guatemaltecos.

Nos anos 1982 e 1983, por exemplo, o ditador general José Efraín Ríos Montt, formado na Itália e nos Estados Unidos, promoveu delitos de genocídio e praticou crimes de lesa-humanidade contra os povos originários maias ixiles, acusando-os de apoiar a guerrilha. Foram sumariamente assassinadas 1.771 pessoas, das mais variadas idades, com requintes de crueldade; aproximadamente 400 aldeias sumiram do mapa consumidas pelo fogo provocado; e milhares de pessoas tiveram que fugir

para o sul do México. Recentemente, Ríos (*de Sangre*) Montt teve que sentar-se no banco dos réus, depois de uma luta incessante dos movimentos sociais e de direitos humanos para responsabilizá-lo por tamanhas atrocidades. Finalmente, em 10 de maio de 2013, Ríos Montt foi sentenciado a 80 anos de prisão, sendo esta uma data de transcendência histórica inegável, já que pela primeira vez na América Latina um ditador é condenado pela prática de genocídio e pelos crimes de lesa humanidade (Na Argentina, a condenação de Jorge Rafael Videla, que morreu na cadeia, se deu apenas pelo crime de lesa humanidade). Além do mais, isso ocorre na Guatemala, país considerado periférico na ordem geopolítica regional e com uma vida institucional democrática incipiente. Infelizmente, a Corte de Constitucionalidade da Guatemala, no dia 20 de maio de 2013, anulou, por três votos a dois, a sentença condenatória contra Ríos Montt, determinando que o juízo ao genocida regressasse à condição em que o réu se encontrava no dia 19 de abril do mesmo ano. Recursos dos advogados de acusação foram apresentados e, neste momento, aguarda-se uma decisão do interposto.

Foi no mestrado que tive contato direto com os clássicos latino-americanos, que não apenas foram lidos sistematicamente, como também discutidos. Simón Bolívar, José Martí e José Carlos Mariátegui, para citar os mais notórios, passaram a ser conhecidos de perto. Os temas dos seminários oferecidos pelo curso, bem como os docentes que os coordenavam, aprofundavam o conhecimento da realidade latino-americana. Cito alguns destes seminários, apenas para se ter a dimensão dos estudos:

- Formação econômico-social da América Latina – Agustín Cueva.
- História da América Latina – Gregório Selser.
- Metodologia avançada das ciências sociais na América Latina – Agustín Cueva.
- Relações Estados Unidos - América Latina: política e estratégia – Lucrécia Lozano.
- Estado, autoritarismo e democracia na América Latina – Agustín Cueva.

Como resultado destes seminários, produzi vários trabalhos de pesquisa sobre a América Latina, tais como “A posição de José Martí frente ao pan-americanismo”, “A Emenda Platt e suas conseqüências para Cuba”, “O governo de Arbenz e o porque de sua queda”, “A democracia capitalista na América Latina”, “O retorno da democracia no Brasil”, “A crise de 29 nos Estados unidos e suas conseqüências econômicas, políticas e sociais para a América Latina”. A pesquisa sobre a Guatemala foi transformada em artigo e publicada pela *Revista Catarinense de História* e por *Textos de Economia*, ambas da UFSC.

O México marca profundamente minha vida acadêmica, política e intelectual. Voltei imbuído do desejo de aprofundar os estudos latino-americanos e ampliá-los dentro da UFSC. Uma das primeiras coisas que faço é buscar outros professores que se interessassem pelos temas latino-americanos para nos organizarmos e realizarmos projetos, seminários e eventos sobre América Latina. A partir de então, um grupo grande de professores mexicanos começa a freqüentar a UFSC, dentre eles o politólogo Luís Javier Garrido, os filósofos Bolívar Echeverría, Adolfo Sánchez Vásquez e Enrique Dussel. A cada ano organizávamos um simpósio internacional com o apoio da Associação dos Professores da UFSC, dos programas de pós-graduação e dos sindicatos de Florianópolis.

Também trouxe docentes de universidades estadunidenses com os quais tive contato no México. Um deles, James Petras, da Universidade Estatal de Nova Iorque, foi praticamente apresentado ao público brasileiro por mim e por Lúcio Flávio de Almeida, da PUC/SP. Enquanto Lúcio o publicava pela Xamã, de São Paulo, eu o apresentava à Editora Vozes, de Petrópolis, à Editora da FURB, de Blumenau e a Editora da UFSC, de Florianópolis. Vários de seus livros, por conta de sua importância, estão nas livrarias brasileiras, sendo reeditados ainda hoje.

Embora este seja um MAA, não posso deixar de mencionar, que durante o mestrado no México nasceu minha filha Camilla, a quem dediquei a dissertação com a

seguinte epígrafe: “Mexicana de nacimiento, brasileña por adopción y latinoamericana por vocación”. Também homenageei a Gleicy de Cássia como “amiga, companheira, esposa y madre”.

2.4 Criação do Núcleo de Estudos de História da América Latina (NEHAL)

O Núcleo de Estudos de História da América Latina, criado em 2006 pelos professores Waldir José Rampinelli (Departamento de História) e Ana Brancher (Colégio de Aplicação), com sede no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) e ligado ao Departamento de História, tem como objetivo central pesquisar, estudar e promover eventos sobre a história latino-americana dentro de uma perspectiva de análise do pensamento crítico.

Há, hoje, um desestímulo, nos cursos de história, à análise crítica, à participação política e, por sua vez, um incentivo à neutralidade e ao distanciamento do objeto de estudo numa clara tentativa de eliminar o intelectual engajado, fazendo ressurgir o analista imparcial. Dentro dessa perspectiva, é perfeitamente compreensível que os estudantes não se utilizem da teoria marxista para fazer seus trabalhos de conclusão de curso ou projetos de seleção para mestrado e doutorado. Tampouco são estudadas as relações de poder em política internacional e o tripé de dominação dos países imperialistas nos últimos 60 anos: o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento Mundial (BIRD), mais conhecido como Banco Mundial, e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Também pouco se faz um estudo histórico sobre as políticas neoliberais e as ditaduras militares que as prepararam; sobre a ideologia e sua utilização pela classe dominante; sobre a história e sua conexão com a política; sobre o poder das elites e sua reprodução; sobre as relações entre classes sociais e a distribuição de renda; sobre a intensificação da luta de classes e suas conseqüências atuais.

O estudo do cotidiano pode prestar grandes serviços ao historiador. No entanto, é fundamental o uso de uma teoria que parta da compreensão de que a vida diária está condicionada pela formação social, assim como pela estrutura e dominação de classe. O mesmo acontece quando se analisa a relação de gênero, já que a opressão sofrida pela mulher do latifundiário é completamente distinta da que passa a do bóia-fria. Enquanto a co-proprietária de terras resolve o problema do machismo por meio de um advogado, a sem-terra sente a dura realidade do abandono, quando não da própria exploração pelas mulheres ricas por meio da prestação de serviços domésticos degradantes e mal remunerados.

A *Escola dos Annales*, no afã de superar a história tradicional que trabalha com a narrativa dos acontecimentos políticos e militares ressaltando os grandes feitos realizados por grandes homens, revolucionou o estudo da própria história ao abri-la para as ciências humanas em geral. Por outro lado cometeu excessos ao desprezar determinados eventos que foram produtores de mudanças significativas. Tanto que membros dos grupos dos *Annales* começam a redescobrir, agora, a política e até o acontecimento. Nesse contexto, é de fundamental importância, por exemplo, o estudo da Revolução Cubana e sua resistência ao imperialismo estadunidense; a Guerra do Contestado e a luta pela reforma agrária; a Revolta da Cabanagem e o seu caráter de conflito de classe. O NEHAL, diante desta perspectiva, se dedica a estudar tais temas para entender as mudanças conjunturais e estruturais que começam a gerar o novo na América Latina.

O “novo” na América Latina se expressa, hoje, por meio do nacionalismo, que assume características revolucionárias em vários países, desencadeando um amplo processo de mudança através de um novo constitucionalismo. Temas como, por exemplo, a democracia, a economia, a diplomacia, a cultura e a história, cujos conceitos e conteúdos sempre foram impostos pelas ideologias eurocêntrica e pan-americana, estão sendo duramente questionados em certas partes de nosso continente e, em alguns países, superados. As novas Constituições, discutidas e

votadas pelo povo por meio de processos constituintes, já incorporaram em seus artigos a plurinacionalidade, a pluriculturalidade, a pluriétnicidade, o poder popular, a justiça comunitária, a defesa das riquezas nacionais a serviço de suas populações e, uma delas, a boliviana, adotou outros modos de produção – o ayllu – que não o capitalista clássico. É a refundação da República com uma descolonização da mente e uma redescoberta da própria história. Isso preocupa tanto o Departamento de Estado, em Washington, que o *Documento de Santa Fé II, uma estratégia para a América Latina para a década de 1990* já dizia que “o matrimônio do comunismo com o nacionalismo na América Latina representa o maior perigo para a região e os interesses dos Estados Unidos”. Este é o objetivo do NEHAL.

2.4.1 Breve relatório sobre as atividades do NEHAL

- **Circulo de debate sobre o livro *Política britânica no Rio da Prata*, de Raúl Scalabrini Ortiz.**

Sala do NEHAL – CFH

Número de participantes: 15

O objetivo do encontro é o de debater o livro de Raúl Scalabrini Ortiz que trata da penetração e dominação do imperialismo inglês em toda a região do Rio da Prata.

Duração: semestre de 2015-1

- **Circulo de debate sobre o livro *O capitalismo dependente latino-americano*, de Vânia Bambirra**

Sala do NEHAL - CFH

Número de participantes: 5

O objetivo do encontro foi o de debater o livro de Vânia Bambirra que analisa como o capitalismo na América Latina teve um espaço de maior organização própria durante o Estado Populista. Ela tipifica os países em A, B, C e como cada grupo atua.

Duração: semestre de 2014-2

- **Conferência *Os 50 anos da Revolução Cubana – 24/03/2011***

Professora Claudia Wasserman – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Com o lançamento do livro *A revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil*, organizado por Claudia Wasserman.

Número de participantes: 70

A professora Claudia esteve em Florianópolis para participar da banca de defesa de mestrado do estudante Elvis Poletto, cujo tema foi “O conceito de nação em Mariátegui”, orientado por mim. O evento, seguido do lançamento do livro, proporcionou um bom debate entre os participantes com muitos questionamentos. A conferência foi filmada e disponibilizada, em trechos, no youtube. Por sua vez, o livro, que trata sobre como a historiografia e a imprensa brasileiras receberam e divulgaram a Revolução Cubana no Brasil nos anos 1960, e como seguia sendo a imagem da mesma Revolução nos anos 1990 foi adquirido pelos presentes, o que ajudou no aprofundamento do debate

- **Conferência *Colômbia: a história, as guerrilhas e as bases dos Estados Unidos na Amazônia – 25/03/2010***

Jornalista Hernando Calvo Ospina – Periódico “Le Monde Diplomatique”.

Ospina é autor de vários livros sobre a América Latina e os Estados Unidos.

Com o lançamento do livro *O terrorismo de Estado na Colômbia*

Número de participantes: 150

- **Circulo de debate sobre o livro *O terrorismo de Estado na Colômbia***

Sala 10 – corredor de História – CFH

Número de participantes: 8

O objetivo do encontro foi o de debater o livro, trazendo para a discussão mais elementos sobre a história da Colômbia. Isso porque, a mídia brasileira tem feito matérias favoráveis ao Estado colombiano e contra os grupos guerrilheiros naquele país. Tampouco se analisa, em nossos jornais, o terror de Estado praticado pelas Forças Armadas e pelos paramilitares, apoiados pelos Estados Unidos.

Duração: semestre de 2010-1

- **Conferência 100 Anos da Revolução Mexicana 28/10/2010**

Professor Waldir José Rampinelli - UFSC

Ciclo de debates *Encuentros*

Auditório do CED

Número de participantes: 70

A Revolução Mexicana, cuja periodização varia de acordo com a interpretação histórica, completa cem anos ao longo da década de 2010. Alguns dos acontecimentos revolucionários mais marcantes ocorrem entre 1913 e 1915, quando os exércitos dos camponeses desempenham um protagonismo hegemônico na política do país, por conta de suas vitórias nos campos de batalha. Por isso, de 2010 a 2020, a cada ano, estão sendo comemorados fatos significativos do processo revolucionário, cujo alcance chega aos dias de hoje.

- **Seminário 200 Anos de Independências na América Latina 18/11/2010**

Conferencistas: Dr Horacio Crespo - Universidad Autónoma del Estado de Morelos – México. Centro de Estudios Latinoamericanos de la Universidad Nacional de San Martín – Argentina.

Dr Andrés Kozel - Centro de Estudios Latinoamericanos de la Universidad Nacional de San Martín – Argentina.

Número de participantes: 60

As duas conferências sobre os 200 Anos de Independências na América Latina abordaram dois aspectos: a primeira tratou das independências hispano-americanas dentro do ciclo das revoluções modernas; a segunda analisou, a partir do historiador Jorge Abelardo Ramos, a balcanização que tomou conta do continente logo após as independências.

- **Conferência As charges brasileiras na guerra contra o Paraguai 21/09/2009**

Professor Mauro César Silveira – Departamento de Jornalismo da UFSC.

O professor, que é autor do livro *A batalha de papel- a charge como arma na guerra contra o Paraguai* (Florianópolis: Editora da UFSC, 2009), mostra como o arsenal satírico da imprensa ilustrada da Corte foi acionada para deformar a imagem do Paraguai.

Número de participantes: 40 pessoas.

- **Círculo de debate sobre o livro *América Latina: subdesarrollo o revolución*, de André Gunder Frank.**

Sala 10 – corredor de História – CFH

Número de participantes: 8

Duração: semestre 2009-1

- **Círculo de debate sobre o livro *O dilema da América Latina*, de Darcy Ribeiro 17/04/2009**

Sala 10 – corredor de História – CFH

Número de participantes: 10

- **Círculo de debate sobre o tema *América Latina: país por país* 04/04/2008**

Sala 10 – corredor de História – CFH

Número de participantes: 15

- **Círculo de debate sobre autores clássicos da América Latina**

O objetivo do encontro era debater textos de autores clássicos latino-americanos, tais como Bolívar, Martí, Mariátegui, Caio Prado e Che Guevara.

Sala 10 – corredor de História

Número de participantes: 10

Duração: semestre de 2007-2

- **Conferência *A Guerra do Paraguai – Documentos desconhecidos* – 08/11/2006**

Dr. Alejandro Olmos Gaona – Historiador da Universidade de Buenos Aires.

Ele discorreu sobre a “Guerra da Tríplice Infâmia” e os objetivos de D. Pedro II em dominar a região do Rio da Prata.

Número de participantes: 50 pessoas (Vide anexo 8).

2.5 A criação do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA)

O IELA representa um esforço inédito na universidade brasileira que predominantemente se mantém indiferente com relação aos estudos latino-americanos, campo de reflexão consolidado nas universidades européias, estadunidenses e asiáticas. Portanto, a criação do Instituto trata de superar uma debilidade institucional e intelectual que caracteriza a universidade brasileira e que a mantém alheia às transformações que ocorrem de maneira mais evidente na América Latina, entre as mais visíveis, a integração latino-americana, que avança em termos econômicos, culturais e institucionais.

O Instituto é, também, uma iniciativa que busca contribuir para a superação da departamentalização nas universidades. Com trabalho coletivo e solidário, pretende ultrapassar o esforço inglório da pesquisa artesanal e solitária, rompendo o isolamento a que tantas iniciativas estão submetidas. Estabelece, assim, uma interlocução permanente entre os projetos, para que possam se desenvolver de forma plena. Na proposta, o fundamento básico foi a necessidade de manter certa unidade temática, sempre com respeito ao pluralismo teórico-metodológico, condição indispensável para o bom desenvolvimento dos trabalhos e para o crescimento institucional da UFSC.

2.5.1 Os objetivos do IELA

- Desenvolver estudos e pesquisas sobre a realidade latino-americana, na perspectiva de decifrar os novos condicionamentos da dependência e do subdesenvolvimento dos países latino-americanos na política e economia mundial;
- Apoiar pesquisas e atividades didáticas da área dos estudos sobre América Latina, de estudantes, professores, técnicos- administrativos e a comunidade em geral, interessados no tema;

- Prestar assessoria e consultoria especializada em temas referentes às políticas econômicas e sociais que afetam os países latino-americanos e outras instituições de ensino superior, nacionais e internacionais;
- Desenvolver programas de formação e capacitação de dirigentes dos movimentos populares, professores e de instituições universitárias, nacionais e estrangeiras;
- Difundir análises acerca da vida social, cultural, econômica e política do continente latino-americano;
- Desenvolver programas e intermediar parcerias com outras instituições para a realização de cursos em nível de pós-graduação na área dos estudos latino-americanos;
- Promover intercâmbios com organismos nacionais e estrangeiros, visando a realização de estudos e pesquisas na área dos estudos sobre a América Latina;
- Difundir conhecimento que contribua para a tomada de decisões pelos fóruns acadêmicos e movimentos sociais, nos espaços de construção e mobilização político-intelectual;
- Organizar e disponibilizar, em banco de dados, o acervo de publicações científicas do Instituto;
- Promover encontros científicos, seminários, simpósios, colóquios, jornadas, congressos e outras atividades similares no campo dos estudos sobre a América Latina.

2.5.2 A presidência do IELA

Desempenhei as funções de presidente do IELA, no biênio 2010-2011, coordenando e animando todos os projetos inerentes ao instituto, tais como:

- Jornadas Bolivarianas – dois simpósios internacionais com mais de 300 participantes em cada uma delas, durante três dias
- Leitura, discussão e pesquisa de livros clássicos sobre América Latina.
- Projeto “Encuentros”, círculo de conferências mensais, destinadas a refletir as
- Seminários externos, destinados ao público da UFSC e fora dela, sobre temas que tenham relação direta com a América Latina (Vide anexo 9).

3. ATIVIDADES DE ENSINO NA GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Ao longo da história das minhas atividades acadêmicas, sempre privilegiei o ensino, seja ele na graduação ou na pós-graduação. Inclusive, defendi publicamente a tese de que qualquer docente que ocupe uma função administrativa jamais seja dispensado totalmente da sala de aula. No livro *O preço do voto* (2ª edição, pág. 34), ao analisar as prerrogativas de um reitor, assim me manifestei: “O reitor terá de ser um grande conhecedor da realidade universitária, preferencialmente um professor ou professora que se exponha diariamente a seus alunos realizando o debate teórico-científico; que faça pesquisa e entenda que ela não é neutra, mas tem objetivos políticos; que realize extensão e participe da construção de uma nova relação social; que publique suas conclusões para serem discutidas pela comunidade; enfim, um reitor ou reitora com vivência e experiência no cotidiano acadêmico-técnico-científico”

Além do mais, julgo de suma importância a avaliação do professor pelos estudantes a cada semestre. Passei por esta experiência quando lecionava *História Econômica Geral*, no curso de Economia, sendo que as críticas serviram para aperfeiçoar as aulas e os elogios para manter os métodos utilizados.

3.1 Disciplinas ministradas na Graduação

3.1.1 Estudos de Problemas Brasileiros I e II

Esta disciplina, ministrada para todos os cursos da UFSC, analisava criticamente os problemas do Brasil, dentro de uma visão latino-americana. Para tanto, liam-se alguns autores brasileiros – como Caio Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado e outros – e o escritor uruguaio Eduardo Galeano. Por se tratar de problemas, que eram também conjunturais, trabalhava com os alunos a revista *Cadernos do Terceiro Mundo*, que à época era publicada em 70 países.

3.1.2 História Econômica e Social da Região Andina – O militarismo na década de 1970

Esta disciplina, ministrada na faculdade de história da Universidade Nacional Autônoma do México, no primeiro semestre de 1990, como prestação de um serviço social por conta do mestrado que realizava naquela instituição, tratou de relacionar e comparar a história dos países andinos independentes. Cabe destacar que todos eles integravam o Império Incaico, ocorrendo a balcanização após os processos de independência, apesar da luta de Simón Bolívar em defesa da *Pátria Grande*. Dois livros básicos foram utilizados: *Los militares en Bolivia*, de Guillermo Bedregal (2ª edição, México: Editora Extemporânea, 1974) e *El poder dual*, de René Zavaleta (3ª edição, México: Século XXI, 1979).

3.1.3 História Política, Econômica e Geral do Brasil

Esta disciplina, ministrada para os cursos de geografia e serviço social, tem como objetivo fundamental dar noções gerais de política e de economia brasileiras para os estudantes destes referidos cursos. Cabe ao professor despertar nos alunos

alguns temas que se relacionam mais com suas carreiras e estimulá-los a aprofundá-los. Para tanto, utiliza-se uma bibliografia mais ampla e mais geral.

3.1.4 História Econômica Geral

O programa de História Econômica Geral se propõe a estudar a economia em suas várias etapas ao longo da história; os conceitos de modo de produção; as formações econômico-sociais, tais como a asiática, a escravista, a feudal, a capitalista e a socialista; a Revolução Industrial e as revoluções burguesas, o imperialismo e o capitalismo periférico; a formação do Terceiro Mundo, alternativas ao capitalismo, a globalização e o *governo mundial de fato*. O livro de Cyro Rezende, *História Econômica Geral* (São Paulo: Editora Contexto, 2001) tem a vantagem de abordar, desde uma perspectiva crítica, todos estes temas. No entanto, Max Weber com sua *História Econômica Geral* (México: Fundo de Cultura Econômica, 2001) e Eric Hobsbawm com *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986) são de suma importância.

3.1.5 História da América Independente

O programa de História da América Independente se propõe a analisar os processos de independência e a formação do Estado Nacional latino-americano; o surgimento do imperialismo e a transição ao capitalismo dependente; a instalação do Estado liberal-oligárquico e a passagem para o Estado populista com a Revolução Mexicana; o triunfo da Revolução Cubana dentro da perspectiva de *longa duração* e suas conseqüências na América; as ditaduras personalistas, as neopopulistas e as de segurança nacional, bem como as intervenções dos Estados Unidos na América Latina. A bibliografia desta disciplina é extensa, por isso me limito a apresentar

somente o livro do historiador argentino Jorge Abelardo Ramos (*História da Nação Latino-Americana*, 3ª edição, Florianópolis: Editora Insular, 2014)

3.1.6 História Contemporânea II

Esta disciplina estuda o século XX, da Primeira Guerra Mundial à queda do muro de Berlim, dando especial atenção aos temas: a crise de 1914 e a Primeira Guerra Mundial; a Revolução Russa e a Revolução Mexicana; o liberalismo e os regimes autoritários; a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial; o processo de descolonização no mundo; a Guerra Fria; as relações entre Oriente e Ocidente e a nova ordem internacional. Embora a bibliografia fosse extensa, os estudantes leram de Eric Hobsbawm a *Era dos extremos – o breve século XX 1914-1991* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

3.1.7 As Relações dos Estados Unidos com a América Latina: história, política, economia e estratégia – período: 1945-1990. (tópico especial)

Esta disciplina se propõe a analisar a bipolaridade e a Guerra Fria; as relações dos Estados Unidos dentro de uma perspectiva leste-oeste; o declínio da hegemonia estadunidense na região e a busca de novas estratégias de dominação; o neoliberalismo e as novas relações econômicas, comerciais, políticas e militares. Como a disciplina é muito ampla e bastante abrangente, além de uma bibliografia extensa, trabalham-se, também, documentos, como os de Santa Fé I e II.

3.1.8 História do México Contemporâneo: da Revolução Mexicana ao ano 2000 (tópico especial).

Esta disciplina se propõe a analisar os antecedentes históricos que levaram à Revolução Mexicana, à guerra de facções e suas conseqüências histórico-político-

econômico-culturais ao longo de todo o século XX no México e na América Latina. Compreender a institucionalização da Revolução, sua interrupção ou morte, bem como seus novos rumos. Entender o México pós-revolucionário. O livro básico para este tópico especial é *La revolución interrumpida* (México: Editora ERA, 1994), do historiador Adolfo Gilly.

3.2 Disciplinas ministradas na Pós-Graduação

3.2.1 América Latina: pensamento político e literário (ministrado em conjunto com a prof^a. Dr^a Ana Brancher)

O seminário *América Latina – pensamento político e literário* tem como objetivo oferecer aos estudantes do programa de pós-graduação a oportunidade de discutir os rumos do pensamento político e literário em momentos fundacionais na vida e na história dos latino-americanos. Os temas, abordados sob a ótica da História Social, levaram em conta as lutas de classes em todo o continente. A bibliografia é ampla, pois abrange duas áreas: política e literatura.

3.2.2 Seminário de Dissertação

O seminário de dissertação tem como objetivo fundamental dar aos mestrandos condições práticas e teóricas para escrever sua dissertação. Para tanto é fundamental a leitura de livros sobre métodos de pesquisa. Trabalhou-se, entre outros, *Nueva guía para la investigación científica* (México: Ariel, 1996), de Heinz Dietrich Steffan.

3.2.3 Imperialismo e democracia na América Latina

O seminário *Imperialismo e democracia na América Latina* abordou, a partir de autores clássicos, o conceito de imperialismo e como ele se materializou na América

Latina durante o século XX, criando conflitos com os próprios regimes democráticos capitalistas. Igualmente, buscou-se entender as razões da nova interpretação dada ao imperialismo no pós-guerra-fria, assim como as questões nacionais latino-americanas e o conceito de democracia.

3.2.4 Imperialismo, democracia e cultura na América Latina

O seminário *Imperialismo, democracia e cultura na América Latina*, tratou, a partir de autores clássicos, o conceito de imperialismo e como ele se materializou historicamente na América Latina, se sobrepondo e inviabilizando a democracia e destruindo as culturas existentes. Entender o que é democracia e o que são as culturas latino-americanas – as da América profunda e as da América imaginária – e analisar os conceitos de transculturação, de etnocídio e de memoricídio.

3.2.5 Seminário da linha de pesquisa: *Políticas da escrita, da imagem e da memória* (este seminário da Linha de Pesquisa foi oferecido por mim aos mestrandos e doutorandos)

O Seminário *Os intelectuais, a história e a cultura: o papel dos intelectuais, história para que? e a função da cultura* discutiu o papel dos intelectuais nas transformações sócio-políticas contemporâneas da América Latina, assim como os conceitos e suas respectivas implicações históricas, de eurocentrismo, de revolução, de reforma e de pós-modernidade. A história, a sua função e o ofício do historiador; a história como crítica ou como discurso do poder.

3.2.6 Seminário da linha de pesquisa: *Política, sociedade e cultura no mundo contemporâneo* (este seminário da Linha de Pesquisa é oferecido por todos os professores integrantes da referida linha aos mestrandos e doutorandos)

A linha de pesquisa *Política, sociedade e cultura no mundo contemporâneo* define-se pela compreensão de que fenômenos econômicos, políticos, sociais e culturais devem ser apreendidos como momentos de um mesmo processo, pois apenas nas suas múltiplas interações é que cada um deles adquire pleno sentido e significado. Nessa perspectiva, vinculada à história social, temas relativos ao Estado, a cidadania e nação, em diferentes contextos – imperialismo, colonialismo, democracia e ditadura –, constituem nosso campo de interesses, que se expande por questões como integração e conflitos nacionais e internacionais, trabalho e trabalhadores, guerras, imprensa, fotografia, cinema, literatura, propaganda e diplomacia, principalmente nos séculos XX e XXI (Vide anexo 10).

4. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA GRADUAÇÃO - ORIENTAÇÕES DE TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

- Israel Moura Barroso. Amigos, amigos, colônias à parte: a política externa independente e o colonialismo português na África (1961-1964). 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Biange Nocetti Souza. Minustah: presença brasileira no Haiti. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Rubiam Valdir de Andrade. As operações especiais na Polícia Militar Catarinense. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Diego Pacheco. Subversão sem armas: a formação e atuação do Grupos dos Onze em Santa Catarina (1963-1964). 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.

- Milano Cardoso Cavalcante. A defesa do Banco do Estado de Santa Catarina: estratégias sindicais dos bancários de Florianópolis e região. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Caio Dias de Brito. Uma visão da revolução cubana diante do ensino brasileiro (1986-2007). 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Mariana Cristina Silva. A repercussão da Revolução Mexicana na imprensa catarinense: o jornal O Dia (1913-1917). 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Everson Mendes. A mineração em Siderópolis e o impacto sócio cultural na vida dos moradores (1940-1960). 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Marília de Azevedo Faria. A inter-relação entre as políticas econômica e diplomática durante o regime militar e o desenvolvimento nacional. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Heloisa Helena Pereira. A luta continua: o movimento estudantil e a adesão popular na Novembrada e nos atos pela libertação dos estudantes presos em Florianópolis, em 1979 nas manifestações pela soltura dos presos da Novembrada de 1979, 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Eduardo Gomes Silva. Rede da Democracia: Mídia, política e poder no golpe civil-militar de 1964. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Léo Jean Silva. As eleições municipais em Florianópolis no ano 2004: conjuntura, teoria partidária, construção, alianças e resultados. 2006. Trabalho

de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.

- Luciana Teixeira. Parceria Público-Privada em Santa Catarina: vantagens e desvantagens. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Ricardo Lorenzo Schmidt. A Revolução Sandinista sob o olhar do Jornal O ESC. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- César Augusto Félix da Silva. Éramos colegas, hoje somos companheiros de luta. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Associação dos Professores da Universidade de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Marcos Lino Mendonça. Narcotraficantes da Periferia - Trabalhadores e Bandidos nas Comunidades Carentes de Florianópolis (1975-2004). 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Líbero Gonçalves Machado. Análise das políticas neoliberais e do Estado no Brasil - anos 90. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Cedenir Alberto Simon. Análise das políticas neoliberais no Brasil - 1990-1999. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Maria Aparecida Corrêa. A elite florianopolitana e o novo cenário urbano pós-30. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.

- Luciane Zanenga Scherer. O guarani e a ilha de Santa Catarina. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Luís Cláudio Garcia Fernandes. Reforma agrária é impossível no Brasil?. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.

5. ATIVIDADES DE ORIENTAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO – NÍVEL DE MESTRADO

- Patrícia Volk Schatz. A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da Revista Placar (1974-1982). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir Jose Rampinelli.
- Maria Nazaré Wagner. O movimento trabalhista na UFSC sob a luz do novo sindicalismo no Brasil: a experiência dos trabalhadores técnico-administrativos em educação da UFSC. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Elvis Poletto. O conceito de nação em Mariátegui. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Rafaela Duarte. Diretas Já em Santa Catarina: o movimento de redemocratização nos textos e imagens dos jornais O Estado, A Notícia e o Jornal de Santa Catarina (1984). 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Antonio Tavares Monteiro. O processo de anexação do Acre ao Brasil sob a ótica do direito dos Tratados e do paradigma das Relações Internacionais. 2008.

Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientador: Waldir José Rampinelli.

- Juliana Vamerlati Santos. Um olhar sócio-ambiental da História: a trajetória do movimento ambientalista e seus conflitos com a atividade carbonífera no sul de Santa Catarina (1980-2008). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Célia da Cruz Barros Cabral Ferreira. O Tratado de Petrópolis e a Petrobrás: uma análise das relações Brasil-Bolívia à luz da teoria da dependência. 2007. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Eduardo Guilherme de Moura Paegle. A posição política da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) nos anos de chumbo (1964-1985). 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.

6. ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO – NÍVEL MESTRADO

- Thiago Henrique Elias. Nereu Ramos e a imprensa: análise da propaganda do interventor federal e do Estado de Santa Catarina na imprensa catarinense e carioca entre os anos 1943-1944. Início: 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Daniel Piassa Giovanaz. A compra do jornal A Notícia e a consolidação do oligopólio do Grupo RBS em Santa Catarina: uma análise histórica das relações entre Estado e mídia. Início: 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Renato Ramos Milis. As empresas juniores nas universidades brasileiras: o papel da universidade e as relações com o momento histórico. Início: 2013.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Waldir José Rampinelli.

7. ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO – NÍVEL DOUTORADO

- Daniele Prozczinsky. O voto é necessário? O voto nos Estados Unidos e na China: uma perspectiva histórica. Início: 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Tiago Ogait. Nas vizinhanças da Guerra Fria: a guerra quente na África lusófona e o regime militar brasileiro (1964-1975). Início: 2013. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli.
- Marcos Alexandre de M. S. Arraes. Dizendo-se outro por imagens: visões e visualidades do americanismo nas revistas Cruzeiro e Manchete (1945-1964). Início: 2011. Tese (Doutorado em História da UFSC) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Waldir José Rampinelli. (Vide anexo 11).

8. ATIVIDADES DE PRODUÇÃO INTELLECTUAL

8.1 Artigos publicados em periódicos indexados

- Um genocídio, um etnocídio e um memoricídio. *Universidade e Sociedade* (Brasília), v. 53, p. 104-106, 2014.
- Salazar: uma longa ditadura derrotada pelo colonialismo. *Lutas Sociais* (PUCSP), v. 18, p. 119-132, 2014.
- Fátima, o salazarismo e o colonialismo. *Universidade e Sociedade* (Brasília), v. 49, p. 126-136, 2012.

- O uso das “Aparições de Fátima” na manutenção do Império Colonial Lusitano. *Esboços*, v. 27, p. 273-287, 2012.
- A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos indígenas. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (UEM)*, v. 126, p. 90-107, 2011.
- La otra historia de los Estados Unidos - desde 1492 hasta hoy. *Lutas Sociais (PUCSP)*, v. 27, p. 211-214, 2011.
- A presidência imperial e o terror de Estado. *Revista Mediações (UEL)*, v. 15, p. 264-268, 2010.
- Los argentinos somos derechos y humanos. *Projeto História (PUCSP)*, v. 41, p. 653-659, 2010.
- Estados Unidos: uma nação em decadência?. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (UEM)*, v. 94, p. 1-2, 2009.
- Cuba - 50 Anos de Revolução. *Universidade e Sociedade (Brasília)*, v. 44, p. 209-214, 2009.
- Fórmula para o caos. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, v. 8, p. 1-5, 2009.
- Maranhão Dinástico. *Lutas Sociais (PUCSP)*, v. 23, p. 178-180, 2009.
- Apologia dos bárbaros: ensaios contra o império. *Revista Brasileira de História (Impresso)*, v. 58, p. 5001-5004, 2009.
- Imperialismo: ele ainda existe?. *Projeto História (PUCSP)*, v. 38, p. 353-357, 2009.
- Colômbia: um Estado terrorista?. *Projeto História (PUCSP)*, v. 39, p. 335-339, 2009.
- Uma história não contada. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, v. 82, p. 1-3, 2008.
- Portugal: um império aos pedaços. *Fronteiras (Florianópolis)*, v. 16, p. 221-225, 2008.

- A política internacional de JK e suas relações perigosas com o colonialismo português. Esboços (UFSC), v. 20, p. 275-289, 2008.
- As contribuições de Juscelino Kubitschek e Gilberto Freyre ao colonialismo português. Projeto História (PUCSP), v. 36, p. 137-157, 2008.
- A política internacional de JK e suas relações perigosas com o colonialismo português. Lutas Sociais (PUCSP), v. 17/18, p. 83-98, 2007. A revolução traída.
- O império derrotado: revolução e democracia em Portugal. Lutas Sociais (PUCSP), v. 17/18, p. 210-213, 2007.
- Capitalismo em regiões atrasadas: Agência Central de Inteligência, Departamento de Estado e Empresa Multinacional derrubam o governo de Arbenz na Guatemala (1950-1954). Textos de Economia, v. 10, p. 83-99, 2007.
- Francisco Villa: bandido ou herói?. Revista Eletrônica da ANPHLAC, v. 6, p. 130-135, 2007.
- Pancho Villa e a Revolução Mexicana. Dialogos Latinoamericanos, v. 12, p. 103-108, 2007.
- A revolução traída - Portugal. Fronteiras (Florianópolis), v. 15, p. 211-215, 2007.
- O livro negro do colonialismo. Esboços (UFSC), Florianópolis/SC, v. 13, p. 221-225, 2005.
- Colonialismo: um crime contra a humanidade ainda a ser reparado. Lutas Sociais (PUCSP), São Paulo/SP, v. 13, p. 172-176, 2005.
- Uma obra grande com grandes lacunas. Projeto História (PUCSP), v. 31, p. 413-420, 2005.
- As ditaduras envergonhada, escancarada e derrotada. Lutas Sociais (PUCSP), São Paulo/SP, v. 11/12, p. 205-211, 2004.
- O PCB e sua atuação nos anos 50. Revista Brasileira de História (Impresso), v. 23, p. 303-309, 2003.

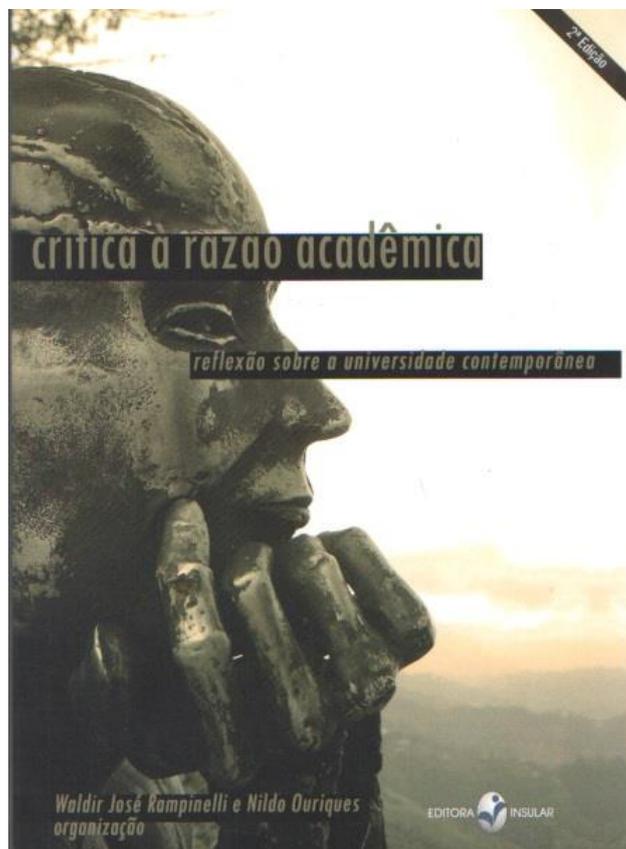
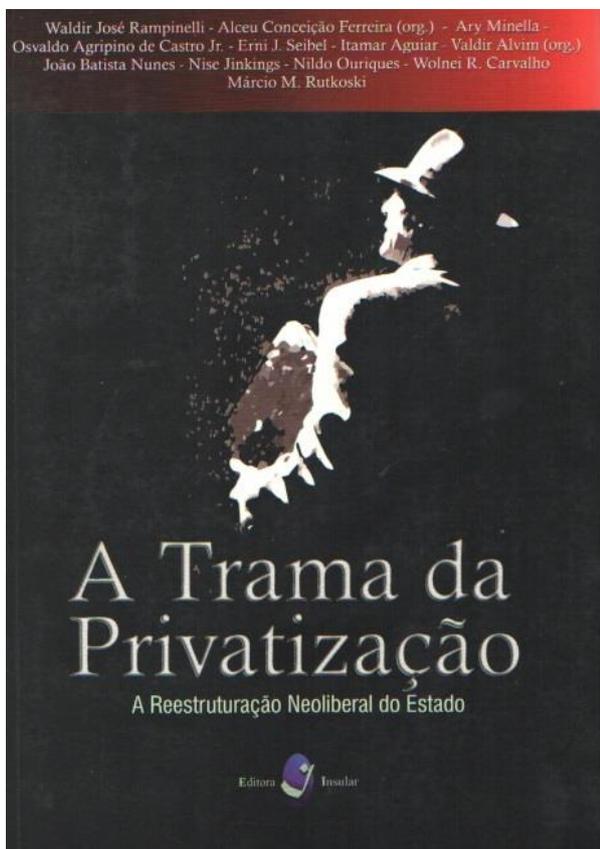
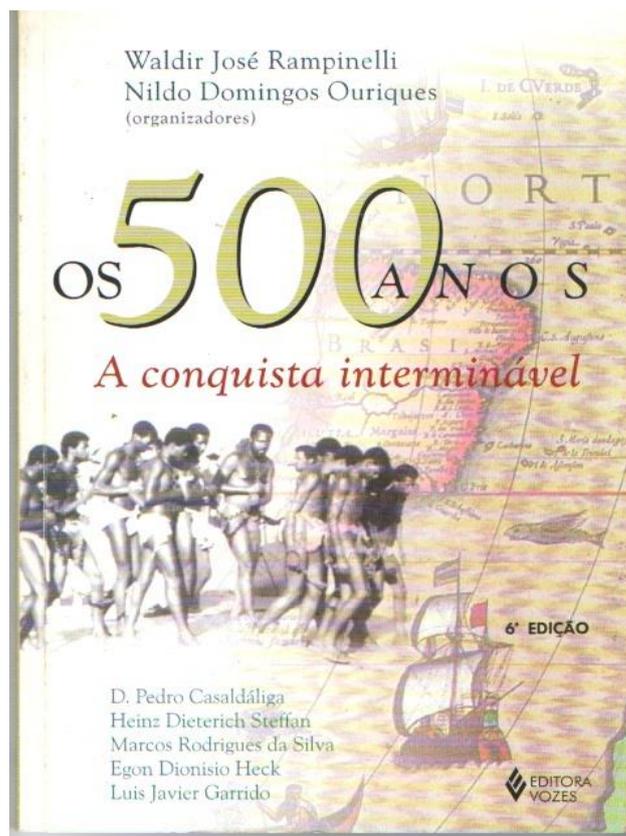
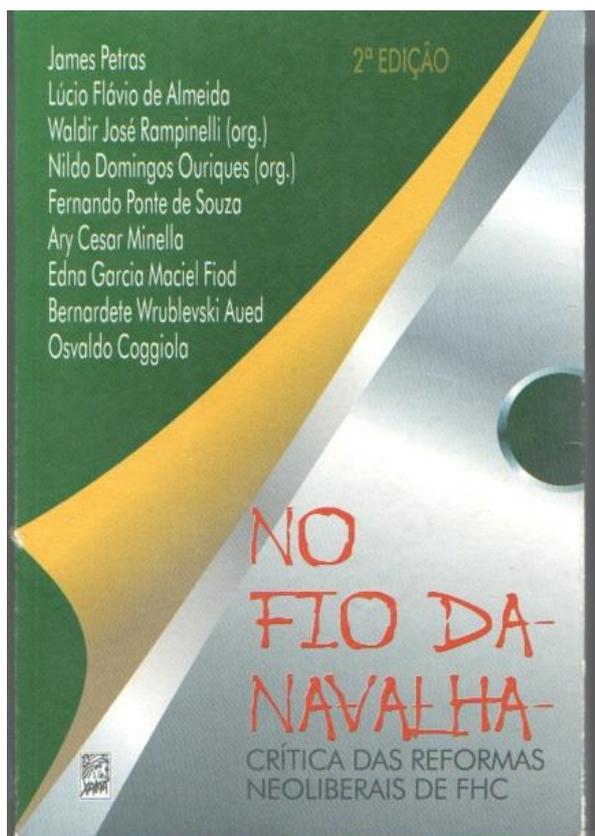
- Fernando Henrique Cardoso: o homem de Wall Street. Lutas Sociais (PUCSP), São Paulo, v. 8, p. 161-162, 2002.
- CARVALHO, Otelo. Saraiva. Por que a Revolução dos Cravos deixou de ser socialista - Entrevista. Universidade e Sociedade (Brasília), v. 26, p. 147-151, 2002.
- ROSAS, Fernando. A Europa, os Estados Unidos e o Brasil de JK apoiaram a ditadura de Oliveira Salazar - Entrevista. Universidade e Sociedade (Brasília), v. 26, p. 152-158, 2002.
- ROSAS, Fernando. A cumplicidade de um governo brasileiro com a ditadura salazarista - Entrevista. Fronteiras (Florianópolis), v. 9, p. 155-167, 2001.
- Globalização: o novo nome de imperialismo. Revista Brasileira de História (Impresso), São Paulo/SP, v. 21, n.40, p. 287-289, 2000.
- Brasil-Portugal: a falácia do V Centenário. Universidade e Sociedade (Brasília), Brasília/DF, v. 16, p. 35-40, 1998.
- Estados Unidos e América Latina: o declínio de uma hegemonia - Parte II. Fronteiras (Florianópolis), Florianópolis/SC, p. 109-121, 1998.
- Curso universitário é garantia de emprego neste mundo globalizado?. Encontros Teológicos (Florianópolis), Florianópolis/SC, v. 25, p. 22-27, 1998.
- A nova ordem internacional pós-guerra fria. Fronteiras (Florianópolis), Florianópolis/SC, v. 6, p. 139-141, 1998.
- Estados Unidos e América Latina: o declínio de uma hegemonia - Parte I. Revista Catarinense de História, Florianópolis/SC, v. 4, p. 123-137, 1997.
- O primeiro grande êxito da Agência Central de Inteligência (CIA) na América Latina. Revista Catarinense de História, Florianópolis/SC, v. 2, p. 65-76, 1995.
- Da análise da decadência econômica dos Estados Unidos a uma crítica do neoliberalismo na América Latina - Entrevista. Revista Catarinense de História, v. 2, p. (Vide anexo 12).

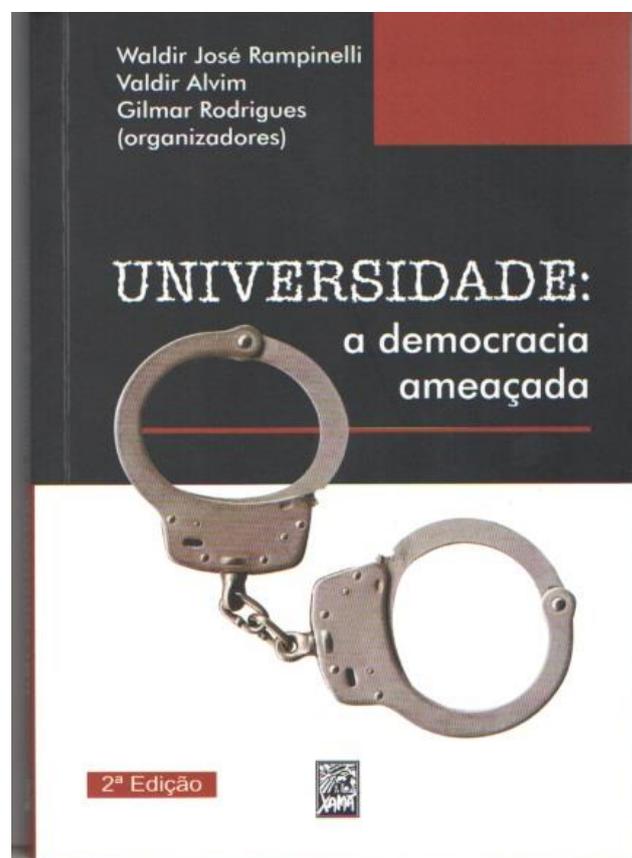
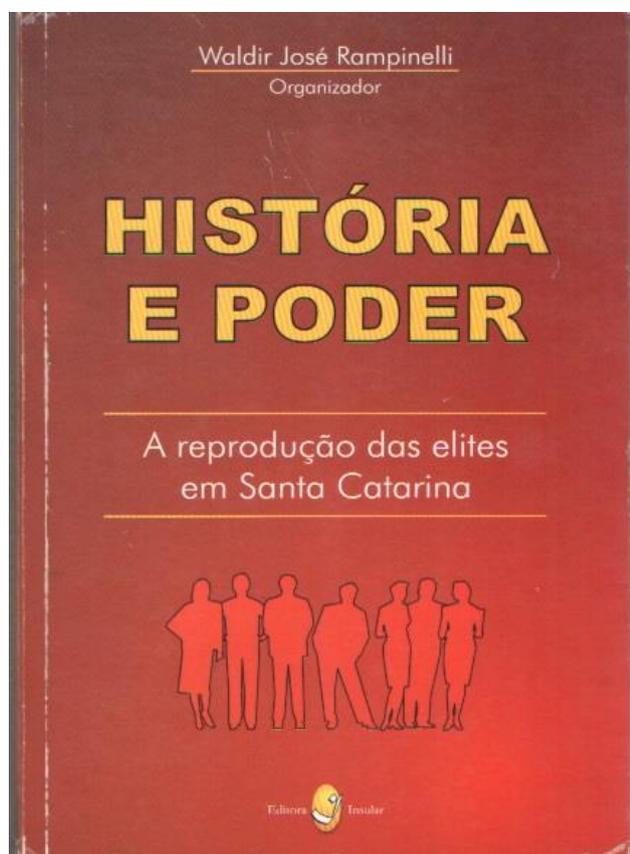
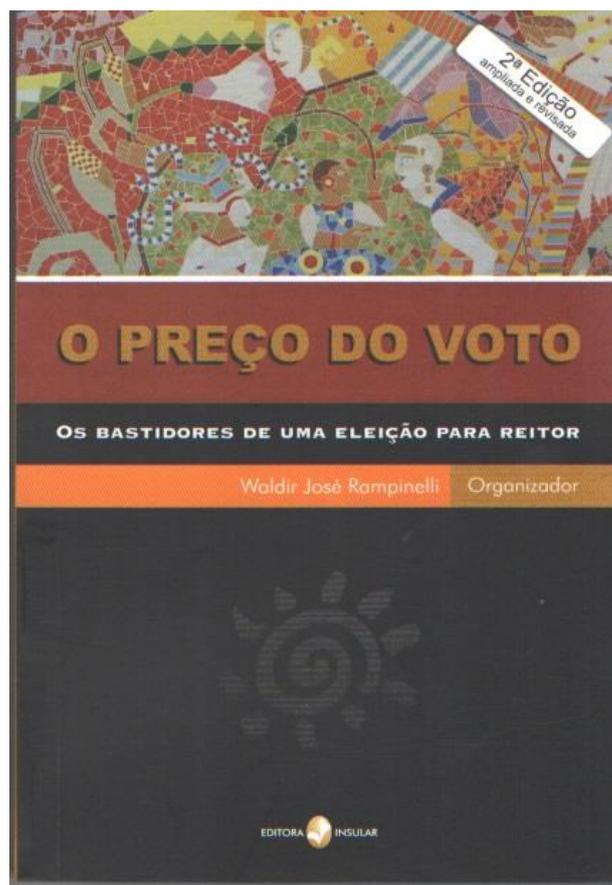
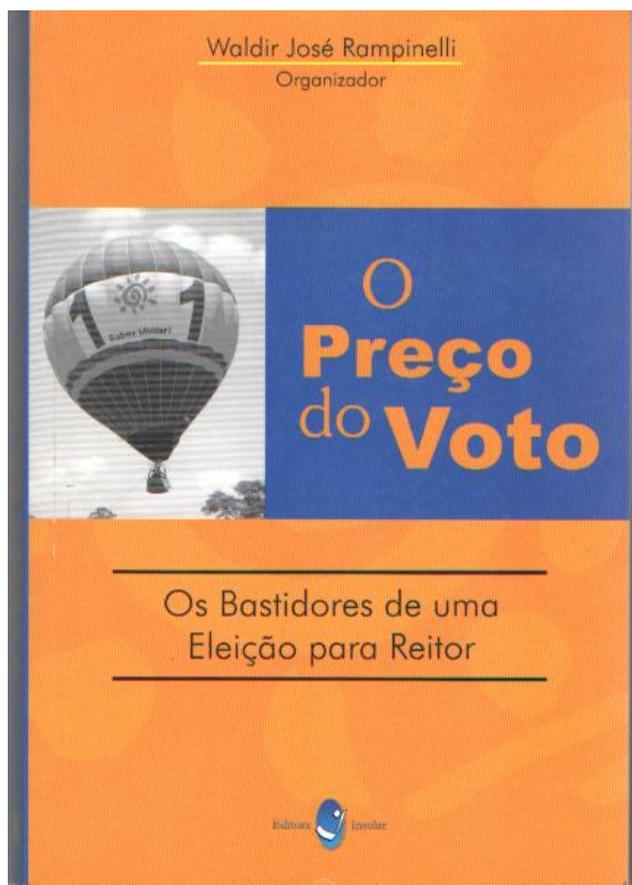
8.2 Capítulos de livros

- A democracia na universidade brasileira: simulacro ou arremedo?. Crítica à Razão Acadêmica: Reflexão sobre a Universidade Contemporânea. Florianópolis/SC: Insular, 2011, v., p. 43-72.
- O Centenário da Revolução Mexicana. In: Lauro Mattei. (Org.). América Latina no Limiar do Século XXI. Florianópolis/SC: Insular, 2011, v., p. 45-73.
- Universidade, sociedade e política: algumas considerações sobre a relação entre público e privado em tempos de barbárie. In: Waldir José Rampinelli; Valdir Alvim; Gilmar Rodrigues. (Org.). Universidade: a democracia ameaçada. 2ª edição, São Paulo/SP: Xamã, 2005, v., p. 29-50.
- Máscaras de uma eleição. In: Waldir José Rampinelli. (Org.). O Preço do Voto - Os bastidores de uma eleição para Reitor. Florianópolis/SC: Insular, 2004, v., p. 17-39.
- A história: uma arma de dominação. In: Waldir José Rampinelli. (Org.). História e Poder - a reprodução das elites em Santa Catarina. Florianópolis - SC: Insular, 2003, v., p. 23-48.
- Recortes de história. In: Fiorindo Fontana; Waldir J. Rampinelli; Sebastião S. Herdt;. (Org.). Elfos seculares. Tubarão - Santa Catarina: Unisul - Universidade do Sul, 2002, v., p. 539-546.
- A globalização e as privatizações. In: Alceu C. Ferreira e Valdir Alvim. (Org.). A trama da privatização: a reestruturação neoliberal do Estado. Florianópolis/SC: Insular, 2001, v. 1, p. 13-27.
- A falácia do V centenário. In: Waldir José Rampinelli; Nildo Domingos Ouriques. (Org.). Os 500 anos: a conquista interminável. 6ª edição, Petrópolis/RJ: Vozes, 1999, v., p. 27-45.
- Uma política externa subserviente a um governo mundial de fato. In: Waldir José Rampinelli; Nildo Domingos Ouriques. (Org.). No fio da navalha: crítica das reformas neoliberais de FHC. 2ª edição, São Paulo/SP: Xamã, 1997, v. , p. 65-90 (Vide anexo 13).

8.3 Organização de Livros e Revistas

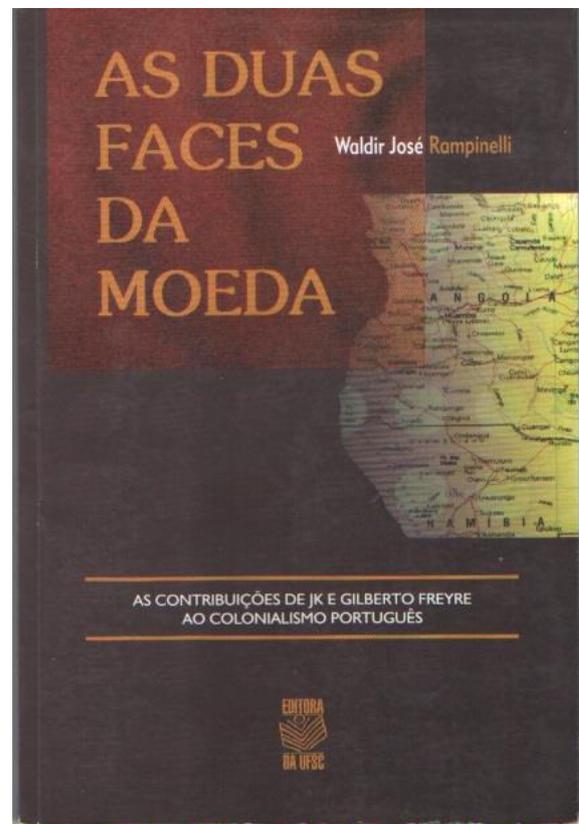
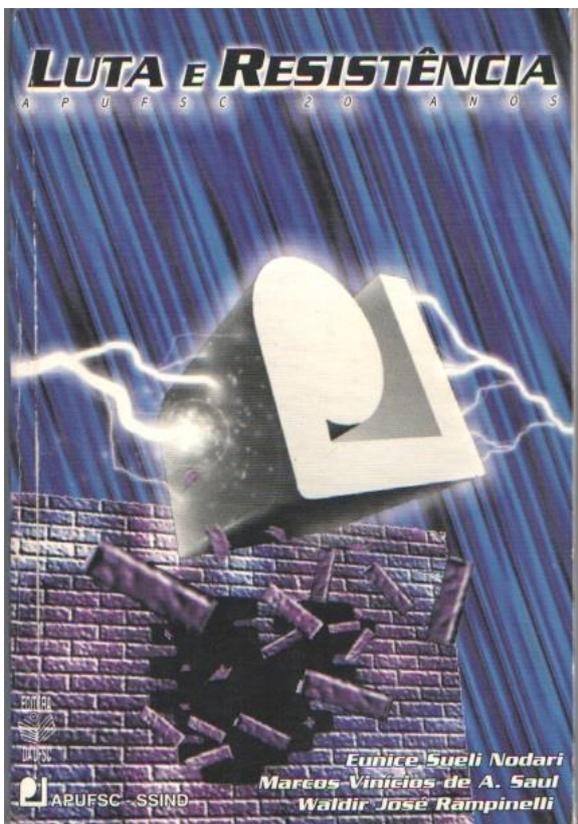
- *Crítica à razão acadêmica* - reflexão sobre a universidade contemporânea. 2ª edição revisada. Florianópolis/SC: Insular, 2012. v. 1000. 224 p.
- *Crítica à razão acadêmica* - reflexão sobre a universidade contemporânea. 1ª edição, Florianópolis/SC: Insular, 2011. v. 1000. 224 p.
- *O preço do voto* - os bastidores de uma eleição para Reitor – 2ª edição revisada e ampliada. Florianópolis/SC: Insular, 2008. v. 1000. 352p.
- Revista Plural. Florianópolis/SC: 2006. v. 3.500. 100 p.
- *Universidade: a democracia ameaçada*. 2ª. edição, São Paulo/SP: Xamã, 2005. v. 1000. 266 p.
- *O preço do voto* - os bastidores de uma eleição para Reitor. 1ª edição, Florianópolis/SC: Insular, 2004. v. 1000. 208 p.
- *História e poder* - a reprodução das elites em Santa Catarina. 1ª edição, Florianópolis/SC: Insular, 2003. v. 1000. 206 p.
- *Os 500 anos* - a conquista interminável. 6ª edição, Petrópolis: Vozes, 1999. v. 1. 120 p.
- *No fio da navalha*: crítica das reformas neoliberais de FHC. 2ª edição, São Paulo/SP: Xamã, 1997. v. 2000. 279 p.





8.4 Autoria de livros

- *Luta e resistência*: APUFSC 20 anos. 1ª edição, Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1996. v. 1.500. 227 p.
- *As duas faces da moeda* - as contribuições de JK e Gilberto Freyre ao colonialismo português. 1ª edição, Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2004. v. 1000. 158 p.



8.5 Prefácios e apresentações de livros

- *Agência Central de Inteligência: a transnacional do terror de Estado* (p. 13-24). Prefácio do livro *A CIA e o terrorismo de Estado* – Cuba, Vietnã, Angola, Chile, Nicarágua, de Hernando Calvo Ospina (Florianópolis: Editora Insular, 2013).

- *América Latina: o lugar do novo II* (p. 19-30). Prefácio do livro *História da Nação Latino-Americana*, de Jorge Abelardo Ramos (Florianópolis: 3ª edição, Editora Insular, 2012).
- *América Latina: o lugar do novo* (p. 21-30). Prefácio do livro *História da Nação Latino-Americana*, de Jorge Abelardo Ramos (Florianópolis: 1ª edição, Editora Insular, 2011).
- *Apresentação* (p. 9-14). Apresentação do livro *Crítica à razão acadêmica – reflexão sobre a universidade contemporânea*, de vários autores (Florianópolis: 2ª edição, Editora Insular, 2011).
- *Apresentação – A força da crítica* (p. 19-20). Apresentação do livro *O preço do voto – os bastidores de uma eleição para reitor*, de vários autores (Florianópolis: 2ª edição ampliada e revisada, Editora Insular, 2008).
- *Apresentação* (p. 17-18). Apresentação do livro *Universidade: a democracia ameaçada*, de vários autores (São Paulo: 2ª edição, Editora Xamã, 2007).
- *Apresentação – A força da palavra* (p. 9-11). Apresentação do livro *O preço do voto – os bastidores de uma eleição para reitor*, de vários autores (Florianópolis: 1ª edição, Editora Insular, 2004).
- *Apresentação* (p. 13-18). Apresentação do livro *História e poder – a reprodução das elites em Santa Catarina*, de vários autores (Florianópolis: Editora Insular, 2003).
- *Apresentação* (p. 9-11). Apresentação do livro *Os 500 anos – a conquista interminável*, de vários autores (Petrópolis: 6ª edição, Editora Vozes, 2001).
- *Apresentação – Editorial* (p. 5-6). Apresentação da Revista *Fronteiras*, do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, nº 7 de 1999.
- *Apresentação* (p. 5-7). Apresentação do livro *No fio da navalha – crítica das políticas neoliberais de FHC*, de vários autores (São Paulo: 2ª edição, Editora Xamã, 1998).

8.6 Publicação em anais de eventos

- A Revolução Mexicana no seu Centenário: seus precursores ideológicos e sua influência na América Latina. In: 9 Encontro Internacional da Anphlac, 2010, Goiânia/GO. Caderno de Resumos, 2010. v. 1. p. 89-90.
- Estados Unidos: imperialismo e soberania nacional. In: V - Jornadas Bolivarianas, 2009, Florianópolis-SC. Jornadas Bolivarianas. Florianópolis: Editora Insular, 2009.
- Uma obra grande com grandes lacunas: as ditaduras envergonhada, escancarada e derrotada. In: XI Encontro Estadual de História: mídia e cidadania, 2006, Florianópolis/SC. Caderno de Programação e Resumos. Florianópolis/SC: Parque gráfico da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. p. 90-91.
- As contribuições de JK e Gilberto Freyre ao colonialismo português. In: Encontro Estadual de História: mídia e cidadania, 2006, Florianópolis/SC. Caderno de Programação e Resumos. Florianópolis/SC: Parque gráfico da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. p. 90-90.
- Uma obra grande com grandes lacunas: as ditaduras envergonhada, escancarada e derrotada. In: XI Encontro Estadual de História: Mídia e Cidadania, 2006, Florianópolis/SC. Caderno de Programação e Resumos. Florianópolis/SC: Gráfica da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- Uma grande obra com grandes lacunas - sobre os livros de Elio Gaspari referentes à ditadura militar (1964-1985). In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina/Pr. História: Guerra e Paz. São Paulo/SP: Gráfica Editorial Mídia, 2005. p. 463-463.
- As contribuições de Juscelino Kubitschek e Gilberto Freyre ao colonialismo português. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina/Pr. História: Guerra e Paz. São Paulo/SP: Gráfica Editorial Mídia, 2005. p. 463-463.

- A história: uma arma de dominação. In: X Encontro Estadual de História, 2004, Florianópolis/SC. História: Trabalho, Cultura e Poder. Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. p. 17-19.
- Os 500 anos, a globalização, a história e o Brasil. In: VIII Encontro Estadual de História, 2000, Florianópolis/SC. História: Experiências e desafios. Florianópolis/SC: ANPUH/SC, 2000. p. 82-83.
- Os 500 anos - a conquista interminável. In: XX Simpósio Nacional de História - História: Fronteiras, 1999, Florianópolis/SC. História: Fronteiras. Florianópolis/SC: EDUFSC, 1999. p. 653-653.
- Uma política externa subserviente a um governo mundial de fato. In: XX Simpósio Nacional de História _ História Fronteiras, 1999.
- A globalização e a história. In: VII Encontro Estadual de História - História e Ensino, 1998, Florianópolis/SC. História e Ensino. Florianópolis/SC: EDUFSC, 1998. p. 10-10.
- Uma onda conservadora sobre a América Latina. In: XIX Simpósio Nacional de História, 1997, Belo Horizonte/MG. História e Cidadania. Belo Horizonte/MG: Editora Santa Edwiges, 1997. p. 290-291.
- Memória da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina. In: VI Encontro Estadual de História, 1996, Florianópolis/SC. História e Novas Linguagens: Ensino e Pesquisa. Florianópolis/SC: Anpuh/SC, 1996. p. 11-11.
- Por que guerrilha no México em tempos de economia de mercado?. In: XVIII Simpósio Nacional de História - História e Identidade, 1995, Recife. Anais do Congresso, 1995.
- A queda de Arbenz e da Revolução de Outubro na Guatemala - 1944/1954. In: XII Encontro Regional de História, 1994, Campinas/SP. Cultura, Memória, Poder. Campinas: Anpuh, 1994. p. 122-123.

- O primeiro grande êxito da Agência Central de Inteligência (CIA) na América Latina. In: II Semana da Pesquisa, 1994, Florianópolis/SC. II Semana da Pesquisa. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1994. p. 326-326.
- Relações dos Estados Unidos com a América Latina: história, política e estratégia (1945/1990). In: 16º Encontro Anual da Anpocs, 1993, Caxambu/MG. ANPOCS, 1993. p. 16-16.

8.7 Publicações em revistas não indexadas, jornais e boletins do Brasil e do exterior.

Os artigos publicados nestes veículos de comunicação foram embasados em trabalhos de pesquisa, sustentados teoricamente e fundamentados com citação de autores. Por isso, considero-os relevantes e, alguns deles, causaram mais impacto e debate que os publicados nos periódicos indexados. A maioria dos temas abordados está relacionada com as quatro áreas de história que trabalho.

- Los argentinos somos derechos y humanos. Gramsci Oggi, Magenta - Milano, p. 16 - 17, 01 jul. 2014.
- 1964: um golpe contra o Brasil. Diário catarinense DC-Cultura, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 29 mar. 2014.
- A importância de Marx, hoje. Diário Catarinense, Florianópolis/SC, p. 1 - 1, 12 out. 2013.
- Golpe de Estado contra o Paraguai. Revista História Catarina, Lages/SC, p. 8 - 13, 09 nov. 2012.
- Cátedra RBS. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 24 out. 2012.
- Para onde caminha a 'Nova Apufsc'?. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 18 set. 2012.
- A greve na UFSC: uma grande lição. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 28 ago. 2012.
- O que é ser de esquerda hoje?. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 7 - 7, 02 jul. 2012.
- O Estado laico. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 5 - 5, 28 maio 2012.

- A nova reitoria da UFSC. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 05 mar. 2012.
- O terrorismo de Estado na Argentina. Rebelar - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos, Porto Alegre/RS, p. 356 - 362, 01 fev. 2012.
- Crítica à Razão Acadêmica e a Função de uma Reitoria. Boletim Apufsc-Sindical, p. 2 - 2, 10 out. 2011.
- OURIQUES, N. D. . Crítica à Razão Acadêmica. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 19 set. 2011.
- Imperialismo e Cultura na América Latina. Site do Instituto de Estudos Latino-Americanos - IELA, Florianópolis/SC, 11 abr. 2011.
- Cuba - 50 Anos de Revolução. Site do Instituto de Estudos Latino-Americanos - IELA, Florianópolis/SC, p. 1 - 6, 14 mar. 2011.
- Barack Obama e a presidência imperial. Site do IELA, Florianópolis/SC, 24 nov. 2010.
- Los argentinos somos derechos y humanos (resenha). Revista História & Luta de Classes, Mal. Cândido Rondon, v. 10, p. 75 - 77, 10 nov. 2010.
- Los argentinos somos derechos y humanos - (Parte II). Boletim - Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 25 out. 2010.
- Los argentinos somos derechos y humanos - (Parte I). Boletim - Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 18 out. 2010.
- Censurado. Sem Consenso, Florianópolis/SC, p. 13 - 13, 22 maio 2010.
- A história dos 50 anos da UFSC. Boletim - Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 06 abr. 2010.
- Colômbia: Estado terrorista?. Diário Catarinense, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 03 abr. 2010.
- Cuba e os direitos humanos. Zero, Florianópolis/SC, p. 4 - 4, 01 abr. 2010.
- Colômbia: um Estado terrorista?. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 24 mar. 2010.
- A retirada do senhor Héctor Leis. Boletim Apufsc-Sindical, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 15 mar. 2010.
- Considerações sobre o pensamento de esquerda e de direita na UFSC. Boletim - Apufsc Sindical, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 01 mar. 2010.
- A direitização na UFSC e a função do CFH. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 23 nov. 2009.
- Censura nunca mais!. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 09 nov. 2009.
- Sua Excelência, a censura. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 19 out. 2009.

- Cultura e censura, o grande antagonismo. Diário Catarinense - DC Cultura, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 03 out. 2009.
- Censura na Editora da UFSC. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 14 set. 2009.
- Cuba - 50 Anos de Revolução - Parte II. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 18 ago. 2009.
- Cuba - 50 Anos de Revolução - Parte I. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 6 - 7, 03 ago. 2009.
- O Itamaraty e o Golpe de Estado no Chile. História & Luta de Classes, Marechal Cândido Rondon, p. 82 - 83, 01 jul. 2009.
- O Maranhão Dinástico. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 29 jun. 2009.
- Colômbia: um Estado Terrorista?. Partido dos Trabalhadores, São Paulo/SP, 22 abr. 2009.
- Estados Unidos: uma nação em decadência?. Diário Catarinense - Caderno de Cultura, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 28 mar. 2009.
- O CFH na UFSC. Boletim, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 24 mar. 2009.
- O Maranhão Dinástico. Diário Catarinense - Caderno de Cultura, Florianópolis/SC, p. 2 - 3, 10 jan. 2009.
- Obama venceu: e agora?. Diário Catarinense - Caderno Cultura, Florianópolis/SC, p. 4 - 4, 08 nov. 2008.
- O Itamaraty e o golpe no Chile. Diário Catarinense - Caderno de Cultura, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 11 out. 2008.
- Imperialismo: ele ainda existe?. História & Luta de Classes, Marechal Cândido Rondon/PR, p. 95 - 97, 01 abr. 2008.
- Os donos esquecidos da América do Norte. A Notícia, Joinville/SC, p. 2 - 3, 10 fev. 2008.
- O primeiro grande êxito da CIA na América Latina. Ponto e Vírgula, São Paulo/SP, p. 106 - 121, 04 set. 2007.
- O grande equívoco do Brasil na América Latina: a estratégia do assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Observatório Latino-americano, Florianópolis/SC, 24 ago. 2007.
- Imperialismo e luta de classes ainda existem?. Boletim (Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis/SC, p. 6 - 7, 06 ago. 2007.
- O poder que nunca acaba. A Notícia, Joinville/SC, p. 2 - 3, 05 ago. 2007.
- Imperialismo: ele ainda existe?. Ola - Observatório Latino-Americano, Florianópolis/SC, 31 jul. 2007.

- Sem feliz aniversário - América Latina não precisa comemorar os 60 anos da CIA. A Notícia, Joinville/SC, p. 2 - 3, 06 jul. 2007.
- A CIA e seu rastro de sangue na América Latina. Observatório Latino-americano, Florianópolis/SC, 02 jul. 2007.
- Império aos pedaços - Como Portugal se opôs à História durante a descolonização. A Notícia, Joinville/SC, p. 1 - 1, 22 jun. 2007.
- Seleção para a pós ou para bom comportamento?. Boletim, Florianópolis/SC, p. 7 - 7, 26 mar. 2007.
- O corte e o reitor. Boletim, Florianópolis/SC, p. 7 - 7, 26 fev. 2007.
- Pancho Villa: bandido ou herói?. A Notícia, Joinville/SC, 02 fev. 2007.
- A revolução traída (sobre a Revolução dos Cravos). Observatório Latino-americano, Florianópolis/SC, 23 jan. 2007.
- Nova versão para o regime de Salazar. A Notícia, Joinville/SC, p. 2 - 3, 12 jan. 2007.
- Pancho Villa - uma biografia narrativa, artigo-resenha do livro. Observatório Latino-Americano, Florianópolis/SC, 12 jan. 2007.
- A América Latina e os seus grandes dilemas - Entrevista. Plural, Florianópolis/SC, p. 26 - 29, 01 out. 2006.
- O zapatismo e a outra campanha. Mundo Jovem, Porto Alegre/RS, p. 10 - 10, 01 set. 2006.
- JK e Gilberto Freyre: dois colonialistas?. Observatório Latino-americano, Florianópolis/SC, 12 jul. 2006.
- Corrupção. Notícias do Mandato Afrânio, Florianópolis/SC, p. 1 - 1, 01 jul. 2005.
- Uma grande obra com grandes lacunas: as ditaduras envergonhada, escancarada e derrotada. Plural, Florianópolis/SC, p. 82 - 87, 01 jun. 2005.
- A representatividade na universidade. Boletim (Informativo da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 11 abr. 2005.
- As Ciências Humanas e o Fórum Social Mundial. Boletim, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 28 fev. 2005.
- Câmara de Pós-Graduação rejeita doutorado e mestrado em Psicologia fora da sede. Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 13 dez. 2004. Artigo em co-autoria.
- Derrida, Kant e a Idéia de Universidade. Boletim, Florianópolis/SC, p. 8 - 8, 29 nov. 2004. Artigo em co-autoria.
- O voto universal: uma conquista no CFH. Boletim, Florianópolis/SC, p. 7 - 7, 28 set. 2004.

- Os equívocos de Elio Gaspari. Caros Amigos, São Paulo/SP, p. 18 - 19, 01 mar. 2004.
- Uma reitoria que não gosta de livros. Boletim, Florianópolis/Santa Catarina, p. 2 - 2, 16 jun. 2003.
- Reitor para reitorar. O Boletim, Florianópolis/Santa Catarina, p. 9 - 9, 26 maio 2003.
- As ciências humanas e os neoliberais da UFSC. O Boletim, Florianópolis/Santa Catarina, p. 6 - 6, 12 maio 2003.
- Lula chegou à presidência: e ao poder?. O Boletim, Florianópolis/Santa Catarina, p. 4 - 4, 28 abr. 2003.
- Uma guerra colonial. ANcapital, Florianópolis/Santa Catarina, p. 05 - 05, 03 mar. 2003.
- O PCB e sua atuação nos anos 1950 - Entrevista. Revista Brasil Revolucionário, São Paulo/SP, p. 36 - 39, 01 mar. 2003.
- América Latina: ontem colônia, hoje neocolônia. Mundo Jovem, Porto Alegre, 02 nov. 2002.
- Você aceita que "eles" escalem a nossa seleção?. Rodão, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 01 jun. 2002.
- O partidão nos tempos de Juscelino. Caros Amigos, São Paulo/SP, p. 22 - 23, 01 jun. 2002.
- Por que nosso salário é baixo. O Rodão, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 10 mar. 2002.
- Estados Unidos: uma hegemonia em decadência?. Mundo Jovem, Porto Alegre, p. 3 - 3, 02 fev. 2002.
- A corrupção na América Latina. O Estado, Florianópolis/SC, p. 14 - 14, 19 jul. 2001.
- Universidades das Periferias. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 21 jul. 2000.
- Herói ou ídolo. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 06 jul. 2000.
- Globalização: o novo nome do imperialismo. Revista Brasil Revolucionário, São Paulo/SP, p. 65 - 67, 01 jul. 2000.
- Os 500 anos - a conquista interminável. Jornal da Arquidiocese, Florianópolis/SC, p. 16 - 16, 15 dez. 1999.
- As eleições na Universidade Federal. Folha Sindical, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 16 nov. 1999.
- A falácia do V Centenário. Revista Brasil Revolucionário, São Paulo/SP, p. 24 - 32, 01 nov. 1999.

- Três candidaturas, dois projetos. O Manifesto, Florianópolis/SC, p. 1 - 1, 15 out. 1999.
- As fundações da UFSC. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 01 mar. 1999.
- Ainda sobre Castro e Pinochet. O boletim, Florianópolis/SC, p. 1 - 2, 15 fev. 1999.
- Cuba não é o Chile. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 08 jan. 1999.
- Perspectivas para 1999. O Estado, Florianópolis/SC, p. 5 - 5, 31 dez. 1998.
- Por que Castro nunca foi Pinochet. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 5 - 5, 21 dez. 1998.
- Para onde caminha a América Latina?. Gazeta Mercantil, Florianópolis/SC, p. D-2 - D-2, 16 dez. 1998.
- A prisão de Pinochet. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 11 dez. 1998.
- O Chile depois da prisão de Pinochet. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 07 dez. 1998.
- Os caçadores de níqueis. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 5 - 5, 30 nov. 1998.
- Candidatos à falência?. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 06 out. 1998.
- A sociedade global e o novo projeto histórico - Entrevista. Plural, Florianópolis/SC, p. 16 - 27, 01 ago. 1998.
- A universidade e a sociedade. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 27 maio 1998.
- Futuros empresários ou candidatos à falência?. Gazeta Mercantil, Florianópolis/SC, p. D-9 - D-9, 22 maio 1998.
- OEA e subserviência. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 12 maio 1998.
- O cinqüentenário das bodas de sangue. Inverta/RJ, Rio de Janeiro/RJ, p. 5 - 5, 08 out. 1997.
- Bodas de sangue. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 06 out. 1997.
- Brasil-Portugal: 500 anos. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 07 set. 1997.
- Se a UFSC fosse privatizada que Centros levariam vantagem?. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 4 - 5, 01 set. 1997.
- Guevara na África. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 20 ago. 1997.
- A violência das políticas neoliberais reacende a luta armada na América Latina. Inverta, Rio de Janeiro/RJ, p. 7 - 7, 30 jul. 1997.
- Mitos e realidades do neoliberalismo. Inverta, Rio de Janeiro/RJ, p. 7 - 7, 12 jul. 1997.
- O Brasil na ONU. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 08 jul. 1997.

- Por que os neocomunistas começam a voltar ao poder no Leste europeu?. Inverta, Rio de Janeiro/RJ, p. 3 - 3, 16 jun. 1997.
- Com o fim das universidades públicas, você poderá manter seu filho em Florianópolis?. Jornal da Manhã, Criciúma/SC, p. 2 - 2, 06 jun. 1997.
- A UFSC completou 36 anos. Será que fará 37?. Jornal da Manhã, Criciúma/SC, p. 2 - 2, 27 maio 1997.
- A universidade que defendemos não é a que queremos. O boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 23 maio 1997.
- O novo autoritarismo. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 12 maio 1997.
- O embaixador do PFL do Brasil. Jornal da Manhã, Criciúma/SC, p. 2 - 2, 29 abr. 1997.
- Quem ganha com a globalização?. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 5 - 5, 07 abr. 1997.
- A globalização. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 02 abr. 1997.
- O embaixador do PFL. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 27 fev. 1997.
- Vendedores ambulantes. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 23 jan. 1997.
- Che: o comandante Guevara vive!. Plural, Florianópolis/SC, p. 93 - 96, 01 jan. 1997.
- Luta e resistência: APUFSC 20 anos. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 28 out. 1996.
- COPERVE: uma caixa preta?. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 4 - 5, 30 set. 1996.
- Avaliação do evento é mais que positiva. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 4 - 5, 23 set. 1996.
- Mudanças à vista. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 12 ago. 1996.
- Ainda e sempre os desurpados. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 05 ago. 1996.
- Um golpista travestido de democrata. Plural, Florianópolis/SC, p. 80 - 83, 01 jul. 1996.
- As ciências humanas e as políticas neoliberais. Jornal Universitário, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 10 jun. 1996.
- Uma nova administração para a UFSC?. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 13 maio 1996.
- O novo autoritarismo. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 26 abr. 1996.
- É preciso voltar às ruas. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 23 abr. 1996.
- Fim das Universidades Públicas. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 04 abr. 1996.

- Com a palavra o novo reitor. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 3 - 3, 01 abr. 1996.
- Neoliberalismo. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 28 mar. 1996.
- Neocomunistas e Leste Europeu. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 12 mar. 1996.
- Aviões cubanos no ar. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 29 fev. 1996.
- América Latina. ANcapital, Florianópolis, p. 2 - 2, 23 jan. 1996.
- Violência neoliberal reacende a luta armada na América Latina. Plural, Florianópolis/SC, p. 84 - 86, 01 jan. 1996.
- Uma crítica ao Estado Imperial Norte-Americano e o declínio da esquerda na América Latina - Entrevista. Plural, Florianópolis/SC, p. 3 - 12, 01 jan. 1996.
- Da crise mexicana às políticas neoliberais na América Latina - Entrevista. Plural, Florianópolis/SC, p. 29 - 37, 01 jan. 1996.
- UFSC: será que fará 36?. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 21 dez. 1995.
- Parem os tiros no campo. ANcapital, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 22 nov. 1995.
- O movimento docente e a sucessão na reitoria. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 4 - 5, 20 nov. 1995.
- Equívocos políticos. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 13 nov. 1995.
- Desurpados de toda a universidade, uni-vos!. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 4 - 5, 14 ago. 1995.
- Guardem as estátuas de Lênin: elas voltarão a seus antigos lugares. Plural, Florianópolis/SC, p. 112 - 114, 01 ago. 1995.
- Que universidade pública queremos?. O Boletim, Florianópolis/SC, p. 2 - 2, 31 jul. 1995.
- Brasil no Conselho de Segurança da ONU. Jornal da APUFSC, Florianópolis/SC, p. 8 - 8, 15 dez. 1994.
- EUA não têm amigos, apenas interesses. O Estado, Florianópolis/SC, p. 10 - 10, 16 set. 1994.
- Estados Unidos: uma nova arma na América Latina. Zero, Florianópolis/SC, p. 15 - 15, 03 set. 1994.
- Por que guerrilha no México hoje?. Jornal Balneário de Camboriú, Balneário Camboriú, p. 2 - 2, 20 jan. 1994.
- A Nova Esquerda. O Estado, Florianópolis/SC, p. 5 - 5, 01 jan. 1994.
- Estados Unidos: uma nova arma na América Latina 3 Partes. Jornal Balneário de Camboriú, Balneário Camboriú, p. 2 - 2, 13 set. 1993.
- Cuba e a Revolução Cubana resistirão. O Estado, Florianópolis/SC, p. 9 - 9, 01 ago. 1993.

- Uma onda conservadora sobre a América Latina. Plural, Florianópolis/SC, p. 62 - 74, 01 ago. 1993.
- Por que Cuba resiste e não cai? Parte I. O Estado, Florianópolis/SC, p. 4 - 4, 10 jul. 1993.
- Por que Cuba resiste e não cai? Parte II. O Estado, Florianópolis/SC, p. 4 - 4, 10 jul. 1993.
- Porque guerrilha no México em tempos de economia de mercado. Plural, Florianópolis/SC, p. 71 - 74, 01 jan. 1993.
- Somália: invasão ou ajuda humanitária?. O Estado, Florianópolis/SC, p. 10 - 10, 27 dez. 1992.
- Crises e protestos pela frente. O Estado, Florianópolis/SC, p. 6 - 6, 27 dez. 1992.
- Afinal, o que os EUA buscavam no Panamá?. O Estado, Florianópolis/SC, p. 10 - 10, 20 dez. 1992.
- Quem é Rigoberta Menchu?. O Estado, Florianópolis/SC, p. 10 - 10, 25 out. 1992.
- América Latina: 500 anos. O Estado, Florianópolis/SC, p. 5 - 5, 11 out. 1992.
- O caminho da morte da extrema direita. O Estado, Florianópolis/SC, p. 14 - 14, 04 out. 1992.
- Ontem uma Guerra Fria, hoje uma guerra econômica. O Estado, Florianópolis/SC, p. 11 - 11, 26 jul. 1992.
- Quem tem o poder nos Estados Unidos?. O Estado, Florianópolis/SC, p. 12 - 12, 12 jul. 1992.
- A política externa da ditadura militar. Plural, Florianópolis/SC, p. 41 - 44, 01 jul. 1992.
- Neoliberalismo na América Latina: Até quando?. O Estado, Florianópolis/SC, p. 15 - 15, 24 maio 1992.
- E os negros incendiaram os dos Unidos. O Estado, Florianópolis, p. 12 - 12, 10 maio 1992.
- Estão voltando as ditaduras militares?. O Estado, Florianópolis/SC, p. 12 - 12, 12 abr. 1992.
- Intervencionismo norteamericano en Brasil: el Documento de Santa Fe II. Gallo Ilustrado, México/DF, p. 15 - 16, 25 mar. 1990.

9 ATIVIDADES DE EXTENSÃO

9.1 Organização e participação em eventos

- ***Os Mitos da Guerra da Tríplice Aliança. 2013.***

O evento consistiu em uma conferência proferida pelo historiador argentino Alejandro Olmos que tem trabalhado sobre a Guerra do Paraguai e, inclusive, apresentado documentos até então desconhecidos sobre este conflito no Rio da Prata. Ele foi realizado no Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e contou com a participação de 70 pessoas, sendo algumas delas de fora da universidade. Coordenei a mesa aproveitando para falar sobre os avanços da historiografia argentina no que toca a esta guerra.

- ***Simpósio Internacional Mariátegui no Século XXI. 2013.***

O evento consistiu em um Simpósio Internacional sobre a obra e o pensamento de José Carlos Mariátegui. Para tanto, convidamos a Dr^a Sara Guardia, da Universidade de San Martín, de Lima (Peru) e a Dr^a Mônica Bruckman, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil) para proferirem duas conferências, assim como para participarem de mesas redondas. O mestre Elvis Poletto, que fez sua dissertação sobre “O conceito de Nação em Mariátegui”, sob minha orientação, igualmente apresentou seu trabalho de pesquisa. O evento, que aconteceu no Auditório do Centro de Educação, teve a duração de 1 dia e meio e dele participaram 50 pessoas. A coordenação do Simpósio esteve sob minha responsabilidade, fazendo a abertura e apresentando o tema “A atualidade do pensamento de Mariátegui”.

- ***Iº Seminário Sociedade, Política e Cultura no Mundo Contemporâneo. 2013.***

O evento teve como objetivo a apresentação dos avanços de pesquisa dos estudantes de mestrado e doutorado pertencentes à Linha Sociedade, Política e Cultura no Mundo Contemporâneo. O encontro, com duração de dois dias, aconteceu no Mini auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e foi

coordenado por mim e pelos demais professores pertencentes à linha. Dele participaram cerca de 40 estudantes.

- ***Os 50 Anos da Revolução Cubana. 2011.***

O evento consistiu em uma conferência proferida pela prof^a Claudia Wassermann, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na oportunidade foi lançado o livro “A Revolução Cubana – 50 anos de imprensa e história no Brasil”, (Porto Alegre: Edições Est, 2009), organizado pela referida professora. A conferência foi coordenada por mim que aproveitei para falar sobre a Revolução Cubana dentro da concepção de *longa duração*. No final do evento, que contou com 60 pessoas da universidade e da comunidade, fui homenageado pela Escola de Samba “União da Ilha” com a entrega de sua camiseta de desfile, cujo enredo tinha sido sobre Cuba.

- ***VII Jornadas Bolivarianas - Imperialismo e Cultura na América Latina. 2011.***

Este Congresso é o maior evento anual do IELA. Dele participam cerca de 300 pessoas, vindas das mais diversas partes do Brasil, assim como de muitos países da América Latina. “Imperialismo e Cultura” foi coordenado por mim, que na condição de presidente do IELA fiz um pronunciamento na abertura, abordando o imperialismo estadunidense e seu novo método: a dominação cultural. O Congresso aconteceu no Auditório da Reitoria.

- ***Colômbia: a história, as guerrilhas e as bases dos Estados Unidos na Amazônia. 2010.***

Este evento consistiu em uma palestra do jornalista Hernando Calvo Ospina, do *Le Monde Diplomatique*. Ele é autor de vários livros sobre América Latina e neste dia lançava *O terrorismo de Estado na Colômbia* (Florianópolis: Editora Insular, 2010). O livro foi um sucesso de vendas e trata do terrorismo de Estado praticado na Colômbia contra os sindicatos, os grupos guerrilheiros, os movimentos sociais, os partidos políticos de esquerda e a população em geral; analisa os massacres dos paramilitares contra os líderes comunitários, as organizações civis e os pequenos povoados; narra a violência dos narcotraficantes contra os camponeses, os padres da teologia da libertação e os juízes independentes. Tudo isso sob o olhar complacente do Estado colombiano

e do Pentágono, que não apenas toleram, mas também apóiam esse terrorismo. Cerca de 120 pessoas da universidade e da cidade participaram do evento, que aconteceu no Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

- ***VI Jornadas Bolivarianas - O Socialismo na América Latina. 2010.***

O Congresso do IELA é sempre um grande evento, dele participando cerca de 300 pessoas, sendo que um número significativo delas são de várias partes do Brasil e da América Latina. O tema “Socialismo na América Latina” despertou grandes debates e os palestrantes, nomes conhecidos no continente, estiveram à altura das polêmicas. Na condição de presidente do IELA abri o Congresso defendendo a tese “socialismo ou barbárie”.

- ***Os 200 Anos das Independências na América Latina. 2010.***

Este evento, que durou um dia e meio, teve como finalidade discutir os 200 anos de independência dos países da América Latina. Para tanto, convidamos dois professores argentinos que trabalharam o tema com grande profundidade, pois era objeto de suas pesquisas. O número de participantes, no Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, foi de 50 alunos durante todo o período. Abri o evento defendendo a tese de que a independência da América Latina, em vários aspectos, ainda está por vir.

- ***III Colóquio História e Arte - Movimentos Artísticos e Correntes Intelectuais. 2010.***

Este evento teve como objetivo a apresentação dos avanços de pesquisas dos estudantes do mestrado e doutorado. Cerca de 40 pessoas participaram dele e serviu para realizar um debate sobre História e Arte – Movimentos Artísticos e Correntes Intelectuais.

- ***V Jornadas Bolivarianas - A política dos Estados Unidos para a América Latina. 2009.***

O Congresso das Jornadas Bolivarianas já está consolidado como um evento internacional, dele participando cerca de 300 pessoas do Brasil e da América Latina. O tema chamou a atenção, tanto que não apenas a comunidade da UFSC participou, como também lideranças políticas e sindicais de Florianópolis.

Ele aconteceu no Auditório da Reitoria e esteve lotado durante os três dias de conferências e apresentação de trabalhos.

- ***Bolívia. 2008.***

Este evento, que consistiu em uma palestra sobre a Bolívia proferida por Raimundo Caruso e Mariléa Leal, foi de suma relevância, já que ambos haviam estado um mês no país andino, entrevistando pessoas para escrever um livro. O evento fez o lançamento do trabalho de ambos, que tive oportunidade de ler e conta a outra história da Bolívia. Cerca de 50 pessoas assistiram a palestra de Raimundo e Mariléa.

- ***A Guerra do Paraguai - Documentos Desconhecidos. 2006.***

O evento consistiu em uma conferência proferida pelo historiador argentino Alejandro Olmos que tem trabalhado sobre a Guerra do Paraguai e, inclusive, apresentado documentos até então desconhecidos sobre este conflito no Rio da Prata. O evento aconteceu no Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e contou com a participação de 50 pessoas, sendo algumas delas de fora da universidade. Coordenei o evento aproveitando para falar sobre os historiadores argentinos que muito têm se dedicado ao tema exposto.

- ***Os 30 Anos do Programa de Pós-Graduação em História. 2005.***

O evento consistiu em uma série de conferências e palestras para comemorar os 30 anos da criação do Programa de Pós-Graduação em História. A participação dos estudantes da pós-graduação foi massiva.

- ***Venezuela e o referendo revocatório. 2004.***

O evento consistiu em uma aula magna proferida pelo cônsul geral da Venezuela, de São Paulo, Jorge Luis Durán Centeno que discorreu sobre os grandes avanços sociais e democráticos da nova constituição daquele país. Promovido pelo Programa de Pós-Graduação, participaram docentes, mestrandos e doutorandos. Na condição de vice coordenador da Pós-Graduação coube a mim coordenar a mesa.

- ***Política e revolução na América Latina. 1997.***

Este evento consistiu em um Simpósio Internacional, com duração de três dias, para discutir os problemas de política e revolução na América Latina. Para tanto, convidamos dois professores mexicanos de renome mundial, sendo eles os filósofos Adolfo Sánchez Vázquez e Bolívar Echeverría. O evento foi patrocinado pela Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (APUFSC) e teve como público alvo os docentes da UFSC. Na época, eu exercia a secretaria geral daquele sindicato.

- ***Globalização, neoliberalismo e socialismo na América Latina. 1996.***

Este Congresso, organizado por mim e pelo prof. Nildo Ouriques, teve o apoio da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (APUFSC), sendo que na época eu exercia as funções de secretário-geral daquele sindicato. O Congresso tinha como público alvo os docentes da UFSC e cerca de 70 deles participaram de todo o evento.

- ***A globalização, o sindicalismo e a universidade. 1995.***

Este evento, em comemoração aos 20 anos da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (APUFSC), foi de capital importância para se discutir a relação sindicato/universidade/globalização. Para tanto, convidei três professores: James Petras, da Universidade Estatal de Nova Iorque (Binghamton), Luis Javier Garrido, da Universidade Nacional Autônoma do México e Edmundo Dias, da Universidade de Campinas. As palestras do evento foram publicadas pela Revista Plural, editada pelo próprio sindicato, e marcou toda a universidade. Neste evento, o prof. Petras lançou o seu livro *Ensaio contra a ordem* (São Paulo: Escrita, 1995).

- ***A insurgência zapatista e a reconstrução utópica. 1995.***

Este evento consistiu em uma conferência proferida por Nildo Ouriques, então doutorando no Programa de Pós-Graduação do curso de Economia da UNAM, que não apenas acompanhara de perto o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional, como também escrevera sobre a relação do aparecimento

deste com a assinatura do Tratado de Livre Comércio (TLC) entre México, Estados Unidos e Canadá. Fiz a abertura do evento fazendo um retrospecto da história mexicana para que os participantes pudessem entender o hoje a partir do ontem. O Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas recebeu cerca de 50 estudantes, sendo que muitos deles docentes.

- **APUFSC - 20 Anos. 1995.**

A Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (APUFSC) completou 20 ANOS em 1995. Na condição de secretário-geral coube-me organizar todos os eventos comemorativos. Além de alguns encontros festivos, dediquei-me a realizar um evento por mês, no qual um convidado de fora de nossa universidade abordasse um tema relacionado com a instituição. Foram 12 eventos, marcados por um bom número de docentes e com grandes debates sobre a conjuntura brasileira e latino-americana, já que as políticas neoliberais afetavam diretamente as universidades.

9.2 Organização de Cursos para a Pós-Graduação

- Organizador do curso *“Política e Estrutura Social em Perspectiva Histórica”* (1996), ministrado por James Petras, professor da Universidade Estatal de Nova Iorque. O curso, que teve o apoio dos programas de pós-graduação em História/Sociologia Política/Geografia/Economia, foi oferecido somente aos pós-graduandos destes programas e teve a duração de 4 semanas com 4 horas/aula por semana e dele participaram 25 pós-graduandos.
- Organizador do curso *“A Sociedade Global”* (1997), ministrado por Heinz Dietrich Steffan, professor da Universidade Autônoma Metropolitana do México. Curso este que teve o apoio dos programas de pós-graduação em História/Sociologia Política/Geografia, sendo oferecido somente aos pós-graduandos destes programas, com duração de 4 semanas, com 4 horas/aula por semana e com a participação de 20 pós-graduandos.

9.3 Organização de curso para a Graduação

- Organizador do curso “*Os Labirintos do Fascismo (Portugal, Espanha, Alemanha e Itália)*” (2006), ministrado por João Bernardo, professor de notório saber sobre o tema. O curso, que teve o apoio dos Programas de Pós-Graduação em História/ Sociologia Política/Economia, foi oferecido a toda a comunidade universitária, bem como a comunidade em geral, tendo a duração de 2 semanas, com 4 horas/aula por dia. Deste participaram 36 pessoas.

10. COORDENAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA

- ***O ensino de EPB dentro do contexto latino-americano- 1985***

Descrição: O objetivo desta pesquisa foi o de ser uma proposta aberta ao debate em torno da disciplina de EPB no que tange a sua criação, evolução, objetivos e permanência obrigatória ou não em todos os cursos de graduação e pós-graduação. EPB não poderia ser uma disciplina que se liberalizasse mais ou menos de acordo com a conjuntura política do momento, pois assim sendo, ela não teria razão de ser em si, mas no regime político vigente. Dai a necessidade de a disciplina se auto-afirmar como totalmente independente ou se extinguir. Para tanto, EPB deveria buscar os seguintes objetivos: a) criar uma consciência latino-americana; b) criar uma consciência nacionalista; c) criar uma consciência crítica; d) criar o gosto pela literatura política.

Integrante: Waldir José Rampinelli - Coordenador.

Financiador: Universidade Federal de Santa Catarina - Cooperação.

Resultado: Pesquisa apresentada, sob forma de Palestra, para a comunidade universitária, no dia 28/08/1985, com o título “O ensino de Estudos de Problemas Brasileiros no contexto latino-americano”.

- ***Luta e Resistência - A história da Apufsc em seus vinte anos 1995-1996***

Descrição: O projeto de pesquisa visou analisar a trajetória do Sindicato dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina em seus vinte anos de

existência. Para tanto buscou-se levantar a atuação cultural, política e sindical ao longo destas duas décadas. Isso porque, a partir das greves do ABC paulista, em maio de 1978, começou uma nova fase no sindicalismo brasileiro. A luta dos trabalhadores contra a superexploração da força de trabalho nas fábricas, bem como a dos assalariados médios e do setor de serviços contra o arrocho salarial e a perda de seu poder aquisitivo, intensificou o combate à ditadura militar. Reivindicações econômicas se transformaram em confrontos políticos. Este novo sindicalismo passou a defender a anistia aos exilados políticos, a formação de um partido de trabalhadores, a necessidade de uma constituinte livre e soberana, a urgência de eleições diretas em todos os níveis, enfim, a redemocratização do país. Neste contexto pesquisou-se a atuação do Sindicato dos Professores da UFSC.

Resultado da pesquisa: publicação do livro "*Luta e resistência - APUFSC 20 anos*", Editora da UFSC, 1996.

Alunos envolvidos: Graduação: (8).

Integrantes: Waldir José Rampinelli – Coordenador, Marcos Vinicius de Almeida Saul, Fabio Adriano Hering, Solange Machado Moretto, Eunice S. Nodari, Luciana Rosar Fornazari, Aniele Frutuoso da Costa, Alessandro Espindola, Alexandra A. do Nascimento, Irma Iaczkinski, Silvia Lemos Nunes.

Financiadores: Universidade Federal de Santa Catarina - Cooperação / Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina - Auxílio financeiro.

- ***Análise da política internacional do governo FHC – 1997-1997***

Descrição: O projeto de pesquisa visou analisar a política internacional do governo Fernando Henrique Cardoso, em seus primeiros três anos, bem como avaliar a sua estratégia de inclusão do país dentro do processo de globalização mundial, comandada pelos países do G-7. No seu discurso de posse, lido no Congresso Nacional, FHC dedicou um espaço privilegiado à política externa brasileira. Defendeu, no mundo pós Guerra Fria, uma estabilidade política e econômica interna como condição prévia para influenciar o desenho da nova ordem econômica internacional. A finalidade foi estudar o conceito de globalização e analisar a possibilidade de um país "periférico" integrar o clube dos ricos.

Resultado da pesquisa: publicação do capítulo "Uma política externa subserviente a um governo mundial de fato", no livro "*No fio da navalha - crítica*

das reformas neoliberais de FHC", Editora Xamã, São Paulo, 1997 (o livro se encontra na 2 edição).

Integrante: Waldir José Rampinelli - Coordenador.

Financiador: Universidade Federal de Santa Catarina – Cooperação.

- ***Brasil-Portugal: A comemoração dos 500 anos – 1999-2001***

Descrição: O projeto de pesquisa visou analisar a comemoração dos 500 anos da chegada dos portugueses e europeus no Brasil e na América Latina. Para tanto, se partiu da concepção de que estas terras não foram "descobertas", mas sim conquistadas. "A espada, a cruz e a fome", diz Pablo Neruda, "iam dizimando a família selvagem". O projeto pretendeu analisar todas estas variantes com a finalidade de ampliar a discussão sobre a chegada do homem branco na América.

Resultado da pesquisa: a publicação do livro "*Os 500 Anos - a conquista interminável*", Editora Vozes, Petrópolis, 1999 (o livro já se encontra na 6ª edição).

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (2). Integrantes: Waldir José Rampinelli - Coordenador / Nildo Domingos Ouriques, Heinz Dieterich Steffan, D. Pedro Casaldáliga, Marcos Rodrigues da Silva, Egon Dionísio Heck, Luis Javier Garrido.

- ***A representatividade na Universidade: o processo eleitoral – 2003***

Descrição: O objetivo da pesquisa foi analisar a representatividade dentro da universidade, já que falar em eleições na Universidade Federal de Santa Catarina, para a maioria da sociedade catarinense, significa tratar de um processo transparente, igualitário e democrático. Afinal, não se conceberiam que as artimanhas e as jogadas praticadas pelos 'matreiros' políticos brasileiros se repetissem dentro de uma Universidade. A pesquisa analisou especificamente as eleições para a Reitoria da UFSC, no ano de 2003.

Resultado da pesquisa: publicação do livro "*O preço do voto - os bastidores de uma eleição para reitor*", Editora Insular, Florianópolis, 2004

Integrante: Waldir José Rampinelli - Coordenador

- **Os monumentos e o poder em Santa Catarina – 2003-2004**

Descrição: O ensino de história tem sido utilizado pela classe dominante, na América Latina, como um mecanismo de controle ideológico. O surgimento dos governos neoliberais, em meados dos anos 1970, é um dos exemplos mais típicos dessa dominação, já que com eles reaparecem os "novos intelectuais" que têm, como uma de suas funções básicas, a de reescrever a história de seus países a partir de uma nova conceituação de mundo: a globalização e o fim do Estado-nação. O objetivo desta pesquisa foi analisar como a classe dominante se reproduz visualmente nos monumentos que aparecem em nossas cidades.

Resultado da pesquisa: publicação do prefácio "Não importa o tempo, as crianças continuam a fazer as mesmas perguntas" e do capítulo "A história: uma arma de dominação", no livro "*História e poder - a reprodução das elites em Santa Catarina*", Editora Insular, Florianópolis, 2003.

Integrantes: Waldir José Rampinelli – Coordenador, Iara Andrade Costa, Pedro Uczai, Telmo Marcon, Méri Frotscher, Marli de Oliveira Costa, Cristiane Manique Barreto, Delmir José Valentini, Luci Choinaki.

Financiador: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina - Auxílio financeiro.

- **A Globalização e a Cidadania - 2006**

Descrição: A globalização é um fenômeno nitidamente político e cíclico na América Latina. Ela esteve, desde sempre, associada ao imperialismo. Para tanto, basta analisar as intervenções da Europa, e posteriormente dos Estados Unidos, na expropriação do excedente econômico dos países do Terceiro Mundo. As três grandes globalizações da América Latina (século XV e XVI, com o crescimento do capitalismo mercantil e sua expansão ultramarina; século XVIII e XIX, com a expansão do imperialismo inglês; século XX, com a expansão do imperialismo estadunidense) estão ligadas diretamente à expropriação de nossas riquezas. Analisar o conceito e evolução da globalização com o conceito e evolução de cidadania foi o principal objetivo deste projeto.

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (15).

Integrantes: Waldir José Rampinelli – Coordenador, Sammy Barbosa, Lindanalva Chaves.

Financiador: Fundação José Boiteux - Bolsa.

Número de orientações: 8

- ***A Revolução Mexicana e sua influência na América Latina 2007-2008***

Descrição: A Revolução Mexicana, conseqüência do desenvolvimento de um capitalismo oligárquico-dependente, causou grande impacto em seu país e em todo o continente latino-americano. Isso porque, na grande maioria dos países ainda atrasados, não se dava um desenvolvimento harmônico e completo, mas sim sobre a base de uma incorporação abrupta e desigual, levando primordialmente em conta o mercado mundial. Tanto que o papel fundamental destes governos oligárquicos foi o de modernizar seus países sem se preocupar com suas populações, passando à Europa a concepção de uma América civilizada e progressista dentro de um parâmetro da ordem e do progresso. O projeto oligárquico passou a ser uma resposta positiva às solicitações, à escala internacional, que lhes ofereciam novas possibilidades de acrescentar rendas, prestígio e poder, assim como de reabsorver as contradições desenvolvidas durante o período anárquico na América Latina. É um período em que a classe dominante elabora e conduz um projeto de alcance destinado a assegurar-lhe uma hegemonia econômica, social, política e cultural (Carmagnani). Por sua vez, o Estado oligárquico desempenhou algumas tarefas históricas, tais como: a) forjou um marco jurídico-político adequado à realização da acumulação originária do capital; b) regulou os salários em níveis depressivos próprios daquelas "zonas limítrofes do capitalismo"; c) atrelou-se aos pilares da antiga ordem para expropriar-se ainda mais do camponês; e, d) aniquilou toda alternativa progressista até a redução dos salários e o aumento da jornada de trabalho, sendo que tais medidas não poderiam ser tomadas em um regime democrático (Cueva, 137). O objetivo desta pesquisa é o de investigar e avaliar como a Revolução Mexicana influenciou na queda dos Estados oligárquicos na América Latina.

Alunos envolvidos: Graduação: (1).

Integrantes: Waldir José Rampinelli – Coordenador, Mateus Pinho Bernardes

Financiador: PIBIC/CNPQ - Bolsa.

Número de orientações: 3

- ***As relações internacionais do regime militar brasileiro, no período de 1964 a 1974, com o Estado Novo Português e com sua estratégia de manutenção do império colonial ultramarino 2007-2009***

Descrição: A eleição de Jânio Quadros para a presidência da República indicou as primeiras mudanças na política externa brasileira em relação à questão colonial portuguesa. Ligado ao setor cafeeiro paulista, Quadros sentia de perto a crise enfrentada por esses produtores devido à concorrência do café africano, em especial o de Angola, produzido à baixo custo. A exploração dos africanos pelo capital europeu - dizia ele - é prejudicial à economia brasileira, permitindo, como acontece, o estímulo a uma competição comercial baseada no trabalho mal pago dos negros. A recusa das autoridades portuguesas - segundo o historiador lusitano José Calvet de Magalhães - em aceitar uma proposta dos produtores brasileiros para se associarem aos de Angola aumentou a animosidade dos cafeeiros do Brasil contra a política ultramarina. No entanto, foi com João Goulart na presidência que o Brasil votou favoravelmente a uma resolução apresentada no Conselho de Segurança da ONU que solicitava que Portugal reconhecesse imediatamente o direito à autodeterminação e à independência de suas colônias. Com o golpe de Estado de 1964, a política externa brasileira permaneceu anticolonial, só que com mais precaução, já que a prioridade tornara-se a luta contra o comunismo internacional. Neste aspecto, António de Oliveira Salazar era um fiel escudeiro na luta contra a influência de Moscou na Europa e América Latina. Tanto que os Estados Unidos dispunham de bases militares nos Açores para eventuais ataques à União Soviética. Mário Gibson Barboza, ministro das Relações Exteriores (1969-1974), fez uma longa viagem a África, reafirmando a necessidade de o Brasil aproximar-se do continente. No entanto, as políticas externas dos governos Castello Branco, Costa e Silva, Junta Militar e Médici foram marcadas pela ambigüidade em relação ao colonialismo português. Caberá ao general-presidente Geisel o ato político-diplomático de reconhecer a independência política de Angola e Moçambique.

Alunos envolvidos: Graduação: (3)

Integrantes: Waldir José Rampinelli – Coordenador, Alfredo Ricardo Silva Lopes, Grethi Magali Ruckhaber, Carolina Rodriguez Costa.

Financiador: Funpesquisa - Auxílio financeiro.

Número de orientações: 1

- ***A Revolução dos Cravos, o processo de descolonização africana e a política internacional do Brasil 2010-2012***

Descrição: O projeto de pesquisa "A Revolução dos Cravos, o processo de descolonização africana e a política internacional do Brasil (1964-1974)" teve por objetivo pesquisar em fontes primárias e secundárias as razões históricas que levaram a ditadura portuguesa a lutar, interna e externamente, pela manutenção de suas colônias na África, assim como as mudanças na política externa brasileira, ora apoiando o "status quo" colonial lusitano (1956-1961), ora se contrapondo (1961-1964), e ora mantendo uma posição de ambiguidade (1964-1974). As mudanças em política internacional em relação ao colonialismo, quer por parte de Portugal quer por parte do Brasil, tiveram razões políticas, históricas, econômicas, estratégicas, ideológicas, religiosas, culturais, diplomáticas e de mercado, entre outras. O projeto de pesquisa pretendeu levantar estas razões e fazer uma análise das mesmas para compreender em profundidade a defesa da política internacional portuguesa do colonialismo e as oscilações, por sua vez, da política internacional brasileira no período em questão.

Integrante: Waldir José Rampinelli - Coordenador.

- ***Estudo comparativo entre os planos de reforma agrária de Zapata e Villa durante a Revolução Mexicana 2013-2015***

Descrição: As facções camponesas que lutaram durante a Revolução Mexicana de 1910 apresentaram dois programas distintos de reforma agrária. Enquanto o Exército Libertador do Sul, comandado por Emiliano Zapata, expunha suas reivindicações "ejidatárias" no Plano de Ayala, já a Divisão do Norte, liderada por Francisco Villa, expropriava as grandes fazendas, sem, no entanto, reparti-las. Dois projetos com objetivos diferentes por conta de realidades distintas. O objetivo da pesquisa foi analisar tais diferenças, comparando-as.

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico: (1).

Integrantes: Waldir José Rampinelli – Coordenado, Elvis Humberto Poletto.

11. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE CONCURSOS PÚBLICOS, DE MESTRADO E DE DOUTORADO

11.1. Participação em bancas de concursos públicos

- Participação como membro de banca no concurso para provimento de cargo da carreira do magistério superior do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Área de conhecimento: História da América.
- Participação como membro de banca no concurso para provimento de cargo da carreira do magistério superior do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (2009). Área de conhecimento: Ciência Política.
- Participação como membro de banca no concurso para provimento de cargo da carreira do magistério superior do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. (2009). Área de conhecimento: História Econômica Geral.

11.2. Participação em bancas de mestrado

- Participação em banca de Jefferson Pecori Viana. Política Externa Equatoriana: o governo Rafael Correa e a busca por autonomia. 2014. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Aline Aparecida Faé Inocenti. A Doutrina de Segurança Nacional em uma Estância Hidromineral: o município de Piratuba/SC (1964-1985). 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo.
- Participação em banca de João Victor Moré Ramos. Venezuela: capitalismo bloqueado e transição socialista. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina.

- Participação em banca de Joana Salem Vasconcelos. "Acumulação socialista" em Cuba: a herança da *plantation* na reforma agrária - 1959 a 1970. 2013. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas.
- Participação em banca de Marina Ubeda Souto. A metáfora situacional na HQ Mafalda: análise dos contextos tradutórios. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Grégori Michel Czizeweski. O fim está próximo: medo, tensão e nostalgia na visão de Watchmen sobre a Guerra Fria. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Cedenir Alberto Simon. Narrativas e memórias de sindicalistas: tensões e repercussões na implantação do Sistema Integrado de Transporte em Florianópolis/SC (Décadas 80-2000). 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina.
- Participação em banca de Eric Araújo Dias Coimbra. O Socialismo do Século XXI na América Latina e a Superação do Capitalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Luciana Coelho Barbosa. Uma perspectiva sobre a identidade mexicana na obra de David Alfaro Siqueiros (1920-1959). 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás.
- Participação em banca de Marcelo Gonzalez Brasil Fagundes. Intenções Literárias: Política e História em Alejo Carpentier. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Antônio Ricardo Martins Guillen. A descolonização da África e o luso-tropicalismo - repercussões no Brasil e em Portugal. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás.
- Participação em banca de Juliana Sartori. Movimento, um jornal. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

- Participação em banca de André Vinícius Tschumi. O Princípio da Segurança Coletiva e a Manutenção da Paz Internacional. 2005. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Marcos Francisco da Silva. Lutas e resistências dos servidores públicos contra a aplicação das políticas neoliberais na Prefeitura Municipal de Florianópolis entre 1997e 2000. 2004. Dissertação (Mestrado em Centro de Ciências da Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

11.3. Participação em bancas de doutorado

- Participação em banca de Antônio Luiz Miranda. Trajetórias e experiências do movimento operário sindical de Criciúma-SC: da ditadura militar a nova república (1964-1990). 2013. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Iara Regina Damiani. Institucionalização do Movimento Religioso dos Surfistas Evangélicos de Florianópolis (19882-2006). 2009. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em História da UFSC) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- Participação em banca de Ramon Casas Vilarino. Os Acordos de Roboré - Brasil-Bolívia e as questões do Petróleo, desenvolvimento e dependência no final dos anos 1950. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais - Política) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (Vide anexo 14)

12. ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Na condição de integrante, e também como presidente do IEELA, tenho participado das Jornadas Bolivarianas como assessor científico dos trabalhos apresentados

no evento. Para tal, não apenas são lidos todos os trabalhos, como também avaliados.

13. APRESENTAÇÃO DE CONFERÊNCIAS, PALESTRAS E CURSOS

13.1. Conferências e Palestras

- Universidade e Conhecimento. 2014. Palestra.
- A Revolução Mexicana e seu alcance regional. 2014. Palestra.
- A Revolução Mexicana no Cinema. 2013. Palestra
- Resgate da presidência de João Goulart. 2013. Palestra.
- A universidade necessária - os desafios históricos de uma nova universidade. 2012. Palestra.
- Cristais: o valor do trabalho manual. 2011. Mesa Redonda.
- Os caminhos do desenvolvimento regional: da América Latina ao Nordeste. 2010. Conferência.
- Introdução histórica a teoria da dependência. 2010. Palestra.
- O socialismo na América Latina. 2010. Palestra.
- A Revolução Mexicana no seu Centenário: seus precursores ideológicos e sua influência na América Latina. 2010. Palestra.
- Os 100 Anos da Revolução Mexicana. 2010. Conferência.
- A Realidade Latino-Americana. 2010. Palestra.
- O Centenário da Revolução Mexicana. 2010. Palestra.
- O Centenário da Revolução Mexicana. 2010. Palestra.
- 100 Anos da Revolução Mexicana. 2010. Palestra.
- Os 200 Anos de Independências da América Latina. 2010. Mesa Redonda.
- A análise da conjuntura nacional. 2009. Palestra.
- A crise mundial e seus possíveis desdobramentos. 2009.
- Universidade: a democracia ameaçada. 2009.
- Estados Unidos: imperialismo e soberania nacional. 2009. Palestra.
- O contexto econômico e os reflexos na relação do governo com os Servidores Públicos Federais. 2009. Palestra.
- Debate historiográfico: perspectivas e caminhos. 2009. Mesa Redonda.
- Análise da crise atual: Brasil e América Latina. 2009. Palestra.

- A crise e os movimentos sociais. 2009. Palestra.
- Cuba e seu sistema político. 2008. Palestra.
- Nações e Nacionalismo: uma perspectiva para o internacionalismo?. 2008. Palestra.
- Avaliação Institucional e Eleição para Diretores. 2008. Palestra.
- Análise da Conjuntura Nacional. 2008. Palestra.
- América Latina: História e Perspectivas. 2008. Palestra.
- O significado social e político da Constituição Brasileira. 2008. Palestra.
- Análise da Conjuntura Latino-Americana e Brasileira. 2008. Palestra.
- Democracia na Universidade. 2008. Palestra.
- A crise capitalista mundial e seus efeitos no Brasil. 2008. Palestra.
- Trabalho, Educação e Saúde nos fundamentos do enfrentamento da questão social. 2007. Mesa Redonda.
- Imperialismo, Democracia e os governos da América Latina. 2007. Palestra.
- Análise da conjuntura nacional: política econômica e os desafios colocados para os trabalhadores e a categoria bancária. 2007. Palestra.
- Análise da conjuntura brasileira. 2007. Palestra.
- A função da Universidade Pública. 2007. Palestra.
- As contribuições de JK e Gilberto Freyre ao colonialismo português. 2007. Palestra.
- O pensamento de Mariátegui e José Martí. 2006. Palestra.
- JK e as relações internacionais. 2006. Palestra.
- Uma grande obra com grandes lacunas (sobre os livros de Elio Gaspari referentes à ditadura militar brasileira (1964-1985). 2005. Palestra.
- Relações internacionais e a situação da América Latina: a política internacional das revoluções mexicana e cubana. 2005. Palestra.
- Organização Mundial da Resistência. 2005. Conferência.
- O governo Lula e a América Latina: análise de sua política internacional. 2005. Palestra.
- Greve dos bolsistas na UFSC. 2005. Palestra.
- Democracia e resistência ao imperialismo. 2005. Palestra.
- As contribuições de JK e Gilberto Freyre ao colonialismo português. 2005. Palestra.
- Pablo Neruda: o poeta revolucionário. 2004. Palestra.
- Os 30 anos da Revolução dos Cravos. 2004. Palestra.
- O golpe de 1964 e sua política internacional. 2004. Palestra.

- Perspectivas para a América Latina dentro do marxismo. 2003.
- É possível uma política latino-americana que enfrente o imperialismo estadunidense?. 2003. Comunicação.
- Análise da conjuntura brasileira. 2003. Palestra.
- Questões nacionais e imperialismo. 2002. Palestra.
- Neoliberalismo, Estado e Privatização. 2002. Palestra.
- Brasil: novos rumos para a América Latina?. 2002. Palestra.
- Os 500 anos, a globalização, a história e o Brasil. 2000. Palestra.
- Depois de 500 anos: que Brasil queremos?. 2000. Palestra.
- Brasil: 500 anos. 2000. Palestra.
- Questões de Política internacional na América Latina. 1998. Palestra.
- A globalização e suas repercussões nas profissões. 1998. Palestra.
- Uma onda conservadora sobre a América Latina. 1997. Palestra.
- Porque guerrilha no México em tempos de economia de mercado. 1996. Palestra.
- O neoliberalismo e a educação na América Latina. 1995. Palestra.
- A insurgência zapatista e a reconstrução utópica. 1995. Palestra.
- O primeiro grande êxito da Agência Central de Inteligência (CIA) na América Latina. 1994. Palestra.
- A queda de Arbenz e a Revolução de Outubro na Guatemala. 1994. Palestra.
- Plebiscito: as diversas realidades. 1993. Palestra.
- Os Estados Unidos: um obstáculo na identidade latino-americana. 1993. Palestra.
- As relações Estados Unidos e América Latina. 1993. Palestra.
- As relações dos Estados Unidos com a América Latina: história, política e estratégia (1945-1990). 1993. Palestra.
- As relações dos Estados Unidos com a América Latina durante a Guerra Fria. 1992. Palestra.
- A República e o Brasil contemporâneo. 1989. Palestra.
- O ensino de EPB no contexto latino-americano. 1985. Palestra.
- (Vide anexo 15).

14. ASSISTÊNCIA A EVENTOS

- Seminário Internacional Jornadas Bolivarianas "A América Latina e os 40 Anos da Teoria da Dependência". 2014. Seminário.
- Iº Seminário sobre Ideologias, Movimentos Sociais e Poder Político. comunicação. 2014. Seminário.
- Sociedade, Política e Cultura no Mundo Contemporâneo. Sociedade, Política e Cultura. 2013. Seminário.
- Iº Colóquio de Cinema, Literatura e Materialismo Histórico. Cinema, literatura e Materialismo Histórico. 2013. Seminário.
- Simpósio Internacional "Mariátegui no Século XXI". A importância de Mariátegui no Brasil. 2013. Simpósio.
- Desigualdade e Capitalismo Mundial: Análises, Política e Ação. 2013. Encontro.
- Os 200 Anos das Independências na América Latina. Os 200 Anos das Independências na América Latina. 2010. Seminário.
- VIº Jornadas Bolivarianas - O Socialismo na América Latina. 2010. Simpósio.
- 9º Encontro Internacional da Anphlac. 2010. Simpósio.
- IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Os 100 Anos da Revolução Mexicana. 2010. Simpósio.
- V Jornadas Bolivarianas - A política dos Estados Unidos para a América Latina. Conferência. 2009. Simpósio.
- IV Jornadas Bolivarianas - Nações e Nacionalismos na América Latina. Nações e Nacionalismos: uma perspectiva para o Internacionalismo?. 2008. Simpósio.
- III Jornadas Bolivarianas. 2006. Seminário.
- Os Anos JK: A política internacional do governo JK. 2006. Simpósio.
- Planejamento da Diretoria da União Florianopolitana de Entidades Comunitárias (UFECO). A Conjuntura Brasileira. 2006. Oficina.
- Mídia e Cidadania. 2006. Encontro.
- História: mídia e cidadania. 2006. Encontro.
- A realidade da América Latina e Caribe. 2006. Encontro.
- Os Movimentos Sociais e a Sociedade. A América Latina e os Movimentos Sociais. 2006. Encontro.
- Planejamento do SINTRASEM. A organização dos trabalhadores na conjuntura atual. 2006. Encontro.

- O cine latino-americano. As relações Brasil-Bolívia. 2006. Encontro.
- Escola de Governo Jacó Anderle. Conjuntura Internacional: Perspectivas para a América Latina. 2006. Encontro.
- A Greve e a Universidade Pública. A Greve e a Universidade Pública. 2005. Congresso.
- III Congresso de Professores da Universidade Federal do Maranhão. A Universidade Pública Brasileira e os Desafios do Século XXI. 2005. Congresso.
- Alternativas à globalização: potências emergentes e os novos caminhos da modernidade. 2005. Seminário.
- A preparação do Encontro Latino-americano. A Crise Brasileira. 2005. Seminário.
- Semana de Debates com Estudantes de Teologia. A Globalização e suas conseqüências sobre a América Latina. 2005. Seminário.
- História: Guerra e Paz. 2005. Simpósio.
- A reinvenção das ciências sociais na América Latina. 2005. Simpósio.
- Os labirintos do fascismo. 2005. Encontro.
- Encontro de Base do Sindicato dos Previdenciários. A conjuntura - A situação política no Brasil. 2005. Encontro.
- Plenária Sindical de Base do Sindprevs/SC. Análise da Conjuntura. 2005. Encontro.
- Plenária Sindical de Base do Sindpres/SC. Análise de Conjuntura. 2005. Encontro.
- Encontro Estudantil. As contribuições de JK e Gilberto Freyre ao colonialismo português. 2005. Encontro.
- Encontro de Prestação de Contas do Mandato da Deputada Luci Choinaki. O Brasil e o Rumo do Partido dos Trabalhadores. 2005. Encontro.
- IV Semana Social. O Brasil e seus novos rumos. 2005. Encontro.
- 1º Congresso dos Trabalhadores da Eletrosul - Mais Energia para a Gestão Pública. Realidade Brasileira: Dependência + Soberania. 2004. Congresso.
- VII Consintufsc. Esta Democracia ou a Invenção do Novo. 2004. Congresso.
- Abertura do IV congresso do SINTRAJUSC. Análise da Conjuntura Nacional. 2004. Congresso.
- X Encontro Estadual de História. Máscaras de uma eleição para reitor. 2004. Encontro.
- X Encontro Estadual de História. A história: uma arma de dominação. 2004. Encontro.

- X Encontro Estadual de História. X Encontro Estadual de História. 2004. Encontro.
- Seminário Temático do Pós-Graduação. A atual situação da Pós-Graduação na UFSC e as políticas de financiamento no âmbito da reforma universitária. 2004. Encontro.
- Che Vive II. Che Vive II. 2004. Encontro.
- Encontro de Estudantes de Espanhol. América Latina: Para onde vamos?. 2004. Encontro.
- Encontro dos Servidores do SINDPREVS/SC. Brasil: Para onde vamos?. 2004. Encontro.
- Encontro do SINTUFSC. O Estado fascista e as práticas autoritárias. 2004. Encontro.
- III Fórum Social Mundial. Política Externa. 2003. Congresso.
- III Fórum Social Mundial. Perspectivas para a América Latina. 2003. Congresso.
- Iª Semana de História - Política e Paixão: Dez anos sem E. P. Thompson. América Latina. 2003. Simpósio.
- Encontro de Estudantes de Teologia. Das ditaduras de segurança nacional às políticas neoliberais. 2003. Encontro.
- Encontro de Estudantes da Escola Básica Pe. Alfredo Rohr. A Alca. 2002. Encontro.
- Semana de Ciência Política na Univele. A Alca e o Brasil. 2002. Encontro.
- Encontro de Vereadores. A conjuntura nacional e suas perspectivas. 2002. Encontro.
- Planejamento Anual do Sindicato dos Trabalhadores no Transporte Urbano da Região Metropolitana de Florianópolis. A crise mundial e suas conseqüências no Brasil. 2002. Encontro.
- Encontro de Docentes de História da Universidade do Contestado. Educação e Transformação Social na América Latina. 2002. Encontro.
- Encontro de Alunos da Escola Técnica. A Falácia dos 500 Anos. 2002. Encontro.
- A Comunidade Européia. 2001. Simpósio.
- III Semana Social Brasileira. A Herança Cultural. 2000. Encontro.
- Brasil-Portugal: os 500 Anos. Brasil: a história contada pelos oprimidos. 2000. Encontro.

- Encontro dos Alunos do Colégio Imaculada Conceição. Os 500 Anos - A conquista interminável. 2000. Encontro.
- História e Fronteiras. 1999. Simpósio.
- 3º Encontro da ANPHLAC. 1998. Encontro.
- Encontro de Professores. Globalização e Economia Brasileira. 1998. Encontro.
- História e Cidadania. 1997. (Simpósio).
- II Simpósio Internacional de Florianópolis. Política e Revolução na América Latina. 1997. Simpósio.
- Encontro de Estudantes de História. A atualidade de Che-Guevara. 1997. Encontro.
- Iº Internacional de Florianópolis/SC. A globalização, o neoliberalismo e o socialismo na América Latina. 1996. Simpósio.
- Encontro dos Servidores do Poder Judiciário. Uma análise da conjuntura nacional. 1996. Encontro.
- O neoliberalismo, o sindicalismo e a universidade. O neoliberalismo, o sindicalismo e a universidade. 1995. Simpósio.
- Assembléia Legislativa em Debate. A globalização da economia e o Estado mínimo. 1995. Encontro.
- I Seminário Internacional sobre História da África. 1994. Seminário.
- XVII Simpósio Nacional de História. 1993. Simpósio.
- V Encontro de Estudos Missionários. 1993. Encontro.
- I Semana Sul Catarinense de História. A visão de um mundo novo: 500 anos de história. 1992. Seminário.
- XVI Encontro Anual da ANPOCS. 1992. Encontro.
- Cinema Latino-Americano. 1991. Oficina.
- Encontro de Estudos Missionários. Os Estados Unidos: um obstáculo na busca da identidade latino-americana. 1991. Encontro.
- Teoria e Realidade da América Latina. 1990. Simpósio.
- Curso sobre a América Latina. América Latina ao final do século XX. 1989. Outra.
- VIII Congresso Centro-Americano de Sociologia. 1988. Congresso.
- XVI Congresso Latino-Americano de Sociologia. 1986. Congresso.
- Discussão sobre Currículos. O ensino de EPB no contexto latino-americano. 1985. Seminário.
- XVII Curso Regional de Integração e Cooperação na América Latina. 1985.
- Curso de Filosofia Latino-Americana. 1985.

15. CURSOS DE CURTA DURAÇÃO

- A Revolução Mexicana: uma interpretação marxista. 2012. Curso de curta duração ministrado - Extensão.
- Entre a mitologia maia e o imaginário apocalíptico. 2012. Curso de curta duração ministrado - Extensão com participação das estudantes Zâmbia Osório e Raissa Sagredo.
- Estados Unidos e América Latina: relações, conflitos e perspectivas a partir dos atentados de 11 de Setembro de 2001. 2011. Curso de curta duração ministrado - Extensão.
- As relações Brasil-Portugal: do colonialismo à Revolução dos Cravos. 2007. Curso de curta duração ministrado - Extensão.
- América Latina: Poder Político e Lutas Sociais. 2007. Curso de curta duração ministrado - Extensão.
- A globalização e a cidadania. 2006. Curso de curta duração ministrado - Extensão.
- Cultura, Cidadania e Política. 2004. Curso de curta duração ministrado - Extensão.
- A Conjuntura Nacional. 2002. Curso de curta duração ministrado - Extensão.
- 500 Anos de Política no Brasil. 2000. Curso de curta duração ministrado - Extensão.

16. PRÊMIOS POR ATIVIDADES ACADÊMICAS

- Medalha *Gabino Barreda*, concedida pela Universidade Nacional Autônoma do México, por ter sido qualificado com a nota máxima em todos os trabalhos apresentados ao longo do curso de mestrado em Estudos Latino-Americanos, na Faculdade de Ciências Políticas e Sociais, bem como na defesa oral da dissertação – 1991.

- Moção de Aplauso, concedida pela Câmara Municipal de Florianópolis, pela organização e autoria (*et alii*) do livro *No Fio da Navalha – crítica das reformas neoliberais de FHC* (2ª edição, Editora Xamã, São Paulo: 1998) – 1997
- Título *Benemeritum Praemium*, concedido pela Prefeitura Municipal de Nova Veneza, de onde é natural e por ter divulgado, por meio dos livros de história e de atividades culturais, o nome da cidade natal. 2004

17. PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES EDITORIAIS

- Periódico: *Lutas Sociais* (1415-854X) do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A Revista indexada, que é semestral, se encontra no número 32. Pertencço a seu conselho editorial desde 1999 até a presente data.
- Coleção *Mundo em Movimento* da Editora Xamã, de São Paulo, cujo primeiro livro publicado foi *Nacionalismos e internacionalismos - da época de Marx até nossos dias*, de Michael Löwy. 2000.
- Periódico: *Lutas & Resistências*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Pertencço a seu conselho editorial desde 2010 até a presente data.
- Periódico: *Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Pertencço a seu conselho editorial desde 2012 até a presente data.
- Coleção *Pátria Grande*, do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta coleção compreende a publicação de 80 livros sobre a América Latina de autores de grande reconhecimento. Já publicados pela Editora Insular, de Florianópolis:
 1. *Subdesenvolvimento e Revolução*, de Ruy Mauro Marini – Nº 1, 2012.

2. *O Capitalismo Dependente Latino-Americano*, de Vânia Bambirra – Nº 2, 2012.
 3. *A Mais Valia Ideológica*, de Ludovico Silva – Nº 3, 2013.
 4. *A Política Britânica no Rio da Prata*, de Raúl Scalabrini Ortiz – Nº 4, 2014.
- Coleção *Pensadores da Pátria Grande* da Editora Insular é absolutamente original em língua portuguesa. Sua proposta é apresentar personalidades que lutaram ou lutam pela unidade continental latino-americana. Já publicados pela Coleção:
 1. *Manuel Ugarte – O Sonho da Pátria Grande*, de Víctor Ramos – Nº 1, 2014.
 2. *José Julián Martí – Político, Poeta e Guerreiro*, de Liliana Rojas – Nº 2, 2015.
 3. *Manoel Bonfim – Autêntico pensador latino-americano*, de Sergio Ricardo Ferreira Mota – Nº 3, 2015.
 - Coordenador da Coleção *Relações Internacionais e Estado Nacional* (RIEN), publicada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC).

Justificativa da Coleção RIEN:

O processo de globalização, que se acentuou a partir de meados da década de 1970, interferiu diretamente no estudo das relações internacionais e na constituição do Estado-nação. Existe hoje, segundo James Morgan, do *Financial Times*, um *governo mundial de fato*. O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BIRD) no setor de finanças, a Organização das Nações Unidas (ONU) no campo político, a Organização Mundial do Comércio (OMC) no que toca às relações comerciais e o Grupo dos Sete países mais industrializados (G-7) no que se refere ao complexo industrial-militar começaram a atuar com mais afinidade no pós guerra fria, criando um *Estado imperial* em âmbito mundial, quer na defesa dos interesses das multinacionais, quer na influência dos bancos e empresas de investimento.

Estas siglas, pela magia de seu poder, criaram a *global trade* e, conseqüentemente, as políticas neoliberais como estratégia de transferência de divisas dos países pobres para os ricos; disciplinaram o Terceiro Mundo, principalmente os governos nacional-populares, que buscavam uma independência

maior em relação aos centros de poder; organizaram os processos de integração como mecanismo de criação de mercados para os países industrializados; e montaram uma colossal estrutura de poder que aos países periféricos parece restar apenas o caminho da submissão.

Portanto, na nova ordem mundial, estabelecida em favor dos ricos, o sistema não se assemelha a um mercado clássico, mas sim a um “mercantilismo corporativo”. Neste sistema, dito de “livre empresa”, prevalece apenas um único interesse: o lucro, que por sua vez, gera poder.

Com tamanho poder nas mãos das multinacionais, os Estados nacionais se tornam reféns de tais empresas e passam a incorporar a estratégia das mesmas, como políticas de desregulamentação e privatização, valorização do capital especulativo ao invés do produtivo, liberalização dos mercados em alguns casos e proteção em outros, bem como a flexibilização dos direitos trabalhistas.

Esta conjuntura nacional e internacional requer, cada vez mais, estudos com rigor científico e perspectivas de mudança. As relações internacionais, as ciências sociais, a história e a economia precisam participar com intensidade desse debate.

Para tanto, apresentamos o projeto “Coleção Relações Internacionais e Estado Nacional” – RIEN – para a EDUFSC com a finalidade de analisar as novas relações de poder, no mundo e na América Latina, e ao mesmo tempo, apontar caminhos para superar tais impasses.

Livros publicados pela Coleção RIEN:

1. *As Duas Faces da Moeda – As Contribuições de JK E Gilberto Freyre ao Colonialismo Português*, de Waldir José Rampinelli – 2004.
2. *Uma Ilusão de Desenvolvimento – Nacionalismo e Dominação Burguesa nos Anos JK*, de Lúcio Flávio de Almeida – 2006.

3. *Imperialismo e luta de classes no mundo contemporâneo*, de James Petras – 2007.
4. *A volta do século*, de Bolívar Echeverría (sendo traduzido)

18. EXERCÍCIO DE CARGOS EM COLEGIADOS CENTRAIS

- Representante, eleito, pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas para o Conselho Universitário da UFSC, para o período de 1994 a 1996.
- Representante, reeleito, pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas para o Conselho Universitário da UFSC, para o período de 1996 a 1998.
- Presidente eleito, para presidir o Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) da Universidade Federal de Santa Catarina, no período 2010 a 2011 (Vide anexo 16).

19. ATUAÇÃO NA MÍDIA

Ao longo de minha trajetória acadêmica, dei especial atenção à mídia, seja ela escrita, radiofônica, televisiva ou alternativa. Entendo que por meio dela se pode atingir um público maior, levando uma visão crítica dos acontecimentos que a história ajuda a ter.

Para tanto, tenho participado com certa regularidade de programas de rádio e televisão, como também tenho sido convidado para escrever em jornais sobre determinados temas em conjunturas específicas, sejam eles nacionais ou internacionais.

Contabilizando entrevistas, mesas redondas, comentários e programas, somam aproximadamente 250 participações nos seguintes meios de comunicação:

- Televisões: RBS, TVCOM, *TV Barriga Verde*, *TV Bandeirantes*, *TV Cultura*, *TV da Assembleia Legislativa (TVAL)*, *TV Floripa*, *TV São José* (todas de Florianópolis).
- Rádios: *Rádio CBN*, *Rádio Guarujá*, *Rádio Udesc*, *Rádio Ponto*, *Rádio Novo Tempo*, *Rádio Comunitária do Campeche* (todas de Florianópolis), *Rádio Onda Jovem* (Forquilha), *Rádio Eldorado* (Criciúma), *Rádio Havana* (Cuba).
- Jornais: *Diário Catarinense*, *ANcapital* (todos de Florianópolis), *A Notícia* (Joinville), *El Día* (México).

Os assuntos mais debatidos em todos estes encontros foram: eleições gerais em Santa Catarina e no Brasil; datas significativas e representativas para a história; o nacionalismo na América e suas implicações com os Estados Unidos; a guerras de Israel e seu genocídio contra os palestinos; a importância do conhecimento da história para a população

Atendendo a um jornalismo crítico, tenho concedido entrevistas sobre temas latino-americanos, política internacional e assuntos específicos. Tais entrevistas, uma vez editadas, são postas à disposição do público em diversos *sites*, conectadas com o *youtube*. Algumas delas atingiram um número significativo de visualizações, tendo-se em conta que todas têm a duração de mais de 10 minutos.

Atualização até o dia 31/03/2015

- *Relação EUA X Venezuela* – 17 de março de 2015 - 383 visualizações
- *O México no início de 2014* – 25 de fevereiro de 2014 – 497 visualizações.
- *Virginia Fontes e Waldir Rampinelli* – 7 de março de 2014 – 144 visualizações.
- *Análise sobre a Ucrânia* – 7 de março de 2014 – 2.093 visualizações.
- *A Guatemala: história e conjuntura* – 17 de março de 2014 – 508 visualizações.
- *50 anos do golpe de 64-I*, 22 de abril de 2014 – 238 visualizações.
- *50 anos do golpe de 64-II*, 22 de abril de 2014 – 172 visualizações
- *50 anos do golpe de 64-III*, 22 de abril de 2014 – 181 visualizações.

- *Revolução dos Cravos – 40 anos* – 25 de abril de 2014 – 2.877 visualizações.
- *Um retrato histórico de João Paulo II* – 15 de maio de 2014 – 325 visualizações.
- *Israel e uma história crítica* – 23 de agosto de 2014 – 809 visualizações.
- *O livro da minha vida* – 28 de agosto de 2014 – 335 visualizações.
- *México e o massacre de estudantes* – 23 de outubro de 2014 – 515 visualizações
- *A vitória de Cuba* – 18 de dezembro de 2014 – 1.343 visualizações.
- *Guatemala: a derrota da revolução e sua relação com a América Latina* – 22 de junho de 2014 – 220 visualizações.
- *Os atentados em Boston* – 16 de abril de 2013 – 301 visualizações.
- *As doutrinas dos Estados Unidos para a América* – 22 de setembro de 2011 – 1531 visualizações.
- *O papel da universidade contemporânea* – 11 de outubro de 2011 – 1.121 visualizações.
- *Encontro de pesquisadores em História das Américas* – 3 de agosto de 2010 – 152 visualizações.
- *200 anos de lutas pelas independências* – 28 de maio de 2010 – 184 visualizações.
- *IVº Simpósio de Lutas Sociais* – 21 de setembro de 2010 – 121 visualizações.
- *Encerramento das Jornadas Bolivarianas* – 16 de abril de 2010 – 292 visualizações.
- *A crise não é apenas financeira é estrutural* – 16 de maio de 2009 – mais de 300 visualizações
- *Escritor colombiano é censurado na Editora da UFSC* – 22 de set. de 2009 – 470 visualizações.
- *Honduras: a resistência tem que vir do povo* – 4 de agosto de 2009 – 51 visualizações

Na Rádio Onda Jovem FM – Forquilha/Sul de SC., mantenho, há quatro anos um programa semanal que tem por finalidade realizar um comentário sobre política nacional ou internacional, a partir dos estudos históricos. Quando convidado a fazer tais comentários, uma das sugestões dadas pelo coordenador de notícias é que fossem análises críticas com base nos conhecimentos históricos do convidado, fugindo, obviamente, das análises comuns e corriqueiras.

Os títulos dos comentários semanais não exprimem todo o seu conteúdo, mas dão uma visão do falado e comentado.

- Eduardo Cunha: o achacador.
- As manifestações do dia 15/03
- ¡*Qué se vayan todos!*, sobre a lista de parlamentares envolvidos em corrupção.
- A greve dos caminhoneiros: uma greve dos patrões
- O assalto ao Estado brasileiro por parte das empreiteiras
- A Câmara nas mãos do preconceito
- As classes dominantes no Brasil
- Racismo nos Estados Unidos
- As eleições na Grécia
- A liberdade de expressão – Charli Hebdo
- Os médicos bandidos das próteses
- Retrospectiva 2014
- Cuba e Estados Unidos – o reatamento das relações diplomáticas
- A Comissão Nacional da Verdade
- A quebra do monopólio do Clarin na Argentina
- A validade dos partidos políticos
- O governo de João Goulart
- Para os ricos os favores da lei, para os pobres os rigores da mesma
- A prisão dos empresários das empreiteiras
- A reforma política e a extinção do Senado Federal
- O veto aos conselhos populares, a rejeição à democracia participativa
- Aécio e uma campanha machista
- O monopólio apóia Aécio
- Aécio neoliberal II
- Aécio no segundo turno II
- A importância do voto no dia 5 de outubro
- Gaza depois do bombardeio
- Marina e o Estado laico
- Caiu a máscara de Marina em Santa Catarina
- Marina Silva
- A propaganda política 2014
- A morte de Eduardo Campos
- O gueto de Varsóvia e o gueto de Gaza

- A desconstrução do conceito de holocausto e a idéia de genocídio
- Israel e sua política internacional para a América Latina
- Israel ataca Gaza
- Genocídio na Faixa de Gaza
- Neymar e a comoção provocada pela Rede Globo de Televisão
- As convenções no Brasil
- A sucessão da monarquia na Espanha e a oposição dos republicanos
- A Copa do Mundo 2014 II
- A Copa do Mundo 2014 I
- Eleições para o Parlamento Europeu
- Por que greves, agora?
- O acidente nas minas da Turquia
- A guerra civil na Ucrânia
- A canonização de dois Papas: duas estratégias distintas
- A ocupação Amarelado
- A teoria marxista da dependência
- A tortura na ditadura militar
- 1964 faz 50 anos
- Médica cubana no arrancadão
- A senadora e a CIA: espionagem em casa
- Os Estados Unidos e seu militarismo no mundo
- Rio Centro e o atentado terrorista
- O governo de Maduro na Venezuela e o acirramento das lutas de classes
- O caso Rubens Paiva
- O México e o domínio do narcotráfico
- A realidade dos indígenas na Guatemala
- 13º salário e as festas de fim de ano
- O novo governo de Michele Bachelet no Chile
- Jose Dirceu e José Genoíno
- A presidente Cristina e a lei de meios na Argentina
- A dinastia dos Sarney
- O leilão libras
- Os imigrantes africanos em busca de emprego
- Professores expulsos da Câmara de Vereadores do Rio.
- Lançamento do livro “A CIA e o terrorismo de Estado”

- Acordo Obama-Putin sobre a Síria
- Editorial do Globo sobre o golpe de Estado: tentando salvar o insalvável
- Armas químicas na Síria
- O caso do senador boliviano: o uso da mídia para atacar o Itamaraty
- Egito e o banho de sangue patrocinado pelo exército
- As redes de TV no mundo e sua defesa do capitalismo internacional
- A democracia no Egito
- A espionagem dos Estados Unidos
- As manifestações de junho no Brasil
- A necessidade da extinção da polícia militar
- A Troika na Europa e o desastre
- Os atentados em Santa Catarina
- A função política dos megaeventos desportivos
- A função política do Prêmio RBS de Televisão
- Os despejos na Espanha – o *desahucio*
- Os atentados de Boston
- As duas Coreias
- O Estado laico: uma necessidade para o Brasil
- 10 anos de guerra colonial no Iraque
- A visão latino-americana de Chávez
- A morte de Chávez e o que ela significa para a América Latina
- Renán Calheiros e a condução do Senado Federal
- A renúncia do Papa por conta da corrupção no Estado do Vaticano
- A realidade econômica da Espanha
- Mali: uma colônia francesa?
- As bases militares dos Estados Unidos
- O zapatismo
- Retrospectiva 2012
- A corrupção no Brasil
- Palestina: a necessidade de um Estado livre e soberano
- A crise na Europa
- As eleições nos Estados Unidos: são democráticas ou comandadas pelo grande capital?
- Por que o jovem não tem interesse em votar?
- A revolta dos muçulmanos

- Lições do mensalão
- O voto ideológico
- Sentença de juiz se discute
- A propaganda eleitoral
- Prefeitos da bacia do Rio Mãe Luzia e a despoluição do mesmo
- Síria e a guerra civil
- O Chile de Bachelet
- Eleições no México: sempre corruptas
- A CPI do Cachoeira
- A cassação do senador Demóstenes
- O golpe de Estado no Paraguai
- Rio+20 e Grupo dos 20
- A crise civilizacional
- YPF e a nacionalização da presidente Cristina F. de Kirchner
- A cúpula das Américas
- A CELAC
- As funções de um congresso
- A guerra civil na Síria e a intromissão dos Estados Unidos
- As Malvinas são argentinas
- As eleições nos Estados Unidos e o domínio de dois partidos: *más de lo mismo*
- Brasil: 6ª economia do mundo e a pobreza do Maranhão
- A Coreia do Norte
- Para a crise capitalista, mais capitalismo
- O movimento *Occupa Wall Street*

13. ATUAÇÃO NO SINDICATO DOS PROFESSORES DA UFSC

Fui eleito para o cargo de secretário-geral da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina (APUFSC-SSIND/SN), gestão 1994 - 1996.

Eram, então, tempos do governo Fernando Henrique Cardoso e de seu ministro de Educação, Paulo Renato, que atacavam sistematicamente as universidades públicas brasileiras.

Na condição de secretário-geral, coube-me um intenso papel político e acadêmico, atuando, quer na organização de temas para os boletins semanais, quer na montagem do jornal mensal, quer na revista semestral. Para tanto, organizávamos encontros, mesas redondas, simpósios internacionais e congressos com intelectuais de todo o continente americano (dos Estados Unidos à Argentina) para discutir as privatizações das universidades públicas, que em alguns países já tinham acontecido (Chile) e em outros estavam por se dar (México). Entrevistas e artigos de James Petras (Universidade Estatal de Nova Iorque), de Luis Javier Garrido (Universidade Nacional Autónoma do México), de Pablo Gentili (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), de Osvaldo Coggiola (Universidade de São Paulo) foram algumas das publicações da Revista *Plural*, pertencente à APUFSC.

A revista, o jornal e o boletim registravam as idéias de todos estes intelectuais e, uma vez publicadas, eram distribuídos para todas as universidades do Brasil. Deste modo, transformávamos uma luta local em nacional e cumpríamos uma estratégia do ANDES-SN (Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior – Sindicato Nacional) que buscava unificar as sedes regionais em torno de um objetivo comum.

Eram tempos de luta política, de trabalhos acadêmicos e de defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade. Vencemos uma grande batalha, juntamente com os estudantes, os técnico-administrativos e ganhou, obviamente, a sociedade brasileira que manteve a sua universidade pública e gratuita.

Não fossem trabalhos desta magnitude, conectados com o sindicato nacional e os movimentos latino-americanos, a universidade pública brasileira teria sido privatizada e a população carente seria a grande perdedora.

Publicações relevantes da APUFSC-SSIND

Na gestão 1994-1996, sob a coordenação do secretário-geral, a Revista *Plural*, cuja periodicidade é semestral, teve quatro números publicados. Cada exemplar abordou um tema central de capa com artigos ou entrevistas com intelectuais brasileiros, latino-americanos e estadunidenses de renome. Até hoje ela é consultada em alguns cursos de graduação e pós-graduação, tamanha ainda sua importância.

- Revista *Plural*, nº 5, ano 3, ago/dez/ 1993
Tema central: Mercosul e as metamorfoses no mundo do trabalho
- Revista *Plural*, nº 6, ano 4, ago/dez 1995
Tema central: APUFSC-SSIND faz vinte anos
- Revista *Plural*, nº 7, ano 5, jan/jun 1996
Tema central: A esquerda e o neoliberalismo na América Latina
- Revista *Plural*, nº 8, ano 5, jul/dez 1996
Tema central: Globalização e neoliberalismo

Na gestão 1994-1996, por iniciativa do secretário-geral, foi criada uma equipe de três docentes do Departamento de História (Eunice Nodari, Marcos Vinícios de A. Saul e Waldir José Rampinelli) que por sua vez coordenou um grupo de estudantes para estudar, pesquisar e levantar documentos da APUFSC em seu aniversário de vinte anos. A pesquisa foi longa e os trabalhos duros. O resultado foi a publicação do livro *Luta e Resistência – APUFSC 20 Anos* (Florianópolis: Editora da UFSC, 1996, 232 p.)

Marli Auras, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC e integrante da diretoria da APUFSC na gestão 1980-82, resenhou *Luta e Resistência* e assim se expressou sobre ele: “Por certo foi um trabalho exaustivo e perseverante, dada a desorganização e dispersão dos próprios arquivos da Associação. As fontes consultadas – como informam os coordenadores logo no início da obra – resultaram numa *montanha* de fichas que, com o auxílio da informática,

forneceram os dados para a redação final do texto. O resultado de tal esforço investigatório é rico e interessante.”

E continua a própria Marli: “Há fortes tensões histórico-lógicas perpassando toda a obra. Há um esforço de análise, no último capítulo, acerca do refluxo do sindicalismo classista e combativo, particularmente no que concerne ao movimento docente. “Se o debate dos anos 60 e 70 foi a revolução, o do final dos 80 e 90 passou a ser a reação. A grande maioria dos revolucionários de ontem discute não mais o socialismo e sua estratégia de implantação, mas sim que tipo de capitalismo adotar” (p. 119). O sindicalismo de classe dá lugar ao de participação.

Na função de secretário-geral da APUFSC, esta foi a grande estratégia que adotamos: realizar um debate contínuo e permanente com intelectuais de todas e regiões para analisar e compreender os novos rumos que o mundo do trabalho tomava e, por certo afetaria, como afetou a categoria dos professores universitários.

E assim termina o livro: “A hora é novamente de resistência e luta, e, por certo, muita resistência e luta”.

21. À GUIZA DE CONCLUSÃO

Ao concluir este MAA, reafirmo a necessidade de continuar avançando tanto em projetos acadêmicos, como na função de intelectual. Na verdade, somos tão pouco afeitos a crítica que Marc Bloch já nos recordava que só “arriscamos seu uso pedindo desculpas antecipadas”. Por isso, ele considerava 1681 uma grande data na história do espírito humano – ano da publicação do *De re diplomática* – por conta da fundação da crítica aos documentos. Até então eles eram intocáveis (Bloch, 2001, p. 90-91). Braudel, por sua vez, vai nos ensinar a ler o documento nas suas entre linhas, ou seja, no seu entorno.

Na história política, a mídia nos apresenta um mundo de verdades, pronto e acabado. Basta, apenas, consumi-lo. Pelo contrário, o ensino da história procura “compreender o presente pelo passado” e ao mesmo tempo entender “o passado pelo presente”. Dessa maneira abre-se uma perspectiva para o futuro, não exercendo a pessoa apenas a função de historiador, mas a de um ser do seu tempo, e parecendo-se, como diz o provérbio árabe, muito mais com sua época que com seus pais.

A história, como as outras ciências, será sempre incompleta se não ajudar as pessoas a viverem melhor. Ela tem obrigação de trabalhar em favor dos homens e das mulheres, já que estes são o objeto primeiro de seu estudo.

Felipe Guaman Poma de Ayala, um dos primeiros historiadores da América conquistada, teorizou sobre o “bom governo” e o “bom viver”, a partir do poder dos de *abajo*. Isso no Peru de 1615. Ele escreveu e pintou sobre o colonialismo espanhol e a vida dos povos originários, mostrando como esta nova forma de dominação encobria a realidade nativa, gerando um péssimo governo e um mau viver. Tanto que nos idiomas aymara e quéchua não existem as palavras “opressão” ou “exploração”, incongruentes com a prática de suas organizações. Ambas as concepções se resumem, nas referidas línguas, na noção de “empequeñecimiento”, que se associa à condição

humilhante da servidão. Muitos indígenas chegaram a pensar, por conta da violência utilizada pelos conquistadores contra as entidades políticas vigentes nos Andes, que os vindos de fora não fossem seres pertencentes à humanidade. Era a imagem originária da condição não humana do outro: o espanhol. (Poma de Ayala, 1993.)

Portanto, é obrigação de todo historiador e de toda historiadora responder as grandes e pequenas indagações da humanidade, sejam elas feitas pelos adultos ou pelas crianças, falando “no mesmo tom, aos doutos e aos estudantes”.

Ao longo de minha trajetória acadêmica procurei trabalhar, estudar e viver tais princípios. Só a crítica me dirá se consegui realizar tamanha empreitada.

22. BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Lorena. *Guaman Poma – literatura de resistencia en el Peru colonial*. México: Siglo XXI, 1991.

BLOCH, Marc. *A apologia da história – ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 2ª edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

CUEVA, Agustín. *El desarrollo del capitalismo en América Latina*. 23ª edição, México: Siglo XXI, 1990.

FREYRE, Gilberto. *Aventura e rotina*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora Univer Cidade, s.d.

----- . *Um brasileiro em terras portuguesas*. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1954.

GILLY, Adolfo. *La revolución interrumpida*. México: Editora El Caballito, 1971.

GOFF LE, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

KATZ, Friedrich. *La guerra secreta en México*. México: Editora ERA, 1982.

MARINI, Ruy Mauro. *Subdesarrollo y revolución*. 12ª edição, México: Editora Siglo XXI, 1985.

MATTEI, Lauro (org.). *América Latina no limiar do século XXI*. Florianópolis: Editora Insular, 2001, cap. 2, O centenário da Revolução Mexicana, p. 45-74.

MICHELET, J. reeditado nas suas *Oeuvres*, 1974, vol. 4.

NERUDA, Pablo. *Confieso que he vivido – memórias*, México: Editora Seix Barral, 1989.

POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva corónica y buen gobierno* [1615]. México: Fundo de Cultura Econômica, 1993, 3 vols.

ROA BASTOS, Augusto. *Yo El Supremo*. 15ª edição, México: Siglo XXI, 1988.

RÉMOND, René (org.) *Por uma nova história política*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Manoel Alves. *Caminho*. s.d.

SAID, Edward. "O papel publico de escritores e intelectuais". In: MORAES, Dênis (Org.) *Combates e utopias*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 25-50.

SANTOS, Milton. "O intelectual, a universidade estagnada e o dever da crítica". In: MORAES, Dênis (Org.) *Combates e utopias*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 167-172.